



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras


Tatiana Goulart de Macedo Secundino

Delírios do verbo pegar: transformações de esquemas em *corpora* de língua falada e escrita

Rio de Janeiro
2018

Tatiana Goulart de Macedo Secundino

Delírios do verbo pegar: transformações de esquemas em *corpora* de língua falada e escrita



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S446 Secundino, Tatiana Goulart de Macedo.
Delírios do verbo pegar: transformações de esquemas em corpora de
língua falada e escrita / Tatiana Goulart de Macedo Secundino. –
2018.
94 f. : il.

Orientadora: Tânia Mara Gastão Saliés.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Verbos – Teses 2. Análise do discurso – Teses.
3. Língua portuguesa - Polissemia – Teses. 4. Gramática cognitiva – Teses.
I. Saliés, Tânia Maria Gastão. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-541.45

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tatiana Goulart de Macedo Secundino

Delírios do verbo pegar: transformações de esquemas em *corpora* de língua falada e escrita

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovado em: 28 de março de 2018.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés (Orientadora)
Instituto de Letras- UERJ

Prof^ª. Dra. Sandra Pereira Bernardo
Instituto de Letras- UERJ

Prof^ª. Dra. Maria Lúcia Leitão
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que com todo o amor, zelo e dedicação acreditaram e investiram em mim.

Aos mestres que com amor levam o saber além dos muros da escola.

AGRADECIMENTOS

Na estrada do conhecimento existem muitos caminhos a ser trilhados, mas muitos só são possíveis se ao nosso lado tivermos um guia, uma espécie de luz que através da sua experiência organiza logicamente todo o nosso pensamento. Sim, o orientador é fundamental para o processo de aprendizagem e confecção da dissertação, por isso agradeço, em especial, a minha orientadora Dr^a Tânia Saliés, pois ela acompanhou todo o meu processo de escrita e reescrita e reescrita ad eternum (rs...). Obrigada, você é brilhante!

Agradeço também a minha maior luz que me ilumina e me acalma em todos os momentos decisivos, obrigada, Deus! Gostaria também de dedicar essa dissertação a toda a minha família que me estruturou como ser humano e me deu base para que eu prosseguisse com os meus estudos, sem eles, sem dúvida, a minha jornada até aqui não seria possível, muito obrigada por tudo.

Indubitavelmente a minha escolha por ser professora deve-se à grande admiração de inúmeros professores e professoras que tive a oportunidade de conhecer tanto na vida escolar quanto na vida acadêmica. Dedico aqui as minhas singelas homenagens a uma grande e para mim imortal professora, conhecida como Dona Flávia, que com grande maestria me inseriu no mundo das letras. Outra grande docente que não posso deixar de citar é a Maria Angélica que tive a oportunidade de conhecer no meu ensino fundamental, devo a ela a minha estima pela Língua Portuguesa.

Agradeço também a banca examinadora da minha dissertação pelas contribuições, é uma honra ter uma banca desse porte com tanto comprometimento em um momento tão conturbado da nossa querida UERJ. Deixo também registrado o meu agradecimento ao professor Dr. Ivo do Rosário, pois a partir da disciplina dele pude me preparar melhor para o meio acadêmico.

Por fim, o meu agradecimento ao meu avô materno Luís Pereira que apesar do pouco estudo nunca lhe faltou sabedoria. Foi o meu primeiro aluno, no entanto foi ele quem mais me ensinou e me ensina até hoje. Nada vale o saber se não houver sabedoria para administrá-lo. Obrigada, vô!

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para
cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —
O verbo tem que **pegar** delírio.

Manoel de Barros

(GRIFO NOSSO)

RESUMO

SECUNDINO, Tatiana Goulart de Macedo. **Delírios do verbo pegar**: transformações de esquemas em *corporas* de língua falada e escrita. 2018. 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A pesquisa analisa as construções com o verbo *pegar* e observa os sentidos que lhes são atribuídos de acordo com a situação comunicacional. O intuito foi identificar aqueles que são mais recorrentes, se há motivação entre eles e se formam categoria radial. À luz de estudos anteriores, o verbo *pegar* tem caráter multissignificativo que ultrapassa o sentido prototípico (= segurar) e vai além dos sentidos já dicionarizados. Sua descrição a partir de modelos de uso assume um papel crucial, pois pode propiciar a dimensão real da multissignificação já apontada por outros autores como SIGILIANO (2006, 2008). Para tal, o estudo debruça-se sobre os *corpora* do *Corpus D & G* (Discurso e Gramática) da cidade do Rio de Janeiro gerado na década de 90, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, para observar qual é a forma mais utilizada do verbo *pegar*, possíveis alterações ou regularidades, usando o software *AntConc*. Além da multissignificação do *pegar*, o estudo também examina a construção “pegar + (e) + v2” que é muito recorrente na língua oral e que, no entanto, aparece no registro escrito dos *corpora* D & G (Discurso e Gramática), disponíveis online pelo site <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>. As ocorrências são interpretadas à luz de princípios da Linguística Cognitiva tais como: categoria radial (LAKOFF, 1987), esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1990, LAKOFF & TURNER, 1989) e suas transformações (JOHNSON 1987, LAKOFF 1987, GIBBS & COLSTON, 1995, TURNER, 1996) e metáfora conceptual (LAKOFF & JONHSON, 1980), o que torna o estudo quanti-qualitativo. A análise indica que a relação entre os usos é motivada pelo esquema imagético MOVIMENTO, que ocupa o centro prototípico da categoria e se transforma em TRAJETÓRIA e CONTATO em todos os casos, dentre outros aspectos. Esses esquemas possibilitam a montagem da categoria radial para explicar os delírios do verbo *pegar*.

Palavras-chave: Polissemia. Prototipicidade. Esquemas imagéticos. Transformações. Verbo Pegar.

ABSTRACT

SECUNDINO, Tatiana Goulart de Macedo. **Delusions of the verb to catch:** transformations of schema in corpora of spoken and written language. 2018. 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This research analyzes constructions with the verb PEGAR (= to get; to hold; to catch) and observes the meanings attributed to them according to the communicational situation. The purpose is to identify the most recurrent senses, verify if there is motivation among them and if the verb forms a radial category. In light of previous studies, the verb PEGAR shows multiple meanings that go beyond the prototypical sense (= to hold; to get) and those present in dictionary entries. Thus, its description based on usage models assumes a crucial role in providing the area with a thorough understanding of the verb's multiple meanings, as it has already been pointed out by others such as SIGILIANO (2006, 2008). To do this, the study focuses on the D & G written and oral corpora (Discourse and Grammar) collected at the city of Rio de Janeiro in the 90's, available online (<http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>). The objective is to advance the verb's most used form, its possible alterations or regularities, and possible motivations among its usages. In addition, the study also examines the "get + (e) + v2" construction that is very recurrent in spoken language and that appears in the written D & G corpora (Discourse and Grammar). To reach these goals, the research drew on Cognitive Linguistics and concepts such as radial category (LAKOFF, 1987), image schemas (JOHNSON 1987, LAKOFF, 1987, 1990, LAKOFF & TURNER, 1989) , LAKOFF 1987, GIBBS & COLSTON, 1995, TURNER, 1996) and conceptual metaphor (LAKOFF & JONHSON, 1980), First, it quantified the frequencies of each use and / or construction by means of a software (AntConc) and second qualitatively analyzed them in the light of the concepts mentioned above. The analysis indicates the relation among senses is motivated by the image schema MOVEMENT, which occupies the center of the category, subsequently transforming itself in TRAJECTORY and CONTACT in all cases, among other aspects. These schemas authorize the radial category with the multiple senses of *pegar*.

Keywords: Polysemy. Prototypes. Image Schemas. Image schema transformations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Categoria radial da expressão pronominalizada “a gente”	23
Quadro 1 –	Instruções seguidas pelos entrevistadores	27
Tabela 1 –	Número de palavras no <i>corpus</i> D&G Rio de Janeiro	28
Quadro 2 –	MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS	38
Tabela 2 –	Frequência do verbo pegar	46
Tabela 3 –	Grupos de sentidos do Rio de Janeiro 1	55
Tabela 4 –	Grupos de sentidos do Rio de Janeiro 2	57
Gráfico 1 –	Grupos de sentidos totalizados dos corpora D&G Rio de Janeiro	58
Gráfico 2 –	Categoria radial do verbo pegar	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CA	Centro Avançado de Ensino (EJA- Ensino Médio e educação para Jovens e Adultos)
D&G	Discurso e Gramática
LC	Linguística Cognitiva
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
NURC/SP	Projeto da Norma Urbana Oral Culta de São Paulo
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	REVISÃO DE LITERATURA	17
1.1	O verbo <i>pegar</i> na literatura	17
1.2	A construção “Pegar + (e) + V2”	20
1.3	Polissemia e categorias radiais	22
2	METODOLOGIA	26
2.1	Os <i>corpora</i>	26
2.1.1	<u>Natureza da pesquisa</u>	29
2.1.2	<u>Procedimentos Metodológicos</u>	29
2.1.3	<u>Procedimentos de Análise</u>	30
2.1.3.1	A análise quantitativa	30
2.1.3.2	A análise qualitativa	31
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
3.1	Linguística Cognitiva: pressupostos e princípios	32
3.2	Teoria do Protótipo	34
3.3	Princípios sociognitivos que regem as extensões de sentido	36
3.3.1	<u>Esquemas imagéticos e suas transformações</u>	39
3.3.2	<u>Perspectivação e perfilagem</u>	43
4	OS DELÍRIOS DO VERBO PEGAR	46
4.1	Pegar discursivo: língua escrita <i>versus</i> língua falada	47
4.2	Multissignificações: o <i>pegar</i> como categoria radial	50
4.2.1	<u>Grupos de sentidos</u>	53

4.2.2	<u>Pegar como uma categoria radial</u>	60
4.2.3	<u>Discussão</u>	62
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFLEXÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE	71

INTRODUÇÃO

O interesse pelo verbo *pegar* e os possíveis múltiplos sentidos a ele associados justifica-se inicialmente pelo fato de o uso de construções com o verbo *pegar* ser bastante recorrente no discurso, fazendo com que adquiram diversas funções, dependendo da situação comunicativa. De acordo com a descrição do dicionário Aurélio Online, o verbo *pegar* possui 16 sentidos:

v.t. Agarrar, segurar. / Fazer aderir; colar, grudar. / Comunicar por contágio ou contato; transmitir: ele me pegou a doença. / &151; V.i. Lançar raízes: a planta pegou. / Generalizar-se: a moda pegou. / Começar: pegou logo no trabalho. / Ser contíguo: esta sala pega com a outra. / Fam. Colar no fundo de um recipiente durante o cozimento: o arroz pegou. / Pedir auxílio a: pegou-se com os santos. / Altercar: os dois pegaram-se feio. / Não dar motivo a crítica: não tem nada por que se lhe pegue. / Não prestar para nada: não tem por onde se lhe pegue. // Pegar no pesado, trabalhar. // Pegar no sono, adormecer. // Pegar fogo, incendiar-se. // Pop. Isso não pega, isso não convence.

No entanto, através da observação da língua em uso nos *corpora do Corpus D&G* do Rio de Janeiro, nesta dissertação, parece que esse número de acepções é mais extenso do que os dicionarizados. Por exemplo, o uso do *pegar* nos sentidos de coletar e atingir não me parecem contemplados acima. Além desses, outros sentidos que instanciam as metáforas PESSOAS SÃO OBJETOS, ANIMAIS SÃO OBJETOS, MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS não aparecem dentre os sentidos dicionarizados. Tais sentidos serão investigados à luz da Linguística Cognitiva e do conceito de esquemas imagéticos, estruturas cognitivas que emergem da experiência sensório-motora e que são por nós recrutadas no processo de conceptualização e raciocínio. De acordo com Johnson (2007) “os esquemas imagéticos são a base do nosso entendimento de termos espaciais e de todos os aspectos de nossa percepção e atividade motora”¹.

Etimologicamente, segundo o dicionário HOUAISS (2001), o verbo *pegar* está ligado a ideia de “sujar (-se) com breu ou piche, impregnar (-se) de breu ou piche, ter em si, trazer para si”, ou seja, a origem do verbo trás a noção de MOVIMENTO, um esquema imagético propenso a gerar outros sentidos por meio de projeções, segundo o paradigma da Linguística Cognitiva, aqui adotado. Se o verbo *pegar* envolve MOVIMENTO, investigar os esquemas imagéticos que dão origem aos seus usos pode vir a explicar a rede de sentidos que é ativada

¹ Image-schematic structure is the basis for our understanding of spatial terms and all aspects of perception and motor activities (Johnson, 2007, p. 141). Nossa tradução.

pelo verbo, como ela opera dinamicamente no discurso ao combinar as dimensões mental, corporificada e interacional do processo de construção de sentido.

Além dos motivos já elencados, uma análise mais aprofundada sobre a utilização e a polissemia de certas construções com o verbo *pegar* no Português do Brasil pode disponibilizar uma demarcação sintática e semântica das mudanças de tal verbo que ora funciona como verbo não pleno “Ele *pegou* e saiu com ela” ora como principal “Eu não *peguei* o cheque”. No primeiro exemplo é possível verificar o seguinte esquema [(Suj.) + V1 + (e) + V2] sendo o V1 o verbo *pegar*. No segundo exemplo, verifica-se o verbo flexionado em primeira pessoa que corresponde a uma ação. Nos dois usos, há conotações diferenciadas, visto que, no primeiro exemplo, o verbo *pegar* foge do seu sentido prototípico que é *segurar*.

A pesquisa pretende assim contribuir para a atualização das descrições do verbo *pegar* que frequentemente aparecem em nossa língua, verificar de que forma se dá seu emprego, se há alguma forma/função que está aparentemente sendo abandonada e as prováveis inovações em seu uso, a partir dos dados da língua falada e escrita encontrados nos *corpora* da cidade do Rio de Janeiro, uma dentre as cinco cidades que compõem o *Corpus D&G*.

A análise focará especificamente no fenômeno da polissemia desse verbo. Segundo Evans & Green (2006), quando um item lexical é associado a dois ou mais significados que parecem estar relacionados de alguma forma, dizemos que ele é polissêmico. A polissemia, segundo os autores, deve ser guiada por princípios, ou seja, destacam a necessidade de entender a relação entre os sentidos e não apenas numerá-los. Esses princípios são fundamentais, para que não haja maximização dos sentidos, ou seja, visam sintetizar os sentidos básicos encontrados. Além disso, a polissemia relaciona-se com o acesso a domínios diferentes, aos conhecimentos prévios que cada falante possui da língua. Enfim, não se trata simplesmente de encontrar interpretações diferentes para o verbo *pegar*. O objetivo é entender a base cognitiva, sensório-motora e interacional que regem os sentidos do verbo *pegar* encontrados nos *corpora*.

Motivações da pesquisa

Meu interesse por polissemia, em especial a polissemia do verbo *pegar*, nasceu com Manoel de Barros, em destaque na epígrafe desta dissertação. Nela, o poeta sinaliza a preocupação em dissociar o verbo ou a palavra dos seus lugares comuns, convencionais e apontar para suas possíveis multissignificações ou “delírios”. Ora, se o verbo “delira”, novos sentidos podem ser encontrados nesse devaneio (delírio). Dessa forma, antecipo podermos

encontrar novos usos e extensões de sentido para além daqueles já presentes na literatura para o verbo *pegar*.

Assim como a criança é capaz de inovar e criar palavras e, mesmo assim, estabelecer comunicação com frases inusitadas, o exercício da linguagem nos possibilita tal criatividade (“O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto **a cor** dos passarinhos”, *meu grifo*), atribuindo ao verbo *escutar* uma capacidade que ele de fato não possui: escutar uma cor, que se constitui uma anomalia semântica convencionalmente. Fato é que a criança não domina os parâmetros funcionais que determinam que o verbo *escutar*, por exemplo, não se aplica às cores, mas isso não a impede de se comunicar e criativamente usar essa combinação. Aliás, foi exatamente a quebra das ligações convencionais por intermédio de combinações inusitadas que geraram no poema metáforas que nos levam para extensões de sentido. Como diz Manoel de Barros “a criança não sabe que o verbo *escutar* não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira [...] Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos — / O verbo tem que **pegar** delírio” (*meu grifo*; Manoel Barros, p. 17, 1993). E se o verbo tem que “**pegar** delírio”, nada melhor do que estudar e entender como esses “delírios” conversam com os bastidores de nossa cognição. É o que me motivou e que me proponho a desenvolver nessa pesquisa.

Essa motivação nasceu em 2015, ano em que eu cursei uma disciplina como crédito avulso na Universidade Federal Fluminense, cujo título era Parataxe, Hipotaxe e Correlação em perspectiva funcional. A partir dessa disciplina pude ter um contato maior com a Linguística Centrada no Uso e comecei a me interessar pela multissignificação do verbo *pegar*.

Através da observação tanto da fala quanto da língua escrita nos *corpora* do D&G Discurso e Gramática, comecei a entender o quanto o uso do verbo *pegar* é produtivo na língua e procurei explicar a multissignificação desse verbo através dos preceitos do funcionalismo norte americano. Por outro lado, algumas perguntas e inquietações em relação às extensões de sentido do verbo *pegar* permaneceram. Elas se transformaram em minhas perguntas de pesquisa conforme delineio na página 15. Para respondê-las, o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva apresentou-se como uma alternativa que possivelmente as contemplava. Então, busco explicar as possíveis extensões de sentidos do verbo *pegar* e a motivação sociocognitiva que rege e/ou une essas extensões nos *corpora* do D&G do Rio de Janeiro.

Objetivos

Nesta seção delinheio o objetivo geral da dissertação e os objetivos específicos envolvidos na pesquisa que apresenta como tema central a polissemia do verbo *pegar*.

Objetivo geral

Analisar as construções com verbo *pegar* sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, observando os sentidos que emergem de acordo com a necessidade comunicativa dos falantes. O intuito é identificar os sentidos mais usuais e entender as extensões de sentidos existentes e se há relação motivada entre eles.

Objetivos específicos

1. Analisar usos e construções do verbo *pegar* presentes nos *corpora* do D&G do Rio de Janeiro;
2. Verificar se há extensões de sentido e entender a motivação sociocognitiva entre elas, caso houver;
3. Observar em especial a construção “pegar + (e) + v2”.

Perguntas de pesquisa

1. Que sentidos do verbo *pegar* são discursivamente projetados pelos interlocutores nos *corpora* em tela?
2. Esses sentidos formam uma categoria radial? Caso sim, qual seria ela?
3. Quais as motivações sociocognitivas que regem os usos do verbo *pegar* nos *corpora* D&G do Rio de Janeiro?

Pretendemos responder as perguntas de pesquisa no decorrer desta dissertação, lançando mão de processos sociocognitivos, a saber esquemas imagéticos e suas transformações, projeções metafóricas e metonímicas se houver.

Para que as perguntas formuladas possam ser respondidas, o presente estudo encontra-se dividido em quatro capítulos. No **capítulo 1**, resenho a literatura em que os múltiplos sentidos

do verbo *pegar* são analisados dentro do paradigma funcionalista e da Linguística Cognitiva. A intenção é apresentar a literatura que inspirou a minha análise e trazer reflexões acerca de como explicar a polissemia do verbo *pegar*. Resenho também trabalhos que lançaram mão dos conceitos de categoria radial e polissemia, mesmo que tratando de outros verbos.

No **capítulo 2**, apresento a metodologia do estudo, explico a organização dos *corpora* do *Corpus D&G*, além de situar a natureza da pesquisa e os procedimentos de análise (quantitativa e qualitativa), deixando claro que o objetivo é analisar os dados de forma qualitativa eminentemente.

No **capítulo 3**, mostro a fundamentação teórica, apresentando os pressupostos e princípios da Linguística Cognitiva que nos interessam particularmente. O objetivo é refletir sobre os princípios sociocognitivos que regem as extensões de sentido do verbo *pegar* com destaque, em especial, para os esquemas imagéticos e suas transformações.

No **capítulo 4**, intitulado *Delírios do Verbo Pegar*, analiso a construção “pegar +(e) + V2” e as multissignificações do verbo *pegar*. Proponho que se trata de uma categoria radial e monto os grupos de sentidos existentes nos *corpora* D&G da cidade do Rio de Janeiro. Cabe ainda mencionar que, em continuidade à análise, no **Apêndice**, mostro todos os casos do verbo *pegar* para cada grupo de sentido encontrado nos *corpora* do *Corpus D&G* do Rio de Janeiro, além de exemplificar cada ocorrência.

Na conclusão, discuto os entendimentos emergentes, as contribuições teóricas, metodológicas e práticas assim como os desdobramentos futuros da pesquisa, por fim exponho minhas reflexões finais.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, resenho trabalhos que abarcam os usos do verbo *pegar* tanto no funcionalismo quanto na Linguística Cognitiva. Do mesmo modo, trato também da construção do “pegar + (e) + V2” na literatura e de trabalhos que examinaram outros verbos à luz dos conceitos de categoria radial e polissemia. A partir dessa revisão de literatura tento estabelecer inspirações para a minha análise.

1.1 O verbo *pegar* na literatura

Os trabalhos que aqui aponto focalizam as construções com o verbo *pegar* à luz do funcionalismo e da Linguística Cognitiva. Destaco os trabalhos de Rodrigues (2004, 2006), Sigiliano (2006, 2008), Leite (s/d) e Silva (2016), reservando espaço especial para o de Sigiliano por se tratar de uma análise cognitivista centrada em esquemas imagéticos, a exemplo do que fazemos nesta dissertação. O conceito, como já mencionado, é o centro de da análise dos *corpora* e da conseqüente multissignificação do verbo *pegar*.

Os trabalhos de Rodrigues (2004) e Sigiliano (2006, 2008), apesar de fazerem análises distintas, são complementares. Sob o âmbito do funcionalismo, Rodrigues (2004) analisa os enunciados do tipo “eu peguei e saí”, olhando os processos de integração de cláusulas. Ela propõe que tais enunciados apresentam uma configuração sintática próxima da coordenação, visto que se formam a partir da sequência de dois ou mais verbos flexionados e conectados por “e”. Todavia, apresentam outras propriedades que ultrapassam os limites da coordenação. Ela sugere que esses enunciados representam um tipo de estrutura intermediária, cujas propriedades não são compartilhadas por nenhuma construção do português brasileiro. A autora chama de CFFs (Construções do tipo Foi e Fez), as quais são caracterizadas por serem construções formadas por V1 e V2 flexionados no mesmo modo/tempo verbal, em que há compartilhamento de sujeito e em que, na posição de V1, podem figurar verbos como *pegar*, *ir* e *chegar*. Como ela analisa construções com esses três verbos e nos *corpora* do D&G essas construções aparecem, julguei importante resenhar o trabalho da autora para o presente estudo.

Já Sigiliano (2008), toma o viés da Linguística Cognitiva e trata do aspecto semântico dessas construções, a fim de comprovar o caráter polissêmico das mesmas. A autora demonstra como as noções de MOVIMENTO e MUDANÇA perpassam as construções com o verbo *pegar* e como este verbo é produtivo devido a sua polissemia. Para isso, a autora assume a perspectiva sociocognitivista e faz uso dos esquemas imagéticos para representar MOVIMENTO e MUDANÇA. Através da análise dos dados da fala mineira, coletados da cidade de Ibitipoca e das audiências do Procon de Juiz de Fora, a autora consegue comprovar a hipótese da existência de uma rede de significados que soma seis esquemas orientados pelo esquema imagético CONTÊINER e que espelham como se processa o sentido de *pegar* na nossa mente. Os esquemas imagéticos motivados pelo esquema de CONTÊINER, segundo a autora, são os seguintes, nesta ordem:

- 1) **Esquema 1:** “**peguei** sanfona”; temos um sujeito “eu” (A) que realiza um movimento em relação à sanfona (B). Ao alcançar a sanfona (B), o sujeito (A) movimenta o seu corpo em direção a esse objeto e o aproxima de seu corpo. Dessa forma, o sujeito inclui a sanfona em seu *contêiner* abstrato, que é representado pela ideia de trazer a sanfona para perto de seu corpo.
- 2) **Esquema 2:** “já vou **pegar** outra firma” A “escolhe” B e o encaminha para um *contêiner* determinado. O constituinte e sujeito “eu” (A) demonstra querer escolher outra firma (B) para realizar o serviço.
- 3) **Esquema 3:** “**pego** fogo” e “**pegá** (gripe)”. O fogo e a gripe (constituintes (B)) realizam um movimento até os elementos representados pelo constituinte (A) – “madeira”, em (10) e “eu”, em (11) – e se inserem no contêiner dos mesmos. Assim, o fogo se insere no contêiner da madeira, queimando-a; e a gripe se insere no contêiner do ser humano, o corpo humano.
- 4) **Esquema 4:** “**pegava** lá no Gerardo de Parma...” “**ia pegá** um caminhão ali naquele Gerardo de Parma”. O constituinte (A) se movimenta até (B) e se insere no contêiner do mesmo. Nesse caso, “nóis” (A) movimenta-se até o caminhão (B) que se encontra no “Gerardo de Parma” e se insere nele.
- 5) **Esquema 5:** “eu te **pego** de carro”. O “eu” (A) se movimenta até “te”, o falante (B), e o insere no contêiner em que estava A – o contêiner do carro.
- 6) **Esquema 6:** “o Vasco **pega** outro Rubro-Negro hoje: o Atlético-PR”. O Vasco (A) se direciona para o local de encontro com o Atlético (B) e vice-versa, a fim de se enfrentarem no campo que é o contêiner “englobador” de A e B.

Por fim, a autora destaca a importância do *pegar discursivo* e defende que nesse caso também encontramos a ideia de MOVIMENTO e conseqüentemente MUDANÇA no sentido do *pegar*. Através da comparação dos exemplos de Sigiliano (2008) com os exemplos dos *corpora* do corpus D&G do Rio de Janeiro antecipamos que pode ser que exista igualmente um esquema básico envolvido na operação de pegar um objeto, provavelmente o TRAJETÓRIA-MOVIMENTO e a partir deles outros oriundos de suas transformações enquanto esquemas básicos.

Olhando especificamente para a escrita, Leite (s/d) verifica nas escritas informais do português brasileiro qual é a construção do verbo *pegar* (lexical, aspectual e discursivo) mais recorrente. O corpus é formado pela modalidade escrita informal encontrada em sites de relacionamento (Orkut e Twitter). A seleção restringe-se ao tempo verbal pretérito perfeito (1ª e 3ª pessoa do singular- peguei e pegou). A autora destaca a noção de MOVIMENTO presente no verbo *pegar*, já evidenciada anteriormente em Sigiliano (2008). Faz a análise a partir de vinte e cinco ocorrências de cada uso (lexical, discursivo e aspectual).

Nos achados de Leite (s/d) a construção discursiva é a mais frequente (72%), seguida da lexical (56%) e por fim da aspectual (32%). O *pegar* lexical caracteriza-se estruturalmente por um sintagma nominal, compila um sujeito agente e experienciador, logo em seguida vem o verbo de ação e o objeto (SN V SN- **peguei a vassoura**). O *pegar* discursivo é formado por dois verbos de ordem fixa V1 (verbo pegar) e V2 (verbo de ação ou dicendi). Nesse caso, a noção de movimento também se faz presente, sendo o discurso movimentado (“Eu **peguei e falei** que não queria mais nada com ele”/ Orkut), nuance que parece também estar presente nos *corpora* D&G e que mais uma vez nos faz refletir sobre possíveis transformações de esquema (Lakoff, 1987) que possam estar dando origem a tais usos.

Leite (s/d) ainda reflete sobre outra construção com o verbo pegar: o pegar aspectual. Segundo ela, o pegar aspectual é a junção do V1 (pegar-forma finita) e V2 (forma não finita). A perífrase revela o começo inesperado do movimento repentino de uma ação que será realizada pelo V2 (“...a galera **pegou a gritar** de tanto medo do assalto”/ Orkut). Vale pontuar que o gênero textual trabalhado são sites de relacionamento e a escrita, neste cenário, sofre influências da internet e da informalidade, sobressaindo dessa forma o uso do pegar discursivo que é bastante comum na oralidade.

As três construções do *pegar*, analisadas por Leite também ocorrem em meu *Corpora D&G*, no entanto pretendo analisar o pegar discursivo e o pegar lexical em discursos não só escritos mas também orais. Vale pontuar que o esquema imagético MOVIMENTO aparece

majoritariamente como o centro nas análises de Leite. No entanto, parece-nos que há entendimentos ainda por serem desenvolvidos nesse aspecto, pois pode ser que haja transformações de esquemas imagéticos para além desse esquema básico e esse viés ainda não foi explorado. É o que pretendemos aqui fazer.

O estudo mais recente, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, encontrado até o presente momento foi o de Silva (2016). Ele analisa os usos do verbo *pegar*, especialmente em construções idiomáticas, em dados de língua falada coletadas no *corpus* do Fala Goiana, gravado e transcrito pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da UFG. O estudo observa a frequência de uso, a mudança de sentido pelo uso, os graus de transparência e opacidade de algumas construções e a aplicação de esquemas imagéticos.

Nos meus *corpora* do D&G também observei construções idiomáticas como: **pegar com Deus** “...e a gente tem que se **pegar** com Deus...cada vez mais” (fala, relato de opinião) e **pegar no pé** “acho que eles não deveriam assim **pegar** muito no pé dos alunos sem saber da vida deles...” (Corpus D&G Rio de Janeiro 2, fala, relato de opinião). No entanto, tais construções fogem ao escopo dessa pesquisa, permanecendo no fórum de discussão para estudos futuros.

Portanto, o trabalho que aqui me proponho a desenvolver visa contemplar dados tanto da língua falada quanto da língua escrita dos *corpora* do D&G - Discurso e Gramática. Esses *corpora* apresentam dados de cinco cidades: Rio de Janeiro (dividido em Rio de Janeiro I e Rio de Janeiro II), Niterói, Natal, Rio Grande e Juiz de Fora. A análise focará nos dados da cidade do Rio de Janeiro. A intenção é analisar os diferentes usos do verbo *pegar* e também a construção “pegar + (e) + V2” sob o enfoque da Linguística Cognitiva.

1.2 A construção “Pegar + (e) + V2”

Conforme afirma Croft (2001), a unidade básica da gramática é a *construção*, que é considerada uma “unidade simbólica convencional”. Na Gramática de Construções, no paradigma da Linguística Cognitiva, o termo *construção* é definido como um pareamento de forma e sentido que apresenta significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza (GOLDBERG, 1995). Então, “pegar + (e) + V2” é entendida como uma *construção*. Como tal, nos interessa e será examinada qualitativa e quantitativamente nos *corpora* em tela de modo a entendermos suas possíveis

significações. Sabe-se que a estrutura da língua é modelada pelo uso e que, em situações reais de uso linguístico, a mudança e/ou extensão de sentido pode também se dar no nível do construto. Estudos existentes ilustram o ponto.

Merlan (1999), por exemplo, classifica construções do tipo “Pegar + (e) + v2” como perífrases paratáticas de valor inceptivo. Segundo a autora, apenas o segundo verbo apresenta significado lexical, sendo o primeiro um aspectual que exprime o início imediato da ação concretizada pelo segundo. Merlan menciona ainda que, dependendo do contexto, essas construções revelam espanto, irritação ou lamento.

Diferentemente da visão anterior, Bechara (2004), baseado nos estudos de Coseriu, afirma que verbos como *pegar*, em perífrases do tipo “pego e escrevo”, acentuam uma visão global do evento. O aspecto global é responsável por expressar a totalidade de um evento, tornando irrelevantes suas fases de desenvolvimento. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Tavares (2005) aponta que *pegar*, na perífrase em questão, não é aspectual inceptivo. De acordo com ela, essas construções caracterizam o evento referido pelo segundo verbo como um todo indivisível, pontual, isto é, sem um destaque especial para uma de suas etapas. Geralmente tal ocorrência é apresentada como algo súbito, inesperado. Significações como “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido” figuram dentre as que a autora relaciona à construção “pegar + (e) + V2”.

Para Tavares (2005), o verbo *pegar* na perífrase [V1 (E) V2], codifica linguisticamente matizes de significados ligados a contextos de interação em que tipicamente ocorre a manifestação do aspecto global, disparando indicações semântico-pragmáticas relacionadas ao plano do repentino / surpreendente. Por isso, esse verbo pode também ser considerado como realçador ou enfatizador do evento codificado por V2, propostas de classificação lançadas por Dutra (2003) e Rodrigues (2005), respectivamente. O emprego dos verbos como aspectualizadores globais, além de indicar o caráter súbito, veloz, do evento denotado por V2, pode permitir a inferência de que o falante/escritor percebe a ocorrência desse evento com surpresa/ espanto, frustração/lamento ou mesmo de uma forma crítica.

Desse modo, ocorrências de “pegar + (e) + V2” nos *corpora* desta dissertação são vistas como uma *construção*. À luz da definição de construção proposta por Goldberg (1995), entendo *sentido* como o conjunto de propriedades semânticas, pragmáticas e/ou discursivo-funcionais relacionadas a uma determinada configuração estrutural, ou seja, todos os aspectos convencionalizados da função da construção, incluindo as particularidades da situação descrita no enunciado, as propriedades do discurso em que este ocorre e o próprio contexto de

uso. Dessa forma, as construções do tipo “pegou e falou”, “pegou e disse”, “pegou e foi” entre outras serão consideradas e analisadas como uma *construção*.

1.3 Polissemia e categorias radiais

Visando descrever o uso prototípico da expressão “a gente” Ferreira e Fontes (2010) analisam dados linguísticos reais, explicitando os processos a fim de explicar a estrutura polissêmica do dêitico “a gente”. A intenção da pesquisa é usar o conceito de categoria radial², dentro do paradigma da Linguística Cognitiva, para explicar tal estrutura. Para tal, lança mão das ocorrências encontradas de “a gente” nos discursos oficiais do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e a Teoria de Integração Conceptual ou mesclagem.

Segundo as autoras, a categoria radial do dêitico “a gente” é feita de forma análoga à proposta de Marmaridou (2000) que analisou o pronome de primeira pessoa do plural em inglês (We-Nós). Os achados elucidados na **figura 1** indicam no centro da categoria o **“a gente” inclusivo** (quando inclui quem fala e a platéia ou o interlocutor / Eu + Você(s)); seguido de **“a gente” genérico** que se afasta um pouco do centro porque além de apontar para o falante e o ouvinte, aponta para as pessoas em geral.

² “Cognitive Linguistics emphasizes the fact that defining a category may involve describing some of its principal members rather than just giving an abstract definition. But it also stresses that the abstract definition need not consist of a single set of defining characteristics that belong uniquely and distinctively to that category” (GEERAERTS, 2006, p. 2). Desenvolvo melhor as noções de categorias radiais e prototipicidade na seção **4.2 Teoria do Protótipo**.

Figura 1 – Categoria radial referente à expressão pronominalizada “a gente”



Fonte: FERREIRA; FONTES, 2010, p. 40

Logo após vem **“a gente” exclusivo** que exclui os ouvintes, só inclui o falante e sua equipe de governo; seguido de **“a gente” pseudo-inclusivo** quando além do falante inclui hipoteticamente outras pessoas que poderiam ser enquadradas naquela posição (MCI)³ e por último **“a gente” virtual** (Eu virtual +Você(s) e /ou outro(s)). Para a minha dissertação é pertinente à observação de como se dá esse processo da categorização, pois também utilizarei a categoria radial para explicar a polissemia do verbo *pegar*.

Resenhamos ainda estudos que abarcam a polissemia de outros verbos sem ser o *pegar*, mas que metodologicamente nos interessam de perto por usarem o conceito de polissemia e de categoria radial. Foram contemplados os estudos de Ribeiro (2004) com o verbo “ficar” e Fernandes (2000) com o verbo “colher”.

No estudo de Ribeiro (2004), são analisadas as acepções do verbo “ficar” na modalidade oral da língua do *Corpus D&G* do Rio de Janeiro, o mesmo que aqui utilizaremos. Após o levantamento das acepções do verbo, os sentidos foram separados em grupos. O quadro proposto por Ribeiro contempla três grupos que são:

³ Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de MCI associando-o à noção de *frame* estabelecida por Charles Fillmore (1982). *Frame* é um sistema de conhecimento armazenado na memória de longo prazo, é derivado das experiências do indivíduo no mundo. Lakoff define MCI como “um conjunto complexo de *frames* distintos” (*apud* FERRARI, 2011, pp. 50 e 53).

- 7) **Grupo de Sentidos 1:** caracterizado pela ideia de permanência que pode ser de tempo, no espaço e em relação a domínios mais abstratos. Ex: a televisão fica assim num canto em cima... aí tem o som também que **fica** embaixo da televisão...(espaço). Ex: Ela não evoluiu. **Ficou** nos anos sessenta. (tempo) Ex: ...aí você começa a ganhar bem...aí você para e fala assim “não...estou bem pra caramba...” aí...**fica** naquilo a vida inteira...entendeu? (domínios mais abstratos)
- 8) **Grupo de Sentidos 2:** (verbo de processo): constituído basicamente pela concepção de tornar-se, uma mudança de estado. Ex: aí eu falei assim “como é que é a cachoeira? ela é assustadora?” ele falou assim “é por causa que todo mundo diz..que tem...um homem que morreu lá...um homem que/ ele passava limão...pra poder **ficar** deformado...”
- 9) **Grupo de Sentidos 3:** namoro descompromissado, tem o caráter metafórico, o “ficar” apresenta ideia de duração limitada. Ex: **ficou** com ela...namorou e tudo...ela estava super feliz...super apaixonada...aí depois...ele foi...brigou com ela...

Ribeiro (2004) reforça que o grupo de sentidos 1 se apresenta como extensões metonímicas associadas a um movimento que predomina o valor estático (sendo distinto o foco dado ao momento antecedente ou precedente do movimento). O grupo de sentidos 2 é destacado o sentido resultativo, normalmente é associado a um verbo de processo que indica mudança de estado. Por último, o grupo de sentidos 3 se refere a um uso metafórico que tem como acepção namoro descompromissado; o uso do “ficar” nesse sentido pode ser compreendido pela pequena durabilidade da relação. Na minha dissertação, os sentidos encontrados para o verbo *pegar* também serão agrupados a partir da inspiração dada por Ribeiro.

Já o estudo do verbo “colher” de Fernandes (2000) contempla dois modelos metafóricos para explicar a polissemia desse verbo que são: *modelo de posse abstrata* e o *modelo de aritmética moral*. O modelo de posse pode ser compreendido por meio da noção de dinâmica de força de Talmy (1988): o verbo colher emerge da relação entre o possuidor/controlador e a entidade possuída/controlada. O modelo de aritmética moral explica os sentidos do verbo “colher” de acordo com a moral cristã ou o conjunto de normas e opiniões éticas de conduta dos indivíduos. Para exemplificar, autora usa a passagem bíblica de Mateus 13, que transcrevo a seguir: “Aquele que semeia a boa semente é filho do homem.../

Assim, pois, como o joio é **colhido** e queimado no fogo, assim será o fim do mundo.” O domínio agrícola é posto como o estruturador da conduta humana. Os sub-modelos observados são: *lucros são frutos* (Ex:..um empresário que investe, gere, arrisca e **colhe** lucros tem o direito de usufruir deles...SIC, As Escolhas de Paulo Portas 97/07/05) e a *informação é um fruto* (Ex:..segundo as informações **colhidas** pelo Diário Econômico nenhum grupo parlamentar parece disposto a aceitar esta medida. Diário Econômico, 96/01/15) .

Fernandes (2000) salienta ainda que para entendermos os diferentes usos do verbo *colher*, a dimensão histórico-cultural deve ser indissociável das categorias linguísticas. Assim, no enunciado “O João **colheu** maçãs verdes” teremos o domínio de experiência agrícola. Por outro lado, o verbo *colher* pode assumir outros sentidos dependendo do domínio no qual está inserido, por exemplo, no domínio financeiro encontraremos *lucros são frutos* e o no da informação encontraremos *a informação é um fruto*. Assim, entende-se que o verbo “colher” prototipicamente está associado à satisfação das necessidades vitais de consumo, alimentação, mas tal sentido através do uso foi ampliado, podendo ser relacionado às necessidades abstratas, intelectuais, morais e comportamentais. O trabalho de Fernandes (2000), além de trabalhar com a polissemia de um verbo, lança mão de quadros metafóricos para explicar os sentidos do verbo *colher*. Em nossa análise, seguiremos os mesmos passos, utilizando a metáfora como ferramenta de análise.

2 METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia que pretendo utilizar no estudo. Definirei os *corpora*, a natureza da pesquisa, os procedimentos metodológicos, assim como os procedimentos de análise.

2.1 Os corpora

A pesquisa analisa os *corpora* do Rio de Janeiro do *corpus* D & G (Discurso e Gramática), disponível online pelo site <http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/> tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, de modo que se possam observar qual é a forma mais utilizada do verbo *pegar*, possíveis relações entre os usos, alterações ou regularidades, enfim verificar qual é o uso prototípico e se há motivação entre as extensões na forma de uma categoria radial.

Os *corpora* do D&G contemplam cinco cidades (Niterói, Rio de Janeiro, Rio Grande, Juiz de Fora e Natal) e foram gerados na década de 90. Os tipos textuais encontrados são diversos (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião). A escolaridade dos informantes também varia; há participantes desde o ensino infantil até o ensino superior. As séries contempladas são as seguintes:

- a) classe de alfabetização infantil – de 5 a 8 anos
- b) 4ª série do Ensino Fundamental – de 9 a 11 anos
- c) 8ª série do Ensino Fundamental – de 13 a 16 anos
- d) 3ª série do Ensino Médio – de 18 a 20 anos
- e) último ano do Ensino Superior – acima de 23 anos
- f) CA adulto- idades variadas

Cada um dos informantes produziu, inicialmente, cinco textos orais e, a partir desses, cinco textos escritos.

Há pequenas particularidades na organização dos dados de cada cidade. No caso do Rio de Janeiro houve um desdobramento do *corpus* em duas seções por se tratar de um *corpus* bastante extenso (93 informantes): a primeira (Rio de Janeiro 1) traz os relatos de interação e os depoimentos de alunos do ensino superior e médio, já a segunda (Rio de Janeiro 2) apresenta os depoimentos de alunos do ensino fundamental e CA adulto e infantil. Em nossa análise, os dados do Rio de Janeiro 1 e 2 serão agrupados.

Os dados foram gravados e posteriormente transcritos, passando por três fases de validação. A primeira validação é pautada nos critérios gerais de transcrição adotados pelo Projeto NURC/SP, com algumas adaptações em função da especificidade do material. A segunda validação utilizou a estratégia de troca do material entre os bolsistas (atuantes nas entrevistas), devendo cada um deles ouvir as fitas para checar a fidedignidade das transcrições feitas pelos colegas. Por fim, os textos digitados passaram por uma nova revisão, com consulta à versão original das redações, e com nova escuta do material sonoro.

Visando se aproximar de uma comunicação o mais próximo possível de uma situação real espontânea de interação, os entrevistadores seguiram algumas instruções como delinear no **quadro 1**.

Quadro 1 - Instruções seguidas pelos entrevistadores.

1. esclarecer o informante sobre a finalidade da coleta para o projeto de pesquisa e sua destinação acadêmica;
2. obter do informante a concordância em participar da entrevista, garantindo seu anonimato pelo uso exclusivo de seu primeiro nome;
3. orientar o informante a respeito dos temas e questões propostos para o depoimento;
4. ser preciso e explícito quanto ao tipo de texto a ser coletado nos canais oral e escrito, utilizando os respectivos comandos:
 - a. narrativa de experiência pessoal: conte uma história tenha ocorrido com você que tenha sido interessante, triste ou alegre.
 - b. narrativa recontada: conte uma história, que tenha ocorrido com alguém que você conheça, que tenha sido interessante, triste ou alegre. Solicitamos, para este tipo de texto, que fossem evitados comandos do tipo conte alguma coisa, assim como narrados filmes ou novelas que o informante tivesse visto.
 - c. descrição de local: descreva, diga como é o lugar onde você mais gosta de ficar, passear ou brincar.
 - d. relato de procedimento: você sabe fazer alguma coisa? o quê? conte como se faz isto.
 - e. relato de opinião: relacionamento afetivo (namoro, amizade), questões nacionais (economia, educação, política ...)

Fonte: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>

Em relação à entrevista para a geração de dados, o informante era apresentado de antemão ao tema. Ele conhecia, também, a finalidade da entrevista e da produção escrita e qual a destinação acadêmico-social das mesmas. Além disso, tinha garantido o seu anonimato e negociava livremente com o pesquisador os melhores horários e locais para produzir seus textos.

A **tabela 1** contabiliza o número de palavras nos *corpora* do Rio de Janeiro do *Corpus D&G*.

Tabela 1 - número de palavras no *corpus* D&G Rio de Janeiro

Cidades	Número de palavras
Rio de Janeiro 1	56.786
Rio de Janeiro 2	91.016
Total RJ	147.802

Fonte: A autora, 2017.

O total de palavras do D&G corresponde a 147.802 palavras, configurando-se como um *corpus* representativo de acordo com Berber Sardinha (2003). Vale pontuar que esse total foi gerado baseado nos dados apenas da cidade do Rio de Janeiro, o que significa dizer que o número total de palavras no D&G ultrapassa esse número, já que compreende outras quatro cidades.

Em relação à definição do tamanho do *corpus* entre pequeno, médio e grande há muitas controvérsias para estipular a delimitação do número. Um ponto central dessa definição é que o *corpus* deva ser representativo, no entanto não há abordagens formais para se estabelecer a representatividade de um *corpus* (Sinclair, 1996), isto é, não há nenhuma fórmula matemática amplamente aceita que informe a quantidade ou distribuição de palavras ou textos que um *corpus* deva ter para ser representativo.

Tendo em vista esse fato, Berber Sardinha (2003) fez um levantamento dos *corpora* efetivamente usados em projetos de pesquisa num período de alguns anos para calcular a extensão da variação do tamanho dos *corpora* empregados na área e estimar graus de aceitabilidade mantidos pela comunidade. Essa abordagem contrasta com opiniões subjetivas a respeito da questão do tamanho de *corpus*. A classificação que ele chegou foi a seguinte:

- I. Menos de 80 mil palavras – pequeno
- II. 80 a 250 mil palavras – pequeno-médio

- III. 250 mil a 1 milhão palavras- médio
- IV. 1 milhão a 10 milhões palavras- médio-grande
- V. 10 milhões ou mais palavras - grande

Para a análise dessa dissertação, vale destacar a quantidade de palavras presentes nos *corpora* do Rio de Janeiro, visto que essa cidade foi a selecionada dentre as cinco cidades que compõem o *Corpus D&G*. De acordo com a classificação lançada por Sardinha, o total de palavras dos *corpora* da cidade do Rio de Janeiro do D&G corresponde a um *corpus* de pequeno-médio porte.

2.1.1 Natureza da Pesquisa

O estudo é descritivo, teórico e eminentemente qualitativo, visto que a intenção é levantar e descrever pontualmente os diferentes usos do verbo *pegar* nos *Corpora* D&G acima definido. Adotaremos também nuances quantitativas para reportarmos a frequência dos usos a partir do programa *AntConc* Windows (3.4.4), baixado da <http://www.laurenceanthony.net/software.html>.

Destaco também que olharei para a frequência das construções de *pegar* assim como de seus usos/sentidos, porque, quanto mais frequente um determinado uso, mais ele tende a estar no centro prototípico de uma dada categoria. Como minhas perguntas de pesquisa incluem olhar se os sentidos de *pegar* formam uma categoria radial, usar essas nuances quantitativas agrega valor. Naturalmente, há outros aspectos que trabalham juntamente com a frequência para construir prototipicidade, dentre eles, aspectos funcionais. Qualitativamente, olharemos para eles também.

2.1.2 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa seguirá as seguintes etapas:

- 1) Observação e estudo dos *corpora*, qualitativamente.

- 2) Observação dos sentidos emergentes de *pegar* e os possivelmente mais recorrentes.
- 3) Codificação dos usos do verbo *pegar* nos *corpora* do D&G por meio do *AntConc* visando análise quantitativa das ocorrências e posterior análise qualitativa;
- 4) Agrupamento das ocorrências por grupos de sentido e por construções;
- 5) Análise dos grupos de sentido e suas motivações sociocognitivas;
- 6) Análise das relações de sentido entre os grupos;
- 7) Montagem da Categoria radial.

O programa *AntConc* e suas ferramentas (o Word List por exemplo) auxiliarão no processo de contagem de ocorrências e codificação de dados. O programa também facilitará o agrupamento de sentidos e sua posterior análise pelo olhar qualitativo, na quarta etapa do estudo. Nos procedimentos de análise, forneço maiores detalhes sobre o programa.

2.1.3 Procedimentos de Análise

2.1.3.1 A análise quantitativa

O programa *AntConc*, um software de processamento de *corpus* que pode ser encontrado em Laurence Anthony`s Website <http://www.laurenceanthony.net/software.html>, será utilizado nos procedimentos de análise, como mencionado anteriormente. Nesse programa, é possível contar a frequência com que o verbo *pegar* ocorre nos *corpora* através da opção *Wordlist*; é possível também, por meio da opção *Concordance*, observar os colocados do verbo *pegar* (as palavras que co-ocorrem com ele sentencialmente, cinco antes e cinco depois dele). O passo a passo da utilização desse programa é descrito na sequência.

Primeiramente, os *corpora* do Discurso & Gramática (D&G), disponível online (<http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/>), serão convertidos para o formato **.txt* de modo a permitir a sua manipulação. Por meio da opção “*Word list*”, verificaremos as ocorrências do verbo *pegar* em cada cidade. Esse procedimento nos permitirá encontrar a frequência total com que a construção ocorre nos *corpora* D&G de modo geral, além da sua forma mais recorrente. Permitirá também observar os usos entre as cidades, mesmo que uma

comparação mais formal fuja ao escopo deste trabalho e fique como possível desdobrando para trabalhos futuros.

Depois, por meio da opção *Concordance*, buscaremos os colocados do verbo usando a etiqueta PEG*. Todas as ocorrências (inclusive as flexões e derivações) aparecerão com isso na listagem resultante, facilitando o processo de codificação dos dados e sua posterior análise qualitativa em *corpus* de tamanha dimensão.

2.1.3.2 A análise qualitativa

Observarei qualitativamente, por meio do estudo dos colocados gerados pelo *AntConc* (5 colocados anteriores e 5 colocados posteriores), os possíveis grupos de sentido, sempre recorrendo aos *corpora* para estudá-los no contexto do discurso de modo a ter o aspecto quantitativo a serviço do aspecto qualitativo durante a análise.

Ao fazê-lo, abraço como norte os conceitos de esquema imagético e suas transformações, metáfora e MCIs conforme teoricamente fundamentados na **seção 3**. Buscando maior integração temática na representação textual desta pesquisa, já os exemplificarei com dados dos *corpora*.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, primeiramente apresento alguns princípios básicos da Linguística Cognitiva, sendo um deles a Teoria do Protótipo. Como essa Teoria conversa diretamente com o conceito de categorização, tema de nosso interesse nesta dissertação (um dos objetivos é montar a categoria radial do verbo *pegar*, se possível), será apresentada em subitem próprio. Logo em seguida, analiso a construção “pegar + (e) + V2” nos registros escritos da língua. Por fim, introduzo os fundamentos conceituais que regem as extensões de sentido segundo a Linguística Cognitiva, a saber, esquemas imagéticos, mente corporificada, metáfora, entre outros, acompanhados de exemplos retirados dos *corpora* do Rio de Janeiro.

3.1 Linguística Cognitiva: pressupostos e princípios

A Linguística Cognitiva ganhou visibilidade na década de 90, sendo os principais representantes os norte-americanos George Lakoff (Lakoff 1987, Lakoff & Johnson 1980, Lakoff & Turner 1989), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991), Sweetser (1990, 1991, 1996), com destaque para investigadores também da Europa, dentre eles Fauconnier (1988, 1989, 1992), Taylor (1995), Lima (1989), Almeida (1995), Batoréo (1996) e Silva (1997). No Brasil, a LC ganha destaque a partir de pesquisas capitaneadas por Margarida Salomão, Neusa Salim, Lilian Ferrari, Maria Lúcia Leitão, entre outros. Foi a insatisfação com o tratamento dado à Semântica e a Pragmática pelo Gerativismo que motivou seu surgimento, pois a LC defende que a linguagem é parte integrante da cognição e não um módulo separado. Do mesmo modo, defende a integração de todos os níveis de descrição linguística.

Dessa forma, a LC entende a linguagem como um processo sociocognitivo mediado pela experiência humana. Apresenta uma renovação na investigação da linguagem, uma vez que leva em consideração os processos de conceptualização e categorização do mundo como recursos para entender a realidade do falante.

Há alguns pressupostos básicos da Linguística Cognitiva, dentre eles destaco três (CROFT & CRUSE, 2004):

1. A linguagem não é um módulo estanque, separado de outras faculdades cognitivas;
2. A estrutura gramatical de uma língua reflete diferentes processos de conceptualização;
3. O conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da linguagem.

O primeiro pressuposto, como já dito anteriormente, afasta-se do que postula o paradigma de Chomsky. As representações do conhecimento linguístico são essencialmente do mesmo tipo de outras representações conceptuais gerais. Além disso, os processos utilizados na recuperação do conhecimento linguístico não são diferentes das habilidades cognitivas utilizadas em domínios diferentes do domínio linguístico (SOUZA, 2007).

O segundo pressuposto reflete o pensamento de Langacker (1987): a gramática de uma língua é reflexo de distintos processos de conceptualização, isso é, até mesmo os padrões de combinações das diversas estruturas de uma dada língua são resultados de processos que ocorrem no nível do sistema conceptual humano. Essa afirmação sugere que a linguagem é simbólica em todos os seus aspectos, incluindo aspectos morfossintáticos.

O terceiro pressuposto afirma que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso efetivo da língua em eventos comunicativos reais. Ou seja, categorias e estruturas sintáticas, morfológicas, semânticas e fonológicas emergem de processos cognitivos gerais que aplicamos às diversas ocasiões de uso real da linguagem. Por isso nosso cuidado em usar um *corpus* que refletisse modelos de uso como é o caso do D&G.

Tendo em vista que as análises sociocognitivas envolvem a investigação da língua em contextos reais de comunicação, processos como enquadre, foco e perspectiva tornam-se altamente relevantes. Na visão da LC, toda situação comunicativa é uma cena, uma representação dramática, que, por sua vez, é fundamental no reconhecimento de quadros que se sucedem na cena e na associação desses com significados indexados pela linguagem (verbal e não verbal).

Sabe-se que as situações comunicativas são experiências sociais que os falantes vivenciam ao longo da vida. Essas vivências vão sendo armazenadas na memória e conseqüentemente formam estruturas de conhecimento complexas, com semioses de diferentes naturezas. As situações nos permitem “fazer recortes” que seriam os “enquadres interacionais” (GOFFMAN, 1974).

Assim, é possível interpretar os diferentes usos da língua nos eventos de interação e comunicação. Utilizam-se na cena os conceitos de enquadre (recorte que se faz na cena), foco,

aspecto da cena que é colocado em destaque (ou como figura) e o lugar do qual a cena é vista, ou seja, a perspectiva que quem fala assume na cena. De acordo com o conceito de **perspectivação** de Langacker (1987), o significado não é somente uma reflexão direta do mundo, mas sim uma forma de se ver e construir a realidade de acordo com uma perspectiva particular. Daí dizermos que o significado é construído.

Dessa forma, a Linguística Cognitiva é uma abordagem experiencialista e relativista, ao depender da experiência cultural, social e individual. Sendo, assim, admite a concepção chomskyana de que o homem possui a capacidade inata para a linguagem, mas não concorda que o conhecimento da linguagem seja específico e autônomo, pois depende da atenção, percepção, memória, entre outros mecanismos cognitivos. Os fatores externos (socioculturais) influenciam diretamente não apenas o uso da linguagem, mas também a construção do sentido.

[...] nosso primeiro contato com o mundo se dá através dos nossos sentidos corporais, e a partir daí algumas extensões de sentido são estabelecidas. Segundo esse ponto de vista, nossa estrutura corporal é extremamente importante, já que a percepção que temos do mundo é limitada por nossas características físicas (MARTELOTTA; RIBEIRO, 2012, p. 181).

O significado, para a LC, é, portanto, perspectivado, dinâmico e flexível (os significados podem mudar de contexto para contexto, pois as categorias semânticas não são rígidas). É também enciclopédico e não autônomo (o significado é construído na e através da linguagem) no nosso viver cotidiano (o significado é enraizado na experiência humana).

3.2 Teoria do Protótipo

A Teoria do Protótipo tem a sua origem na investigação de ROSCH (1972) sobre a categorização das cores, das aves, dos frutos e de outras classes de entidades. Tal estudo seguiu duas direções: no âmbito da Psicologia, com vista à elaboração de modelos formais da memória conceptual humana; e no campo da Linguística, particularmente na Semântica Lexical, com vistas à Semântica do Protótipo. Essa teoria opõe-se à concepção clássica ou lógica de categorização que via o pertencimento a dada categoria como uma questão de traços

suficientes e necessários (as categorias aristotélicas). No entender da Linguística Cognitiva, as categorias são formadas por prototipicidade e suas fronteiras são fluidas.

Naturalmente, há diferenças entre os membros, mas partilham um conjunto de atributos que estabelece o pertencimento dos mesmos à categoria. Assim sendo, os melhores exemplares (os mais prototípicos) apresentam a maioria dos atributos da categoria, enquanto que os outros membros apresentam apenas alguns.

Dessa forma, a categorização se processa geralmente baseada em protótipos que seriam exemplares típicos, mais representativos de uma dada categoria. Ou seja, em uma categoria há membros mais prototípicos (os mais próximos do núcleo categórico) e os menos prototípicos (os mais periféricos e afastados desse núcleo). Todos os membros, no entanto, pertencem à categoria. É a proximidade para com o núcleo que difere de membro para membro. Há um membro básico ou central, que comporta a maior parte dos atributos da categoria, e membros mais periféricos, que comungam alguns dos atributos, afastando-se em maior ou menor grau do membro central ou prototípico, como se fossem membros de uma mesma família (Wittgenstein, 1959). Por exemplo, se pensarmos na categoria radial de ave, poderíamos colocar o pássaro sabiá no centro da categoria, seguido de avestruz (possui a maioria dos atributos da categoria, com exceção de voar) e mais afastado do centro prototípico estaria o pinguim por possuir um número menor de atributos típicos da categoria (não tem asas e não voa).

Assim, as categorias são formadas por prototipicidade. Ferrari (2014) alega que “a categorização é o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas”. Esse modelo de categorização pode ser aplicado a qualquer subdivisão existente, até mesmo à linguagem propriamente dita.

Nossas estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória. Podemos agrupar objetos em categorias para falar do mundo, mas não podemos criar um número infinito de categorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações (FERRARI, 2014, p. 31-32).

No caso deste estudo, o *pegar objetos* parece ser o mais recorrente nos *corpora* do Rio de Janeiro do D&G. Se isso se confirmar por meio de nossa análise, poderemos enquadrá-lo como o prototípico, o sentido mais comum, que possui atributos como: manipular um objeto (manipulação), exprimir ideia de MOVIMENTO e ter contato com o marco. Alguns desses

atributos possivelmente atravessam outras subcategorias ou radiais. É o que verificaremos, dentre outros fatos, na análise dos usos do verbo *pegar* nos *corpora*.

3.3 Princípios sociocognitivos que regem as extensões de sentido

Os princípios sociocognitivos que regem as extensões de sentido ancoram-se em conceitos chave tais como **esquemas imagéticos, metáfora, perspectivação e perfilamento**.

esses princípios cognitivos que explicam por que os novos sentidos podem ser compreendidos por quem se depara com eles pela primeira vez: são princípios recorrentes no sistema conceitual e no léxico, baseados na experiência e na capacidade cognitiva humana para a percepção e ação; eles garantiriam a “naturalidade cognitiva das extensões de sentido (VASCONCELLOS, 2011, P. 210).

Antes de abordarmos cada um deles minuciosamente, faz-se necessário discutir o pano de fundo sobre o qual eles se assentam filosoficamente. Na Linguística Cognitiva, a linguagem é concebida como um espelho do real (não é realista), pois tem a mediação humana, ou seja, abraça-se uma filosofia experiencialista. Para ela, a construção do sentido passa pela experiência do corpo no mundo real. Desse entendimento, emerge a **Hipótese da Corporificação da Mente**, que defende que a estrutura e organização do pensamento relacionam-se diretamente à capacidade sensorial do corpo, bem como à percepção e movimentação dele no espaço (experiencialismo). Uma filosofia dessa natureza questiona a arbitrariedade do signo tão defendida pelos estruturalistas e ilumina a motivação relativa do signo.

Assim sendo, as ideias que construímos da realidade não são por nós produzidas livremente, conforme uma vontade independente, pessoal e racional, pois sofrem influência de uma práxis intersubjetiva que fabrica estereótipos culturais, certas etiquetas que construímos ao longo do nosso contato com o mundo (modelos cognitivos idealizados- MCI). Os sistemas de representação construídos discursivamente regulam as estruturas mentais e perceptivas dos sujeitos e, ao mesmo tempo, são regulados por elas, organizando espaços sociais e articulando significados coletivos. Dessa maneira, o fenômeno linguístico é absolutamente imbricado com o contexto sociocultural em que ocorre. O contexto em que uma ação discursiva se realiza não é independente da memória conversacional dos sujeitos,

das estruturas conceptuais disponibilizadas no presente, constituídas, inclusive, por suas emoções.

Partindo desse pano de fundo, o primeiro conceito que nos interessa particularmente é o de **esquemas imagéticos**. Como mencionamos na introdução, são estruturas relativamente abstratas formadas a partir da vivência ou da relação do corpo com o espaço. Dizem respeito ao movimento do corpo, à manipulação de objetos; são padrões esquemáticos que refletem domínios como CONTÊINER, TRAJETÓRIA, FORÇA, MOVIMENTO, entre outros. Além disso, os esquemas imagéticos ajudam no processamento da informação, visto que são os primeiros conceitos a surgirem na mente humana, alicerçando o sistema conceitual. Por exemplo, o esquema imagético CONTÊINER estabelece um limite entre o que está dentro e aquilo que está fora, sendo necessário o conhecimento de fronteira, a noção espacial de que há uma região delimitada por fronteiras no espaço. Um exemplo de CONTÊINER nos *corpora* do D&G seria, por exemplo, o ônibus transportando uma pessoa. O ônibus contém os passageiros que entram e saem do espaço por ele delimitado, aspecto que problematizaremos mais à frente.

O segundo conceito que nos interessa particularmente é a **metáfora conceptual**. Diferentemente do defendido pela visão tradicional, a metáfora é largamente usada na linguagem ordinária e não somente em textos literários. A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) define a metáfora como propriedade do pensamento e não apenas um recurso linguístico. Para a Linguística Cognitiva, trata-se de um processo cognitivo por meio do qual é possível comparar dois domínios e conceptualizar um deles a partir do outro (domínio-fonte/domínio-alvo). Assim, temos a metáfora conceptual MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS (“**Pegou** o ônibus e foi me buscar”). Tanto a metáfora quanto os esquemas imagéticos exercem papel central na expressão de ideias abstratas. Os esquemas imagéticos não são conceitos ricos e detalhados e sim abstratos, o que significa dizer que não estão disponíveis para introspecção consciente; o mesmo ocorre com as metáforas.

Dessa forma, a metáfora é primordialmente, de acordo com LAKOFF e JONNISON (2002), uma questão de pensamento e somente secundariamente uma questão de linguagem. Ela é entendida como um processo cognitivo que determina o modo de pensar, agir e falar dos indivíduos e varia de acordo com a cultura na qual os sujeitos estão inseridos. Através desse processo cognitivo conseguimos mapear esquemas que são aprendidos diretamente pelo nosso corpo em domínios mais abstratos.

Para fins de exemplificação dos conceitos aqui desenvolvidos e que nos servirão de norte na análise, retirei dos *corpora* do D&G do Rio de Janeiro os exemplos 10, 11, e 12:

- **Ex. 10:** vou ter que **pegar** outro ônibus...vou chegar atrasada no colégio (Rio de Janeiro, narrativa recontada, fala)
- **Ex. 11:** eu **peguei** esse trem... era o Deodoro...(Rio de Janeiro, narrativa de experiência pessoal, fala)
- **Ex. 12:** Então ela **pegou** o carro, mas não sabia dirigir direito....(Rio de Janeiro, narrativa recontada, escrita).

Os enunciados 10, 11 e 12 são estruturados pela metáfora MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS, pelos MCIs MEIO DE TRANSPORTE (carro, ônibus, trem, táxi, barca, elevador, etc), OBJETOS (faca, mesa, abajur, computador, etc), PAPEL (agente, condutor, passageiro, etc); pelos esquemas imagéticos de MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, FORÇA, CONTATO e CONTÊINER. A metáfora, especificamente, estabelece projeção seletiva de atributos entre o domínio OBJETO para o domínio MEIOS DE TRANSPORTE, como nos mostra o mapa metafórico do **quadro 2**.

Quadro 2 - Meios de Transporte São Objetos

OBJETOS	MEIOS DE TRANSPORTE
Transportáveis manualmente	Função: locomoção, levar de um ponto ao outro
Geralmente de pequeno porte	Transportador
Permitem manuseio por um agente	Proporção: geralmente de grande e médio porte
Permitem deslocamento manual por um agente	Não são passíveis de serem deslocados por um agente manualmente
Passíveis de serem movimentados por um agente	Permitem deslocamento por um agente
	Passíveis de serem movimentados por um agente
	Transportam pessoas
	Condutor: motorista

Cabe ainda mencionar que o verbo *pegar* indexa tanto o movimento simples de pegar um objeto com as mãos até mesmo noções mais abstratas no domínio das ideias como se segue respectivamente (vai de um domínio concreto à um domínio abstrato):

(13)...eu vou...**pego** um outro esmalte...passo...um mais escuro...eu gosto é de vermelho...(Corpus D&G, Rio de Janeiro 1, fala, relato de procedimento)

(14) ...num país que eu acho que podia **pegar** um prédio velho...reformatar e manter...o fator histórico. (Corpus D&G, Rio de Janeiro 1, fala, relato de opinião)

No exemplo (13), há a manipulação de um objeto (esmalte). Quando pegamos um objeto, há um movimento ao longo de uma trajetória até atingirmos o marco. Os esquemas imagéticos que atuam são MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, FORÇA, CONTATO e CONTÊINER. No exemplo (14), o movimento de *pegar* é abstrato, se realiza no plano das ideias. O referente deixa de ser um objeto que conseguimos segurar com as mãos⁴ (prédio). Através da observação dos dados, pude perceber que o esquema imagético MOVIMENTO é bastante atuante nos diferentes usos do verbo *pegar*, no entanto existem casos como o (14), em que o esquema imagético MOVIMENTO sofre transformação. Tais pontos serão aprofundados na análise. Isso posto, faz-se necessário desenvolvermos o conceito de **transformação de esquemas imagéticos**, o que fazemos na seção 3.3.1

3.3.1 Esquemas imagéticos e suas transformações

Os **esquemas imagéticos** consistem em padrões que emergem de instâncias repetidas da nossa experiência. Por exemplo, o **esquema imagético** CONTÊINER resulta da experiência corpórea e/ou sensório-motora do homem com esse tipo de objeto, que é indexada pelo uso de expressões que indicam movimento tanto para dentro como para fora. Assim, temos as expressões como “O barco navegou para dentro do túnel” e “Ele jogou o lixo fora” (FERRARI, 2011, p.87), sinalizando o ato de conter algo e a relação dentro-fora. Até mesmo

⁴ Normalmente quando pegamos algo seguramos com o auxílio das nossas mãos, mas outros membros do nosso corpo como por exemplo os pés também podem realizar esta ação de conter algo.

noções como cheio-vazio são projeções do esquema CONTÊINER. Mark Johnson (1987)⁵, por exemplo, descreve a rotina de um dia normal baseado nesse esquema imagético básico: “Pulei para fora da cama...apertei a pasta para ela sair”, o que significa afirmar que CONTÊINER não é apenas um recipiente óbvio (não serve apenas para delimitar uma fronteira no espaço), ele é responsável por representar/categorizar um grande número de objetos e experiências cotidianas.

Os **esquemas imagéticos** MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, CONTÊINER, FORÇA, entre outros, representam padrões esquemáticos que estruturam a experiência cotidiana a partir da nossa percepção (Johnson 1987, 1993; Lakoff, 1987, 1990; Talmy, 1988). Esses padrões são *gestalts* experienciais que emergem de atividade sensório-motora enquanto manipulamos objetos, enquanto nos orientamos no espaço e no tempo.

Isso acontece porque a nossa linguagem é corporificada, como mencionamos ao construirmos o pano de fundo para essa discussão. Salomão (1999), por exemplo, defende que a nossa linguagem é encarnada. A nossa cognição é estruturada em parte pela natureza do corpo e pela organização neurológica. Consequentemente, falamos apenas sobre o que percebemos e concebemos, e essas coisas derivam da experiência corporificada. E a experiência corporificada se manifesta no nível cognitivo por **esquemas imagéticos** (JOHNSON, 1987), cujas substâncias derivam de experiências sensório-perceptuais.

Para Lakoff e Johnson (1987), conceitos corporificados podem se estender sistematicamente para fornecer conceitos mais abstratos e domínios conceituais mais abstratos com estrutura (**projeção conceptual**). Por exemplo, na expressão “in love”, o termo “in” pode ser usado em cenas não espaciais a partir da experiência concreta com cenas espaciais, pois CONTÊINER limita a atividade (MANDLER, 2004). Outro exemplo que Johnson destaca é sintetizado pelo esquema imagético EQUILÍBRIO⁶, que é aprendido através da nossa

⁵ You wake out of a deep sleep and peer out from beneath the covers into your room. You gradually emerge out of your stupor, pull yourself out from under the covers, climb into your robe, stretch out your limbs, and walk in a daze out of the bedroom and into the bathroom. You look in the mirror and see your face staring out at you. You reach into the medicine cabinet, take out the toothpaste, squeeze out some toothpaste, put the toothbrush into your mouth, brush your teeth in a hurry, and rinse out your mouth (Johnson 1987: 331).

⁶ Alguns dos esquemas imagéticos mais frequentes (“image schemas”; cf. Johnson 1987 e Lakoff 1987, 1990) são os seguintes: (“contêiner”) ou recipiente, origem-percurso destino, percurso (ou caminho), elo (“link”), força, equilíbrio (ou balança), bloqueio, remoção, contra-força, compulsão, parte-todo, centro-periferia, em cima - em baixo, à frente - atrás, dentro-fora, perto-longo, contato. Por exemplo, a ideia que temos do ‘equilíbrio’ é algo que aprendemos não pela compreensão de um conjunto de regras, mas com o nosso próprio corpo, através de experiências corporais de equilíbrio e de desequilíbrio e da manutenção dos nossos sistemas e funções corporais em estados de equilíbrio.

experiência corpórea. A ideia de equilíbrio é parte tão integral de nossa experiência corporal que raramente estamos cientes de sua presença todos os dias. Através das experiências sensório-motora, nossa relação do corpo com o mundo (corporificação) formamos a base de muitos dos nossos conceitos fundamentais. Os **esquemas imagéticos** têm lógica interna que estruturam vários conceitos e padrões de raciocínio, tentarei pontuar este fato pensando no verbo *pegar*, meu objeto de estudo.

Quando pensamos em *pegar* algum objeto, os esquemas imagéticos acionados em nossa mente são do movimento do nosso corpo até o objeto (MOVIMENTO-ORIGEM-TRAJETÓRIA-DESTINO); logo em seguida acionamos a contração da mão para segurar esse objeto (CONTATO-FORÇA-CONTÊINER) e por traz dessa ação existe a intenção do agente em *pegar* o objeto. Ou seja, há vários esquemas imagéticos envolvidos em uma única cena, daí a importância de se falar sobre as transformações desses esquemas, viés que nos interessa particularmente na análise dos usos do verbo *pegar*. Como essas transformações ocorrem? Desenvolveremos a resposta para essa pergunta em nossa análise.

Os estudos sobre **transformações de esquemas** surgem quando Lakoff (1987) adapta o estudo pioneiro de Brugman (1981) sobre a preposição OVER (sobre). As **transformações de esquemas imagéticos** são apresentadas como suporte para explicação do fenômeno polissêmico e também para detecção da relação presente entre os sentidos.

Lakoff (1987) observa que os esquemas imagéticos presentes na preposição “over” são delineados a partir do movimento do TRAJETOR em formato de arco para um ponto final, como por exemplo: “O avião voou sobre a colina” (Dewell, 2005, p.2). Lakoff e Brugman (1985) definem esse exemplo como ilustrativo para o esquema central (MOVIMENTO). As outras variantes do “over” são explicadas através das transformações desse esquema. Assim, o esquema imagético MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA que é o caminho que o objeto ou pessoa percorre até atingir o marco. Pode surgir também através das transformações do CONTATO. A preposição “over” possui vários sentidos como “acima”, “do outro lado”, “cobrindo”, entre outros, tais sentidos derivam da noção de “posição acima”.

Ou seja, os autores nos mostram que os esquemas imagéticos não existem como entidades individuais e isoladas, mas ligam-se entre si através de transformações (*image-schema transformations*). Como importantes transformações de esquemas imagéticos, Lakoff (1987: 442-3) aponta as seguintes: do foco na TRAJETÓRIA para o foco no MARCO (seguir mentalmente o percurso de um objeto em movimento e depois focalizar o ponto onde ele para ou virá a parar, seu marco); do foco em entidades múltiplas para o foco na massa (a partir de um grupo de vários objetos, imaginá-las como um conjunto de entidades e, finalmente, como

uma massa homogênea; analogamente, uma sequência de pontos é vista à distância como uma linha contínua); seguir uma trajetória ou movimento zero dimensional para o movimento unidimensional (observando um objeto em movimento contínuo, podemos mentalmente traçar o seu percurso ou a sua trajetória); e sobreposição (imaginando-se uma esfera grande e um cubo pequeno, se aumentarmos o tamanho do cubo até que a esfera possa caber dentro dele e, depois, reduzirmos o tamanho do cubo e colocá-lo dentro da esfera, haverá sobreposição). Cada transformação de esquema imagético reflete aspectos importantes da experiência humana (sobretudo corporal) visual, auditiva ou cinésica.

Se pensarmos nos exemplos dos nossos *corpora*, como *pegar meios de transporte* “peguei o ônibus”, esse *pegar*, como mencionamos anteriormente, é metafórico, pois não conseguimos de fato levantar o ônibus com as nossas mãos. Na realidade é o ônibus que nos pega, ou seja, ele é o CONTÊINER, logo, nós é que somos contidos. Parece que esse uso do *pegar* envolve **transformação de esquemas** a exemplo dos casos trazidos por Johnson (1987), Lakoff (1987), Gibbs & Colston (1995) e Turner (1996). Nossa análise visa esclarecer e desenvolver essa hipótese.

Vale destacar que os esquemas imagéticos TRAJETÓRIA, MOVIMENTO e CONTÊINER são considerados basilares, pois são os primeiros a serem desenvolvidos e experienciados pelos falantes desde a linguagem pré-verbal. Em relação a esse fato, existem na literatura alguns estudos sobre a aquisição de linguagem por bebês que, iluminados por Gibbs e Colston (1995) relacionam esquemas imagéticos ao desenvolvimento conceitual inicial dessas crianças.

Segundo Mandler (2004), o desenvolvimento conceitual inicial dos bebês nos primeiros meses de vida é dado através de esquemas imagéticos dinâmicos, aqueles que apresentam MOVIMENTO. Assim, as crianças observam e respondem ao movimento ao longo de trajetórias, observam como o movimento começa e o que acontece quando ele termina. Por exemplo, a partir dos primeiros meses de vida, eles seguem objetos em movimento (Haith, 1980) e preferem olhar para objetos ou pessoas em movimento em vez de projetar o olhar sobre objetos parados (Simion, Regolin, & Bulf, 2008).

Já em relação ao CONTÊINER, Mandler & Cánovas (2014) destacam que esse **esquema imagético** não é estático como frequentemente parece ser na literatura (por exemplo, Lakoff, 1987, 1993). De acordo com Mandler & Cánovas (2014), ele representa também o esquema imagético MOVIMENTO, pois há a ação de entrar e sair de recipientes ou espaços delimitados. É o ato que importa para os bebês, mais do que os próprios recipientes. Os autores destacam que os esquemas imagéticos básicos estão relacionados com atividades e caminhos, isto é,

estão diretamente relacionados com os esquemas imagéticos TRAJETÓRIA-MOVIMENTO e TEMPO-ESPAÇO. Pesquisas como a de Mandler (2004), Mandler & Canovas (2014) explicam porque os esquemas imagéticos são geralmente vistos como redescrições de eventos perceptivos, ou ainda mais amplamente, como generalizações sobre semelhanças percebidas.

Os **esquemas imagéticos** não são apenas *gestalts* que servem para o propósito de mapear informação espacial de uma estrutura conceitual para outra, eles são as primeiras estruturas conceituais. Dessa forma, como ainda nos coloca Mandler & Canovas (2014), eles permitem, por exemplo, que os bebês simulem percepções na sua ausência, permitindo a recuperação de eventos e inferências. Na linguagem pré-verbal, os esquemas imagéticos envolvidos são estritamente espaciais. Paulatinamente as informações não espaciais são incorporadas ao sistema conceitual. Tais achados justificam nosso interesse em entender os esquemas imagéticos envolvidos nos usos do verbo *pegar* assim como suas transformações.

A realidade cognitiva/psicológica diz muito sobre os falantes, principalmente na aquisição da linguagem. Somos capazes, como já exposto, de nos concentrar e desviar a atenção, de acompanhar um objeto em movimento, de formar e manipular imagens, de comparar duas experiências, estabelecer correspondências, de combinar elementos simples em estruturas complexas, de ver uma cena a partir de perspectivas diferentes, de conceituar uma situação em diferentes níveis de abstração e assim por diante. Tendo em vista tal fato, o objetivo dessa pesquisa é justamente estudar e analisar os *corpora* do *Corpus D&G* Rio de Janeiro para entender qual é o esquema central assim como suas transformações, partindo de pesquisas que nos mostram que cada transformação de esquema imagético reflete aspectos importantes da nossa experiência corporal visual, auditiva e cinésica.

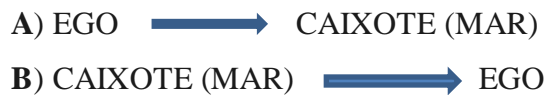
Para compreendermos como se dá as **transformações dos esquemas imagéticos**, desenvolvo no **item 3.3.2** os conceitos de **perspectivação** e **perfilagem** propostos inicialmente por Langacker (1987) e posteriormente por outros pesquisadores como, por exemplo, Geeraerts (1995).

3.3.2 Perspectivação e perfilagem

A **perspectiva** adotada para a conceptualização de uma cena é denominada ponto de vantagem e normalmente coincide com a localização do falante. Dessa maneira, quando alguém diz que algum objeto está atrás ou na frente de algo, logo interpretamos tal

informação partindo do ponto do qual observamos a cena. Tal fato significa dizer que dependendo da localização de cada observador haverá uma cena diferente a ser descrita. Sendo, assim, o **ponto de vantagem** adotado pelo falante assume um papel crucial na construção de sentido.

Nos exemplos de *pegar objetos*, normalmente, é o EGO que se dirige até o objeto; no entanto há casos de **inversão de perspectiva**, em alguns o movimento é em direção ao EGO. “...eu **peguei** um caixote...veio uma onda enor...me...cara e me **pegou**...” (*Corpus D&G Rio de Janeiro 1*, narrativa de experiência pessoal, fala). Nesse exemplo, o falante utiliza o primeiro *pegar* na perspectiva **A** e o segundo *pegar* na perspectiva **B**:



Além do exemplo acima apresentar perspectivas diferentes, visto que no primeiro uso do *pegar* é perfilado o ego se dirigindo até o mar e no segundo uso é o mar que se dirige até o ego, apresenta também perfilagem na relação temporal entre duas entidades. Assim, no exemplo “Eu **peguei** um caixote” o verbo *pegar* estabelece uma relação temporal anterior ao evento de fala (passado) entre “eu” e o “caixote”, tal relação temporal também ocorre em “veio uma onda enor...me.cara e me pegou”. Portanto, mais importante do que unicamente observar as escolhas linguísticas que descrevem o cenário é observar o ponto de vantagem adotado pelo falante ou mesmo o ponto de vantagem que esse falante projeta.

Além do conceito de **perspectiva**, o de **perfilagem** nos interessa para a análise das transformações de esquema, como já mencionamos. Entende-se por **perfilagem** a habilidade de focar em certos aspectos da cena. Trata-se de uma habilidade muito geral, assim como a habilidade de desviar a atenção. Ao usarmos a língua, podemos perfilar especialmente a construção gramatical. Por exemplo, em *O garoto chuta o vaso*, a ação não é perfilada da mesma forma que em *O vaso é chutado*, apesar de ambas apresentarem resultados linguísticos semelhantes. No primeiro caso é perfilada a ação de chutar o vaso, ou seja, a ação de um sujeito agente, diferente do segundo caso que perfila um sujeito paciente, que sofre a ação.

Tendo em vista tais fatos, o significado para a LC não é somente uma reflexão direta do mundo, mas sim uma forma de se ver e construir a realidade de acordo com uma perspectiva em particular. Dessa maneira, todo o significado é perspectivizado, isto é, não é um reflexo objetivo do mundo exterior.

Levando em consideração que a língua é indissociável do falante, é difícil concebê-la em termos de neutralidade. Traugott e Dasher (2002) argumentam que subjetividade/objetividade devem ser concebidas em termos gradientes. Dessa forma, teríamos um *continuum*, de um lado o polo objetivo e do outro o polo subjetivo. Assim, se o falante ou ouvinte construir o significado com o número mínimo de inferências teríamos as expressões mais objetivas e quanto mais inferências ocorressem as expressões seriam mais subjetivas. A subjetividade envolve basicamente um sujeito de consciência que desenvolve uma visão pessoal e subjetiva dos fatos, enquanto que por ponto de vista objetivo seria aquele no qual o falante pretende ou mesmo finge descrever as situações do modo como se apresentam na realidade.

Na análise dos *corpora*, analiso os esquemas imagéticos envolvidos nos usos do verbo *pegar*. Posteriormente, busco entender as suas transformações, a perspectiva envolvida e o que está sendo perfilado. Além disso, observo as projeções metafóricas motivadas por alguns usos do verbo *pegar* e, por fim, faço os agrupamentos de sentido e proponho a categoria radial do verbo *pegar*.

4 OS DELÍRIOS DO VERBO PEGAR

Neste capítulo, descrevo e interpreto os achados sobre os “delírios” do verbo *pegar* nos *corpora* do D&G do Rio de Janeiro. A intenção é descrever os sentidos mais recorrentes, entender a relação entre eles assim como a motivação sociocognitiva que os levou a emergir. Começo pela análise quantitativa, mostrando os resultados do *AntConc* que ilustram as formas mais recorrentes do verbo *pegar*. Na sequência, analiso essas ocorrências qualitativamente. Na análise qualitativa, uso os conceitos de esquemas imagéticos, transformações de esquemas e metáfora para mostrar a ligação entre os sentidos existentes, assim como para agrupá-los segundo um sentido. Por fim, tento, a partir da análise, montar uma categoria radial.

O *Word List* do *AntConc* gerou as frequências para usos do verbo *pegar*. A **tabela 2** mostra os resultados das ocorrências das diferentes formas do verbo *pegar* na cidade do Rio de Janeiro. A forma “pega” foi a mais frequente.

Tabela 2 - Frequência do verbo pegar

FORMAS	FREQUÊNCIA
PEGA	145
PEGOU	99
PEGAR	90
PEGO	48
PEGUEI	44
PEGAR DISCURSIVO	27
PEGARAM	18
PEGAMOS	17
PEGAVA	10
PEGUE	7
PEGANDO	4
PEGASSE	1
PEGASSEM	1
PEGAREM	1

Fonte: A autora, 2017.

A forma mais recorrente do verbo *pegar* segue a seguinte ordem de frequência: pega > pegou > pegar > pego > peguei > pegar discursivo > pegaram > pegamos [...], sendo as outras formas pouco recorrentes. Tais achados sinalizam que o verbo *pegar* é muito utilizado,

principalmente em suas três primeiras formas (pega, pegou e pegar). Se pensarmos no aspecto verbal⁷, ou seja, na duração da ação verbal, talvez tais achados nos revelem algo em relação ao significado, no entanto tais indagações ainda carecem de um estudo mais detalhado e fogem do escopo desta dissertação. Pude perceber, inicialmente, no aspecto verbal das formas mais recorrentes que a ação costuma ser prolongada, o processo se repete (iterativo). Acredito que a expressividade da forma “pega”, por exemplo, se deve ao gênero textual de receita, porque normalmente quando os entrevistados relatavam um procedimento (relato de procedimento) se referiam ao preparo de algum prato. O nosso intuito com a **tabela 2** é observar, em especial, as ocorrências do *pegar discursivo* que é a construção que pretendemos analisar em nosso estudo, além da multissignificação do verbo *pegar*. Tratarei do *pegar discursivo* na seção seguinte, refletindo sobre o seu uso tanto na língua escrita quanto na língua falada.

4.1 Pegar discursivo: língua escrita *versus* língua falada

Normalmente, a língua escrita está atrelada à finalidade de permanência, devido a isso segue mais de perto a norma culta e é mais monitorada, ao contrário da língua falada que costuma ser mais fluida e o planejamento tende a ser em tempo real. A escrita, apesar de tender a ser mais formal e sujeita à normatização, não está imune à mudança. Pelo contrário, é concebível que as inovações surgidas na oralidade, através do uso constante, ou seja, da repetição, tornem-se regular a ponto de entrar para a modalidade escrita. As construções como “pegou + (e) + v2” já podem ser encontradas em textos escritos como os presentes nos *corpora* do D&G.

No **exemplo 15**, a ocorrência do verbo pegar discursivo se dá na língua escrita, contrariando o uso comum de tal construção “...então meu pai **pegou e foi** embora com o carro...”.

Exemplo 15: Meu pai num dia pegou um passageiro no aterro e o moço contou a ele que tinha sido assaltado no ônibus e que os assaltantes levaram o salário dele todo, pois ele tinha acabado

⁷ Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (Travaglia, 1985: 53).

de receber e obrigaram a ele a saltar do ônibus, ele então pediu meu pai que ultrapassa-se o ônibus, quando o meu pai conseguiu ultrapassar o ônibus ele queria que meu pai solta-se do carro e o ajuda-se⁸ a pegar os ladrões, meu pai disse que não ia e ele começou a receber santo dentro do carro, com isso meu pai deu-lhe um tapa e ele caiu para fora do carro, então meu pai **pegou e foi** embora com o carro (*Corpus D&G do Rio de Janeiro 1 / escrita*).

Diante dessa narrativa, podemos deduzir que o pai da informante é um taxista, portanto o primeiro *pegar* ativa a acepção de oferecer o serviço de locomoção por táxi para um passageiro. O segundo *pegar* ativa sentidos como “foi atrás e capturou”. Já a construção “pegou e foi” poderia ser substituída apenas pelo “foi”, que, ainda assim, teria sentido dentro do contexto. No entanto, a informante, transportou esse uso comum da oralidade para o texto escrito.

A Gramática de Construções defende que *construção* é um pareamento de forma e sentido que apresenta significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza (GOLDBERG, 1995). Então, “Pegou e foi” à luz de Goldberg é uma construção, e o uso que aparece no **exemplo 15** pode ser visto como uma forma de enfatizar a situação desagradável pela qual o pai da informante passou. Da mesma forma, assinala o fechamento da narrativa. O falante através do uso dessa construção parece fazer um MOVIMENTO dentro do próprio discurso, esse MOVIMENTO foi já apontado por Sigiliano (2008) e aqui o corroboramos. Entendemos que há a perfilagem de MOVIMENTO na direção do desfecho da história. Na perspectiva do narrador, é o desfecho que ele julga importante perfilar.

No **exemplo 16**, o uso do *pegar* discursivo emerge na língua falada, ocorrência comum nessa modalidade, tendo em vista a fluidez e dinamicidade da oralidade como já mencionamos (“...ele **pegou e saiu** com ela...ficou com ela...”).

Exemplo 16: ...foi quando num dia ele...falou assim “ah...vamos dar um tempo...” eu “tudo bem...” uma semana depois...ele começou a dar em cima dessa minha amiga...ela chegou pra mim...falou pra/ falou o que estava acontecendo...nisso nós demos um tempo...não chegamos nem a terminar...eu falei assim “não...tudo bem...você faz o que der na sua cabeça...” foi quando depois de um tempo...ele **pegou e saiu** com ela...ficou com ela...aquilo pra mim foi um choque...foi uma desilusão...(Corpus D&G do Rio de Janeiro 1 / fala)

⁸Todos os exemplos foram retirados de forma fidedigna do Corpus do Discurso e Gramática (D&G) disponível online pelo site <http://www.discursoegramatica.letas.ufjf.br/>

No **exemplo 16**, a informante conta uma decepção amorosa e faz uso da construção “pegou e saiu”, perfilando MOVIMENTO e traçando a TRAJETÓRIA do discurso para dar foco ao acontecimento que a decepcionou e que sinaliza ação descendente na narrativa rumo ao desfecho imediatamente antes da coda⁹ que, neste caso traz uma avaliação encaixada (“**ele pegou e saiu** com ela...ficou com ela...aquilo pra mim foi um choque...foi uma decepção...”).

Já o **exemplo 17** ilustra um viés inusitado ou inesperado, que emerge do uso do verbo *pegar* conjugado com outro verbo: “ganhou...uma/um menino...**pegou e morreu**...aí depois ela ficou grávida de novo...”. Relatar a morte do bebê era o principal intuito da informante; no entanto, ao inserir essa informação há uma quebra do fluxo de tópico, pois o acontecimento gerou um espanto súbito. A informação do nascimento é dada e logo em seguida há o desfecho com a morte do bebê. Novamente, é o desfecho da narrativa que é perfilado. Esse caráter repentino / surpreendente corrobora com os estudos anteriores, como de Tavares (2005), que já havia apontado essas indicações semântico-pragmáticas conforme resenhamos na **seção 1.2**.

Exemplo 17: ...me contou...aí oh...aí também/ aí teve outra...aí como ele se casou com essa mulher...ele/ casou não... se juntou... aí foi... teve um filho dele... aí depois ele ficou apegado muito com o menino...aí teve um filho essa mulher...menino/ só menino que ele gosta...mesmo aí teve um filho com esse mulher...aí essa mulher **pegou**...ganhou...uma/um menino...**pegou e morreu**...aí depois ela ficou grávida de novo...aí ganhou uma menina e ficou...ele...ele não gosta muito de menina... (Corpus D&G Rio de Janeiro II, fala, narrativa recontada)

Portanto, há construções do tipo “pegou e v2” com alta frequência nos *corpora*. Em todos os casos há perfilagem do MOVIMENTO e geralmente do desfecho narrativo: com construções como: “pegou e disse”, “pegou e saiu”, “pegou e levou”, “pegou e foi”, “pegou e falou”, entre outros. Em alguns casos, o uso relaciona-se ao intuito de realçar uma ideia ou mesmo para marcar a mudança de turno de fala, exprimindo, dessa forma, a ideia de movimento dentro do próprio discurso, ou seja, o falante sinaliza o que deve permanecer no foco de atenção do ouvinte e/ou leitor quando faz o uso dessa construção.

Vale destacar que apesar do uso dessa construção ser comum nas narrativas (experiência pessoal e recontada) ela também foi registrada no relato de procedimento. O **Apêndice** elucida todos os casos.

⁹ Segundo Labov (1972) e Labov e Waletzky (1967), a narrativa conjuga os seguintes movimentos discursivos: sumário, orientação ação complicadora, avaliação externa e/ou encaixada, desfecho e coda.

4.2 Multissignificações: o *pegar* como categoria radial

Segundo Goldberg (2006) uma construção gramatical (como um morfema, um item lexical, entre outros) é polissêmica quando apresenta diferentes sentidos inter-relacionados que se estendem a partir de um sentido prototípico básico. Tendo em vista essa premissa, busco aqui analisar os usos do verbo *pegar* e entender a motivação entre os usos, de modo a verificar se é possível montarmos uma categoria radial. Isso nos permitirá entender qual é a âncora cognitiva que sustenta esses sentidos e de que maneira as transformações de esquemas imagéticos se relacionam com a polissemia desse verbo. Para tal, passamos agora a examinar as ocorrências do verbo *pegar* que não se encaixam na categoria *pegar discursivo*.

O **exemplo (18)** é estruturado pelo esquema imagético MOVIMENTO, pois exige que o aluno se mova na direção da caneta, traçando uma TRAJETÓRIA cujo marco é a caneta. Ao mesmo tempo, existe CONTATO e existe a necessidade de se exercer força para estabelecer CONTATO com esse marco a fim de segurar caneta. Ou seja, MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA e o CONTATO se transforma em CONTÊINER, pois a caneta fica contida nos limites da mão.

(18) Ele **pegou** a caneta e deu uma espetada no praço do garoto que estava sentado na minha frente, e jogou a caneta no meu colo. (*Corpus D&G Rio de Janeiro 2*, escrita, narrativa de experiência pessoal)

Nesse exemplo, os esquemas de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, FORÇA, CONTATO-CONTÊINER estruturam a construção do sentido.

No **exemplo (19)** ocorre o *pegar meios de transporte* “ele *pegou* um ônibus cheio”. Nesse caso, observamos os esquemas imagéticos MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO, FORÇA e CONTÊINER, assim como a metáfora MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS que estruturam a construção de sentido. Tal qual no exemplo **(18)**, a transformação de esquemas imagéticos envolve intenção do sujeito discursivo em se mover em direção a algo, a alguém ou a algum lugar. No exemplo **(19)**, há movimento em direção ao ônibus, tal MOVIMENTO traça uma TRAJETÓRIA até o marco. Ao atingir o marco, tal como no exemplo anterior, é necessário que o sujeito discursivo estabeleça CONTATO e exerça força para completar a ação envolvida. Em outras palavras, MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA e o CONTATO se transforma em CONTÊINER.

No **exemplo (20)** há manipulação do objeto vassoura e o exercício da força para movimentá-la e atingir o marco (o rapaz e a moça). Ou seja, mais uma vez temos os esquemas imagéticos MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO, FORÇA e CONTÊINER estruturando a construção de sentido do verbo *pegar*. A diferença entre os usos dos exemplos (19) e (20) encontra-se no papel do esquema CONTÊINER, pois no *pegar meios de transporte* é o ônibus que nos oferece o serviço de locomoção, ou seja, ele é o CONTÊINER, logo os passageiros são contidos dentro de um espaço delimitado que é o ônibus. Já no **exemplo (20)** o CONTÊINER é o nosso próprio corpo, as nossas mãos, responsável por delimitar o espaço e conter os objetos.

(19) ...ele **pegou** um ônibus cheio...né? aí no momento que ele ia soltar do ônibus... tinha uma se/ uma senhora não...uma...mulher que devia...que devia ter uns trinta e poucos anos assim...ele disse...né?(*Corpus D&G* Rio de Janeiro 1, fala, narrativa recontada)

(20) ...aí eu falei “o quê? É agora mesmo...**peguei** um cabo de vassoura ((risos))fui em cima dos dois...mas fiz uma algazarra tão grande...sabe? fiz o maior escândalo...aí...tanto eu batia como eu ria “toma...seu cafajeste...seu sem vergonha...você trouxe as alianças nas mãos...pra mim fi/ pra gente ficar noivo e tudo...eu preparando as coisas pro noivado e você me fazendo isso?”(*Corpus D&G* Rio de Janeiro 2, fala, narrativa de experiência pessoal)

Os *corpora* do D&G do Rio de Janeiro mostram ainda casos de *pegar* no sentido de *atingir* como o do **exemplo (21)**. Na narrativa, o informante diz que o seu colega foi atingido por um carro. Neste caso, o carro se desloca sobre uma TRAJETÓRIA até o MARCO que é a vítima do acidente. Ao chegar ao marco, o TRAJETOR estabelece CONTATO com FORÇA. Os esquemas imagéticos que estruturam a cena e o processo de significação são então TRAJETÓRIA-MOVIMENTO, FORÇA e CONTATO.

(21) Uma vez um colega meu da 1ª série me contou que quando um colega meu um grande amigo meu e ele e o meu outro colega estavam indo atravessar a rua e um carro que avançou o sinal e **pegou** um cheio no meu melhor colega e ai levaram ele ao hospital... (*Corpus D&G* Rio de Janeiro 2, escrita, narrativa recontada)

Mais uma vez, MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA, como já vimos ser o caso dos exemplos anteriores. Observamos também que, em grande maioria, o *pegar* encontrado nos *corpora* é motivado por uma intenção. Isso já aconteceu nos exemplos (19), (20) e (21). O **exemplo (22)** ilustra ainda esse sentido. “Pegamos” indexa MOVIMENTO até um MARCO (a passagem errada) e envolve escolha, ou seja, intencionalidade, pois o sujeito discursivo

decidiu qual seria a passagem que tomaria para traçar sua TRAJETÓRIA ao se mover pelo matagal.

(22) A gente saiu correndo, **pegamos** a passagem errada e tivemos que descer por um matagal até conseguir voltar para o túnel. Ao chegar de novo ao carro, o reboque já tinha chegado e rapidamente o carro foi rebocado. (*Corpus D&G do Rio de Janeiro 1 / escrita*)

Diferentemente dos outros usos do verbo *pegar*, o exemplo (14), anteriormente exposto, indexa o pegar metafórico. O que significa dizer que o falante de fato não pega o objeto, ou seja, não há um contato real como nos exemplos anteriores, o CONTATO ocorre no plano das ideias.

(14) querem dar projetos revolucionários para educação num país que eu acho que podia **pegar** um prédio velho...reformatar e manter... (*fala*)

Curiosamente, o verbo *pegar* também ativa o frame de relacionamento como em “**Peguei** a Ana na semana passada”. Tal frase fora de um contexto pode ser interpretada como dar uma carona de carro para a Ana (outra acepção), mas digamos que o contexto é uma conversa informal entre dois jovens abordando a festa que ocorreu em uma boate. Logo, o frame ativado é o sexual e o ato de beijar ou ter tido CONTATO físico com a Ana emerge por força inferencial. Tal uso do verbo *pegar* é muito comum entre o público jovem que se relaciona de forma efêmera. O esquema imagético CONTATO entre duas pessoas assume o lugar do que anteriormente acontecia entre uma pessoa e um objeto (*pegar objetos*-“*pegou a caneta*” “*peguei um cabo de vassoura*”), como nos exemplos (18) e (20). Aqui também há MOVIMENTO, TRAJETÓRIA e CONTATO, pois o TRAJETOR tem que se deslocar até a Ana para poder pegá-la e isso acontece de modo intencional.

Levando em consideração que o *corpus* analisado é da década de 90, o verbo *pegar* com a conotação sexual ocorre com baixa frequência. Verificamos apenas duas ocorrências nos *corpora* do Rio de Janeiro II (“*aí uma garota falou que vai bater ne::la por causa do mari/ porque ela quer **pegar** o pai dela...está **pegando** o pai...quase que mata a garota ((riso)) foi a maior confusão...*”). Vale apenas destacar que tal uso já era identificado nessa época.

Geralmente os falantes utilizavam no lugar do verbo *pegar* o verbo *ficar* para se referir a um relacionamento breve. RIBEIRO (2004) identifica esse uso do verbo *ficar* como “namoro descompromissado” “Ele pegou e saiu com ela...**ficou** com ela”, esse “ficar” tem

uma forte ligação com o tempo, com a duração. Acredito que a diferença entre os usos de *pegar* e *ficar* esteja no modo como a pessoa se relaciona com o outro, visto que em ambos a duração da relação será curta; no entanto, o tratamento será diferenciado, visto que o verbo *pegar* coisifica a pessoa, ou seja, a trata como objeto diferentemente do verbo *ficar* que estabelece uma relação mais próxima ao que conhecíamos como um namoro.

Para entendermos melhor esses achados, na **seção 4.2.1**, especifico e nomeio cada grupo de sentido encontrado, a fim de distinguir os casos e observar qual é o grupo que apresenta a maior frequência.

4.2.1 Grupos de sentidos

Nesta seção, resumirei os sentidos encontrados nos *corpora* do D&G do Rio de Janeiro na forma de categorias. Vou agrupá-los e nomeá-los de modo que possamos entender a formação da categoria radial, assim como sua motivação central. Identifiquei 6 grupos de sentidos. Exemplificarei cada caso encontrado no **Apêndice**, a fim de revalidar as ocorrências encontradas para cada grupo de sentido.

GRUPO 1- PEGAR OBJETOS - Este grupo reúne o *pegar* prototípico ou aquele que é o mais básico e inclusivo e que mais recorre nos *corpora*. Poderíamos nomear esses casos de *pegar*, possivelmente, de “pegáveis”, a fim de nos referirmos aos objetos ou coisas de proporção menores que são possíveis de ser maneadas e contidas pela mão: uma xícara, talheres, comida, utensílios em geral, entre outros. Os esquemas imagéticos envolvidos são: MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO, FORÇA e CONTÊINER. O sujeito discursivo se desloca (MOVIMENTO) até o marco (objeto), ao se deslocar traça uma TRAJETÓRIA, ou seja, MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA. No momento em que o sujeito discursivo *pega* o objeto ele estabelece FORÇA para conter o objeto na área delimitada das suas mãos (CONTATO-FORÇA-CONTÊINER).

GRUPO 2 – PEGAR MEIOS DE TRANSPORTE– Este grupo se antepõe ao *pegar* anterior, pois se refere ao CONTATO e CONTEINEMENTO por “objetos” de proporção maiores (carro, ônibus, barca, metrô, trem...) que não podemos segurar com as mãos e que na realidade nos contêm. Esse grupo é estruturado pela metáfora MEIOS DE TRANSPORTE SÃO

OBJETOS. Os esquemas imagéticos envolvidos são: MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO, FORÇA e CONTÊINER. As transformações ocorrem da seguinte maneira: MOVIMENTO traça uma TRAJETÓRIA até o marco (ônibus, carro, barca, trem...). Ao atingir o marco é necessário que o sujeito discursivo estabeleça CONTATO e exerça força para completar a ação envolvida (entrar no automóvel). Em outras palavras, MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA e o CONTATO se transforma em CONTÊINER e por trás de toda essa ação existe uma intenção.

GRUPO 3- PEGAR SERES ANIMADOS - Este grupo se refere tanto às pessoas quanto aos animais, por isso a nomeação de “seres animados”. Há presença de duas metáforas que são: PESSOAS SÃO OBJETOS e ANIMAIS SÃO OBJETOS. Para simplificar a contagem das ocorrências simplificamos a metáfora para SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS. Da mesma forma que pegamos objetos também pegamos as pessoas (Vou pegá-la em sua casa, por exemplo). Os esquemas imagéticos envolvidos são: MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO, FORÇA e CONTÊINER.


GRUPO 4- PEGAR DISCURSIVO- Este grupo é formado por dois verbos de ordem fixa, sendo o V1 (verbo pegar) e o V2 (verbo de ação ou dicendi). Segue a seguinte construção: pegar + (e) + V2, lembrando que nem sempre a preposição “e” aparece. Tal construção é bastante comum no discurso oral do *Corpus* do D&G, mas também pode ser observada na língua escrita. O uso dessa construção perfila MOVIMENTO dentro do próprio discurso, perfilando o fechamento da narrativa, a coda ou algo inesperado. O sujeito discursivo faz uso dessa construção com a intenção de realçar alguma informação considerada por ele importante. Os esquemas imagéticos envolvidos são: MOVIMENTO-TRAJETÓRIA.

GRUPO 5- PEGAR HIPOTÉTICO/FICTÍCIO- Este grupo se configura no plano das ideias e estruturado pela metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS. O interlocutor não *pega* de fato o objeto ou coisa, é apenas uma ação hipotética. O CONTATO é do próprio TRAJETOR com a ideia e o CONTÊINER é a cabeça do TRAJETOR ou sujeito discursivo. Os esquemas imagéticos envolvidos são: MOVIMENTO-TRAJETÓRIA.

GRUPO 6- PEGAR COMO MOVIMENTO INTENCIONAL SOBRE UMA TRAJETÓRIA- Este grupo se refere ao pegar intencional no sentido de entrar, o falante faz uma escolha, há MOVIMENTO por uma TRAJETÓRIA com a intencionalidade de entrar em algum espaço delimitado por fronteiras, como uma casa, uma rua, um caminho, etc.


Para esboçar alguns exemplos de cada grupo de sentido apresento a **tabela 3** e a **tabela 4** em que as ocorrências de cada grupo na cidade do Rio de Janeiro foram sumarizadas. A partir da frequência com que cada grupo aparece nos *corpora* poderemos definir o centro da categoria radial, além de refletirmos sobre os esquemas imagéticos e suas transformações como motivadores dos usos aqui exemplificados.

Tabela 3 - Grupos de sentidos do Rio de Janeiro 1

GRUPO 1 – Pegar objetos	48 ocorrências
MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO - CONTÊINER (as mãos funcionam como CONTÊINER) FORÇA  Dependerá do aspecto verbal Ex: Eu pego o creme de leite...(Corpus D&G Rio de Janeiro 1, fala, relato de procedimento)	
GRUPO 2 – Pegar meios de transporte estruturado pela metáfora MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS e pelos esquemas:	20 ocorrências
MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO-FORÇA - CONTÊINER (o automóvel que funciona como CONTÊINER, o ego é contido) Ex: Pegaram o ônibus e sentaram-se no banco de trás. (Corpus D&G Rio de Janeiro, escrita, narrativa recontada)	
GRUPO 3-Pegar seres animados Estruturada pela metáfora SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS e pelos esquemas de:	10 ocorrências
MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO - FORÇA - CONTÊINER	

<p>Ex: ...alguém chamou a patrulha que chegou rapidamente e conseguiu pegar os dois bandidos. (Corpus D&G Rio de Janeiro 1, fala, narrativa recontada). PESSOAS SÃO OBJETOS.</p> <p>Ex: ...pra ninguém pegar...aquela desgraçada...miserável...ninguém ((riso)) mais montou naquela porcaria daquela jumenta... (Corpus D&G Rio de Janeiro 1, fala, narrativa de experiência pessoal). ANIMAIS SÃO OBJETOS.</p>	
GRUPO 4- PEGAR DISCURSIVO	8 ocorrências
<p>Movimento dentro do próprio discurso MOVIMENTO-TRAJETÓRIA</p> <p>Ex: ...aí ela veio de grosseria... gritando que eu estava atrapalhando a aula dela desde o início...que desde o início do ano que eu queria prejudicar...aí ela pegou e falou que da próxima vez ela ia me tirar de sala de aula... (Corpus D&G Rio de Janeiro 1, fala, narrativa de experiência pessoal).</p>	
GRUPO 5- PEGAR HIPOTÉTICO/ FICTÍCIO estruturada pela metáfora IDÉIAS SÃO OBJETOS	8 ocorrências
Se configura no plano das ideias	
MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO	
<p>Ex: ...querem dar projetos revolucionários para educação num país que eu acho que podia pegar um prédio velho...reformar e manter... (Corpus D&G Rio de Janeiro, fala, relato de opinião)</p>	
GRUPO 6-pegar como movimento intencional sobre uma trajetória	4 ocorrências
<p>MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO</p> <p>Ex: A gente saiu correndo, pegamos a passagem errada e tivemos que descer por um matagal até conseguir voltar para o túnel. (Corpus D&G Rio de Janeiro 1, escrita, narrativa de experiência pessoal)</p>	

Tabela 4 - Grupos de sentidos do Rio de Janeiro 2

GRUPO 1 – Pegar objetos	231 ocorrências
<p>MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO - CONTÊINER (as mãos funcionam como o CONTÊINER)</p> <p>FORÇA  Dependerá do aspecto verbal</p> <p>Ex: Pega aquela...eh...aquela massa...depois que lixou tudinho...(Corpus D&G Rio de Janeiro 2, fala, relato de procedimento)</p>	
GRUPO 2 –Pegar meios de transporte estruturado pela metáfora MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS e pelos esquemas:	11 ocorrências
<p>MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO - FORÇA - CONTÊINER (o automóvel que funciona como CONTÊINER, o ego é contido)</p> <p>Ex: ...quando ela foi pegar o ônibus cinco malandros roubaram ela. (Corpus D&G Rio de Janeiro2, escrita, narrativa recontada)</p>	
GRUPO 3-Pegar seres animados Estruturada pela metáfora SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS e pelos esquemas de:	60 ocorrências
<p>MOVIMENTO-TRAJETÓRIA CONTATO FORÇA CONTÊINER</p> <p>Ex: ...a gente chamou...né? pra pegar o cara...aí eles foram...pegaram o cara...revistaram...o cara estava de canivete...(Corpus D&G Rio de Janeiro 2, fala, narrativa de experiência pessoal). PESSOAS SÃO OBJETOS.</p> <p>Ex: ...eu peguei um passarinho...um filhotinho...né? aí ele estava com ferida no bico...né?(Corpus D&G Rio de Janeiro 2, fala, descrição de lugar). ANIMAIS SÃO OBJETOS.</p>	
GRUPO 4- PEGAR DISCURSIVO	19 ocorrências

Movimento dentro do próprio discurso

MOVIMENTO-TRAJETÓRIA

Ex: ...mandou eu escolher...né? ou a rua...ou em casa...né? **peguei e escolhi** a rua.. (Corpus D&G Rio de Janeiro 2, fala, narrativa de experiência pessoal).

Fonte: A autora, 2018.

O **gráfico 1** representa o total dos grupos de sentidos da cidade do Rio de Janeiro. Neste gráfico é contabilizado os resultados tanto do Rio de Janeiro 1 quanto o Rio de Janeiro 2.



Fonte: A autora, 2018.

O **grupo de sentido 1 (pegar objetos)** é o mais recorrente, como já antecipado. Parece que se trata do sentido prototípico do verbo *pegar*, tendo como esquemas imagéticos centrais MOVIMENTO-TRAJETÓRIA e como tal, ocupará o centro da categoria radial.

Os esquemas imagéticos básicos são MOVIMENTO-TRAJETÓRIA. As transformações observadas são as seguintes: MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA rumo a um marco, que por sua vez se transforma em CONTATO e em seguida FORÇA e CONTÊINER.

A noção de CONTÊINER ocorre de forma distinta entre os grupos de sentido. Por exemplo, no **grupo 1 (pegar objetos)** são as nossas mãos que funcionam como o CONTÊINER, pois é o EGO que é o responsável por conter o objeto; já no **grupo 2 (pegar meios de**

transporte) é o ônibus que contém o EGO, ou seja o ônibus ou qualquer outro meio de transporte (táxi, barca, metrô...) que funciona como CONTÊINER.

No **grupo 3 (pegar seres animados)** pegamos seres animados (pessoas ou animais) em vez de objetos (seres inanimados); na verdade utilizamos o *pegar* porque coisificamos as pessoas. Pessoas podem ser movidas, manipuladas, são pegáveis, são transportadas assim como os objetos. A metáfora estruturante é PESSOAS SÃO OBJETOS.

O **grupo de sentido 4 (pegar discursivo)** é responsável por movimentar o próprio discurso, a TRAJETÓRIA é a própria linearidade das palavras ou dos movimentos retóricos no discurso e o MOVIMENTO se dá através da intencionalidade do enunciador em dar foco para um determinado acontecimento ou movimento retórico como é o caso do fechamento das narrativas ou codas.

Através dessa análise, concluo que o esquema imagético MOVIMENTO-TRAJETÓRIA é sempre atuante nos diferentes usos do verbo *pegar*; no entanto existem casos como verificados no **grupo 5 (pegar hipotético/fictício)** em que o esquema imagético MOVIMENTO sofre transformação, pois o falante de fato não pega o objeto; a ação de conter algo fica apenas no plano das ideias, ou seja, o CONTATO é do próprio trajetor com a ideia e o CONTÊINER é a cabeça do trajetor ou sujeito discursivo. De acordo com Talmy (2000), o MOVIMENTO pode ser real ou físico quando um objeto se desloca em um ESPAÇO; e fictício quando se supõe que ocorreu um deslocamento do objeto, essa suposição ocorre imageticamente.

O **grupo 6 (pegar como um movimento intencional sobre uma trajetória)** foi o menos frequente. “*Pegar uma rua errada*” indexa MOVIMENTO até um MARCO (a passagem errada) e envolve escolha, ou seja, intencionalidade. Assim, MOVIMENTO se transforma em TRAJETÓRIA, que se transforma em CONTATO. Tal uso é verificado quando o falante quer sinalizar, por exemplo, que entrou em uma determinada rua.

Ainda cabe mencionar a presença do **pegar idiomático**. Como já apontado inicialmente na revisão de literatura, não foi o nosso objeto de interesse e fuge ao escopo deste trabalho. Porém, através do *AntiConc* verifiquei alguns registros desse caso.

Por fim, verificamos ocorrências do verbo *pegar* que funcionam como **marcadores discursivos (pegar marcador discursivo)**¹⁰ e **pegar no sentido de contrair doença**. Não

¹⁰ Verifiquei algumas ocorrências que se diferenciavam da construção “pegar + (e) + V2” (pegar discursivo). Tais ocorrências funcionam como **marcadores discursivos**. Eles não foram contemplados na análise, mas cabe aqui a observação da sua ocorrência. Talvez possamos incluí-los no subgrupo do pegar discursivo, fato aberto a investigações futuras. Ilustrarei os 3 exemplos:

considerarei esse último uso nos grupos de sentidos por se tratar de um uso já debatido em outros estudos como de Sigiliano (2008) e Leite (s/d) e também por ocorrer com baixa frequência em meus *corpora*.

Em conclusão, os esquemas imagéticos MOVIMENTO-TRAJETÓRIA motivam a relação entre os usos do *pegar* e as transformações de esquema nos autorizam a afirmar que tais usos formam uma categoria radial. Na **seção 4.2.2** ilustro a categoria radial a partir dos grupos de sentidos já discutidos.

4.2.2 Pegar como categoria radial

Os delírios do verbo *pegar* nestes *corpora* sinalizam a formação de uma categoria radial. Há sim relações motivadas entre os grupos de sentido, confirmando não só a polissemia da construção, mas a rede de sentidos formada pelas multissignificações ou seus delírios. No centro da categoria, está o **grupo 1**, por ser o uso mais frequente. Ele é o mais básico e inclusivo, portanto, o prototípico: o grupo **pegar objetos** é ancorado pelos esquemas imagéticos centrais MOVIMENTO-TRAJETÓRIA. As noções de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-CONTÊNER e FORÇA aparecem também nos grupos 1, 2 e 3; por isso os grupos 2 e 3 são subsequentes nas radiais vizinhas ao centro prototípico. O **grupo 3 (pegar seres animados)** aparece na radial subsequente ao **grupo 1**, seguindo a frequência dos nossos registros. Em seguida, o **grupo 2 (pegar meios de transporte)**. Afastando-se do centro da categoria temos os grupos mais periféricos, respectivamente o **grupo 4 (pegar discursivo)**, o **grupo 5 (pegar hipotético/ fictício)** e o **grupo 6 (pegar como movimento intencional sobre uma trajetória)** nesta ordem, segundo as respectivas frequências de ocorrência nos *corpora*. Os esquemas imagéticos MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO são comuns a todos. Na radial

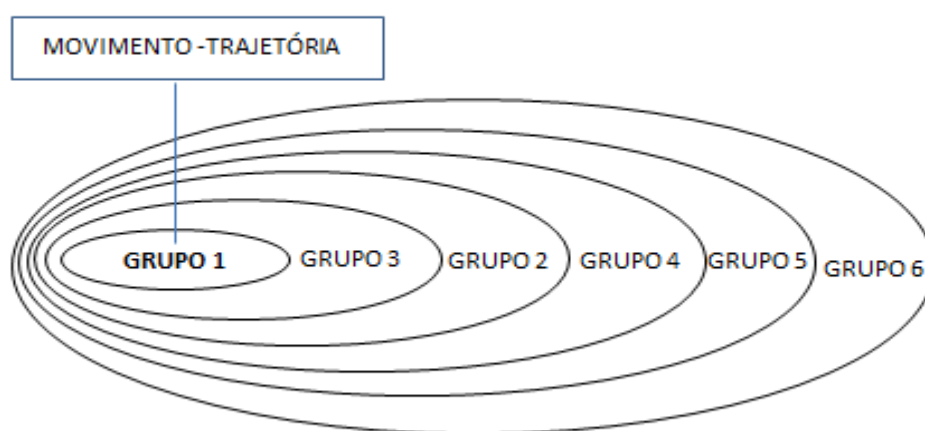
Ex1: ...falei assim “mas eu não vou ficar com ele não...né?” eu/ aí ele falou assim...aí o juiz “não...” eu falei assim “então tá...obrigada...” aí eu...aí eu **peguei**...aí...quando eu saí...ele querendo/ai ele bem...foi pro outro corredor...

Ex2: ...arranjei um namorado...aí... fui para uma festa...né? aí ele **pegou**/ficamos juntos... um bom tempo...ai depois ela não...aceitava mais que a gente ficasse junto...

Ex3:... minha mãe pediu a separação...ele/ meu pai não quis dar...aí ela...aí se/ a minha mãe **pegou**...ele **pegou**...queria tomar a casa da minha mãe...

mais afastada, consta ainda o **grupo 6 (pegar como movimento intencional sobre uma trajetória)** por ser o menos frequente em nossos registros, conforme ilustrado no **gráfico 1**. O **grupo 6** comunga com o centro o esquema básico MOVIMENTO-TRAJETÓRIA. O **gráfico 2** ilustra essa rede de sentidos na forma de uma categoria radial.

Gráfico 2 - Categoria radial do verbo pegar



Fonte: A autora, 2018.

4.2.3 Discussão

Lakoff (1987) sugere que a categorização humana envolve dois campos: de um lado a experiência humana, a simulação de atividade motora e a cultura; do outro, a metáfora, a metonímia e os esquemas imagéticos. Segundo ele, a categorização é central para o entendimento de como pensamos. Quando categorizamos as coisas ao nosso redor, é importante entender que as categorias mentais e linguísticas não são categorias desencarnadas ou independentes dos seres humanos. As categorias são criadas com base em nossas experiências concretas, tendo como limites os nossos corpos.

Através da análise dos usos do verbo *pegar* no *Corpus D&G* do Rio de Janeiro, pude observar que, quando pensamos na ação do *pegar*, imediatamente ativamos o esquema imagético MOVIMENTO que traça a trajetória (TRAJETÓRIA) do perspectivador até o marco, para em seguida estabelecer CONTATO com o marco no destino final. Tal ação pode, ao chegar em seu destino conter esse marco dentro de uma região delimitada do espaço (CONTÊINER), fazer contato com FORÇA ou ainda simplesmente só perfilar o fechamento da narrativa e/ou a sua coda.

Nos casos em que o espaço é delimitado pelas nossas mãos, de fato as mãos podem conter os marcos. Mas em casos em que o marco/objeto é um ônibus, ele só pode ser contido metaforicamente, pois como já mencionamos na análise na realidade é o ônibus que nos contém.

Todos os casos evidenciam a hipótese da corporificação da mente e sua relação com o processo de categorização assim como a transformação de esquemas proposta por Lakoff e Brugman (1985) e subsequentemente tratada por Johnson (1987), Lakoff (1987), Gibbs & Colston (1995) e Turner (1996). Tendo em vista que o homem traz para a sua linguagem as suas experiências sensorio-motoras mais básicas como movimento, mudança de estado, transferência (relação de posse) é a partir disso que estrutura sua língua.

Ou seja, nossa compreensão do verbo *pegar* passa diretamente pela percepção físico-espacial que temos do mundo (LEITE, op. cit., p. 13) ou do esquema MOVIMENTO-TRAJETÓRIA e da experiência que temos de suas transformações em outros esquemas como CONTATO-CONTÊINER. Entender os esquemas imagéticos envolvidos e as suas transformações é entender os diferentes usos do verbo *pegar*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, delinheiro alguns entendimentos emergentes assim como as contribuições teóricas, metodológicas e práticas da presente pesquisa, além também de retomar as perguntas motivadoras que me fizeram trilhar essa caminhada. Reflito ainda sobre possíveis desdobramentos futuros advindos dos achados da análise.

Entendimentos emergentes

A temática, no que diz respeito à polissemia do verbo *pegar*, é negligenciada pela literatura da língua. Com isso em mente, aprofundamos a pesquisa sobre a natureza multissignificativa desse verbo e propomos que ela tem a essência de uma categoria radial. Isso justifica a contribuição do presente trabalho. Vale mencionar que detectar os usos polissêmicos do verbo *pegar* foi tarefa complexa que exigiu uma constante reanálise dos dados a fim de validar os atributos comuns e as extensões de sentido. O verbo *pegar* emerge dos dados como essencialmente polissêmico, pois os seus usos emanam de um conjunto de atributos comuns e se diferenciam por extensões do sentido básico motivadas por esquemas imagéticos e suas transformações e projeções metafóricas, conforme ilustrado no **gráfico 2**. É uma categoria radial.

Contribuições teóricas, metodológicas e práticas

Acredito que a contribuição teórica pertence ao campo da descrição semântica conceptual e à lexicografia, uma vez que é fonte de conhecimento sobre o nosso mundo mental, sobre os bastidores da nossa cognição e a organização do léxico. Refletir sobre os usos do verbo *pegar*, propor grupos de sentidos para esse verbo e justificar a polissemia desse verbo através das transformações de esquemas imagéticos permitiu que preenchêssemos uma lacuna na área.

Em relação à contribuição metodológica, acredito que por se tratar de dados da língua em uso tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita e por trazer uma combinação de pesquisa qualitativa e quantitativa apresentamos um diferencial em relação a estudos na área de Semântica Cognitiva e nos estudos lexicográficos. Além disso, ao agruparmos os

sentidos segundo os esquemas imagéticos que os motivam e a frequência em que ocorrem possibilitamos uma visão geral dos usos do verbo *pegar* sem extrapolar aquilo que está presente nos *corpora*, diferenciando o estudo da tarefa do dicionário. Por fim, a metodologia permitiu-nos chegar à âncora cognitiva que está por trás dos usos.

Já em termos práticos, o estudo deixa a própria descrição dos sentidos do verbo *pegar*. Muitos dos usos assinalados no desenvolver dessa dissertação são compreendidos e memorizados pelos falantes da língua de forma inconsciente, mas tais usos estão ancorados cognitivamente. Falar sobre isso é trazer a realidade cognitiva dos falantes para nível do consciente. Dessa forma, a linguagem passa a ser vista como um elemento que não pode ser ignorado uma vez que as nossas estruturas de conhecimento que guiam nossas percepções são, em grande medida, reguladas por uma contínua interação entre práticas culturais, esquemas cognitivos e linguagem. Retomo, então, as perguntas de pesquisa a fim de pontuá-las com os achados e algumas reflexões.

1. Que sentidos do verbo pegar são discursivamente projetados pelos interlocutores nos *corpora* em tela?

Os dicionários da Língua Portuguesa indicam o sentido *segurar* como o mais comum; no entanto, trata-se de um verbo que etimologicamente já traz ideia de MOVIMENTO “sujar (-se) com breu ou piche, impregnar (-se) de breu ou piche, ter em si, trazer para si” (HOUAISS 2001). Nossos achados reforçam essa interpretação. Trata-se de uma categoria que por essência só se concretiza a partir da ativação do esquema MOVIMENTO. Segundo o paradigma da Linguística Cognitiva esse esquema imagético é propenso a gerar outros sentidos, tais sentidos foram contemplados nos seis grupos expostos em nossa análise (**pegar objetos, pegar meios de transporte, pegar seres animados, pegar discursivo, pegar hipotético/fictício e pegar como movimento intencional sobre uma trajetória**).

2. Esses sentidos formam uma categoria radial?

Sim, há uma categoria radial para o verbo *pegar*, pois existem relações entre os grupos de sentido, confirmando não só a polissemia da construção, mas a rede de sentidos formada pelas multissignificações ou seus delírios. Os grupos de sentidos estão ancorados no esquema imagético central MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, a partir desses esquemas básicos outros vão surgindo através das transformações. Assim, temos MOVIMENTO que se transforma em

TRAJETÓRIA rumo a um marco, que, por sua vez, se transforma em CONTATO e, em seguida, FORÇA e CONTÊINER. A INTENCIONALIDADE está presente desde o início da ação normalmente, já que é ela que motiva o movimento. A categoria radial do verbo *pegar* está representada no **gráfico 2**.

3. Quais as motivações sociocognitivas que regem os usos do verbo *pegar* nos corpora D&G do Rio de Janeiro?

Os usos presentes nessa pesquisa foram motivados pelos esquemas imagéticos centrais (MOVIMENTO-TRAJETÓRIA) e suas transformações, além também de alguns casos contarem com a contribuição de metáforas conceptuais como, por exemplo, os grupos 2, 3 e 5: MEIOS DE TRANSPORTE SÃO OBJETOS, SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS E IDEIAS SÃO OBJETOS respectivamente.

Desdobramentos futuros

À luz da nossa análise, percebemos os vários caminhos possíveis para trabalhar com o verbo *pegar*. Alguns desses desdobramentos investigativos foram apontados, como: a construção "pegar + (e) + V2" (pegar discursivo), a multissignificação do *pegar*, os sentidos do pegar discursivo e as possíveis mesclas existentes. Contudo, delimitamos a explicação da multissignificação do verbo *pegar* às transformações dos esquemas imagéticos nos *corpora* do D&G da cidade do Rio de Janeiro em *corpora* de língua falada e escrita. Pretendo, posteriormente, explorar as mesclas existentes nos usos do verbo *pegar* a fim de complementar e aprofundar esse trabalho. Explorar a Teoria da Mesclagem Conceptual (TMC) seria uma via possível para explicar a polissemia do verbo *pegar*.

REFLEXÕES FINAIS

A pretensão do estudo não foi esgotar todas as possibilidades de sentidos do verbo *pegar*, uma vez que tal tarefa seria impraticável, já que a língua é viva e constantemente modificada. Como afirma Langacker “qualquer descrição real deve limitar-se a facetas do significado total que são centrais ou relevantes para um propósito imediato específico” (Langacker, 2008, p.14). Por isso, a nossa proposta foi agrupar os sentidos centrais do verbo *pegar* e mostrar como os sentidos estão relacionados. Para explicar os diferentes usos do verbo *pegar* utilizamos como aporte teórico os esquemas imagéticos e suas transformações. Acredito que o estudo preencha a lacuna existente na descrição linguística do verbo *pegar* e potencialmente reforce a sua funcionalidade na língua em uso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Clotilde. **Transitividade e trajetória nas concepções de “abrir” e cortar” em Português e Alemão: análise prototípico-analogista.** Dissertação de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.

AURÉLIO, **Dicionário on-line da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Pegar.html>>. Acesso em: 10/04/2017

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. **Contribuição para a caracterização da Interface Expressão Linguística - Cognição Espacial no Português Europeu:** abordagem psicolinguística da expressão do espaço em narrativas provocadas. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BERBER SARDINHA, **Tamanho de Corpus.** São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-122, 2003.

BRUGMAN, Claudia Marlea. **História de “over”.** Tese de mestrado, Universidade da Califórnia, Berkeley. Reproduzido pelo Indiana University Linguistics Club (1983).

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective.** Oxford: Oxford University Press 2001.

CROFT, W. & D. Alan Cruse. **Cognitive linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004

CUNHA & CINTRA, **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DEWELL, Robert. **OVER Again: Image-Schema Transformations in Semantic Analysis.** [S.l.: s.n.]: 2005.

DUTRA, Rosália. **O falante gramático.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: Na introduction.** Edinburgh : Edinburgh University Press, 2006.

FERNANDES, Joana Alexandra. Polissmia e metáfora no paradigma verbal do português- o verbo colher. **Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas,** Porto, XVII, 2000.

FERRARI, Lilian. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF — Dossiê: Letras e cognição,** n. 41, p. 149-165, 2010.

_____. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Lilian; FONTES, Viviane Moura. Deixes e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial. **Revista Linguística - Revista do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, dez. 2010.

KÖVECSES, Zóltan. **Language, mind and culture: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2006.

LABOV, William; Joshua WALETZKY. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, June. Ed. **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, William. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LAKOFF, George. Radial Categories. In: _____. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago, 1980.

_____. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Vera Maluf. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar, v. 1: teoretical prerequisites**. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

_____. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEITE, Marcelo Andrade. **Resultatividade: um estudo das construções resultativas em Português**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, José Pinto de. **Significado avaliativo: para uma clarificação à luz de uma Semântica prática**. Dissertação de Doutorado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1989.

GEERAETS, Dirk. Cognitive linguistics. In: VERSCHUEREN, J. et al. (Ed.). **Handbook of Pragmatic**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele. E. **A construction Grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work; the nature of categorization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. Nova York: Harper and Row, 1974.

GIBBS , R. W.; COLSTON , H . The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. **Cognitive Linguistics**, 6, 347 – 378, 1995.

GIBBS Jr., Raymond W. & COLSTON, Herbert L. The cognitive psychohological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (Ed.). **Cognitive linguistic: basic readings**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HAITH , M. M . **Rules that babies look by**: the organization of visual activity. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1980.

JOHNSON , M . **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: Chicago University Press, 1987.

_____. **The Meaning of the Body**: aesthetics of human understanding. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2007.

MANDLER, J. M . **The foundations of mind**: origins of conceptual thought. New York: Oxford University Press, 2004.

MANDLER, Jean M.; CÁNOVAS, Cristóbal Pagán. On defining image schemas. **Language and Cognition**, 2014.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 177-192.

MERLAN, Aurélia. **Sobre as chamadas perífrases verbais paratácticas do tipo PEGAR E + V2 nas línguas românicas**. **Línguas e Literaturas XVI**, Faculdade de Letras, Porto, p.159-205, 1999.

RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. A expansão de sentidos do verbo ficar e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 2, n. 8, jan.-mar. 2004.

RODRIGUES, Angélica T. C. **As construções do tipo foi fez**. 2005. Impresso.

ROSCH, E. Cognitive representation of semantic categories. **Cognitive Psychology**, n. 4, p.328-350, 1972.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 3, n.1, p. 61-79, , jan./jun. 1999.

SIMION , F.; Regolin , L.; BULF , H. A predisposition for biological motion in the newborn baby. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, n. 105, p. 809-813, 2008.

SINCLAIR, J 1996. **EAGLES Preliminary recommendations on corpus typology**. EAGLES Document EAG TCWG CTYP/P. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Istituti di Linguistica Computazionale. Unpublished manuscript.

SILVA, Augusto Soares da. **A Semântica de DEIXAR. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical**. Dissertação de Doutorado, Braga, Universidade Católica Portuguesa- Faculdade de Filosofia de Braga, 1997.

SILVA, Leosmar Aparecido. Construções idiomáticas com o verbo pegar: uma abordagem sociocognitiva. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 286-306, 2. sem. 2016.

SIGILIANO, Natália Sathler. Eu peguei e falei: eu vou! As noções de movimento e mudança nas construções com o verbo pegar. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, jan-abr. 2008.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition . **Cognitive Science**, n. 12, p. 49-100, 1988.

_____. **Toward a cognitive semantics v. 1 e 2**. Cambridge: MIT Press, 2000.

TAVARES, Maria Alice. **Variação e gramaticalização na indicação de aspecto global através da construção [V1 auxiliar (PEGAR, CHEGAR, IR, etc) (E) + V2 principal]**. Projeto de pesquisa. 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985. p.49-54.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TURNER, M. **The literary mind**. Oxford, Oxford University Press, 1996.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. **Construindo sentido na linguagem**. Rio de Janeiro: Multifocos, 2011.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 149-177, 2006.

APÊNDICE

Nessa seção, delinheio os quadros contendo todos os exemplos encontrados para cada grupo de sentido da cidade do Rio de Janeiro (1 e 2).

GRUPO 1- PEGAR OBJETOS
<p>Excerto 1: Eu pego o creme de leite... que já deixou () na geladeira... tiro o soro... coloco na panela o creme de leite... cozinho...</p> <p>aí pego... massa de tomate... coloco... e misturo... () molho rosé... mas só que não é com maionese...</p> <p>é pegar aquilo “pô... que milho...”</p> <p>pega a cebola... pica bem... pega a salsinha... que eu adoro... lava... pica bem a salsinha... pega um pouco daquele::chamado alho com:: um pouco do sal... que virou o chamado salho... não esses comprados feitos... eu falo salho porque eu estou dando uma referência... (fala)</p>
<p>Excerto 2: pega-se depois a lata do creme de leite que já estará na geladeira retirando-se o soro, e colocando toda a quantidade do creme na panela... (escrita)</p>
<p>Excerto 3: aí os/ o dono da festa falou pra eles irem comprar mais que ele dava até o dinheiro... aí eles pegaram os ((riso)) os cascos... né? o engradado de cerveja...</p> <p>pegou o rádio lá que tem no táxi e ligando lá pra Central... pediu reboque e não sei o quê... não deu nem atenção pra ele... (fala)</p>
<p>Excerto 4:... pega outra cor... e vai franzindo por fora... em volta do... do que você já franziu antes... (fala)</p>
<p>Excerto 5: então eu não peguei o che::que...” e tal “não peguei cheque... não posso te passar cheque... agora só segunda-feira...</p> <p>eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar umas coisas aí... cara... ainda bem que você me disse da... da sua mãe... porque a mãe dela nem mora aqui... mora no Norte... nem ia/ como é que eu ia passar pra pegar uma fita de vídeo ainda... né?” (fala)</p>
<p>Excerto 6: pego os lápis de cor que eu quero... tudo que... tem colorido... lápis de cor...</p> <p>o pessoal fala “pega o papel branco” e tal... “prende elena prancheta...” aí:: vou executar o trabalho... pinto e tal...</p> <p>você escolhe um que você goste mais... então você vai pegar aquele e vai aprofundar... então você vai ver como você vai apresentar aquilo melhor... aí às vezes é com recorte de papel...</p> <p>seria um papel mais durinho... pra você quando apresentar pra pessoa... ela não</p>

<p>pegar aquilo molengo na mão... você monta... aí põe um:: papel de proteção... (fala)</p>
<p>Excerto 7: vejo na agenda de afazeres o que há para fazer e pego todo o material para _____ por _____ a _____ minha volta. Depois de conferir se tudo está bem, começo meu trabalho. (escrita)</p>
<p>Excerto 8: ele pegou o bife e tacou ((riso)) mas ele não reparou muito... a janela estava fechada... ((riso)) sério... o bife saiu... bateu na janela... e começou a escorrer... grudou... escorreu... (fala)</p>
<p>Excerto 9:... os caras falaram que era um assalto... aí pegaram o dinheiro... a conta de luz... tudo que tinha... juntaram... colocaram na capanga e levaram a capanga embora... e aí meu pai foi pra casa... falou que tinha sido assaltado... (fala)</p>
<p>Excerto 10: bom... primeiro você pega um copo... demais ou menos... duzentas e cinquenta gramas de leite... e despeja numa panela... e bota pra fi/prá esquentar... né? aquecer... (fala)</p>
<p>Excerto 11: Pizza. Pego um copo de 250ml com leite e sal, leva-se ao fogo e depois _____ acrescenta-se um tablete de fermento biológico e depois 250g de farinha de trigo, mistura-se até _____ obter _____ a consistência certa. (escrita)</p>
<p>Excerto 12: que eu pego... é tirar/ pegar na acetona e tirar o esmalte que está dentro dela... dentro de/ está na unha... esmalte velho fica sempre um... pedacinho... aí eu vou... pego o sabão... coloco... na água... no potezinho... a água está no pote... aí eu mexo... faz aquelas borbulhinhas assim... eu vou e coloco os dedos... aí fica um tempo... deixa de molho... aí quando a minha cutícula já está bem mole... eu vou... pego o alicate... que está amolado... tiro a cutícula... bem tirada... sabe? eu só não sei tirar muito da mão esquerda... mas eu quebro o galho... aí vou/ depois disso... eu enxugo a minha mão... bem enxugadinha... e lixo... pega uma lixa de unha... aquela assim comprida... sabe? lixo... lixo todos os dedos... não... quer dizer... a unha... passo::... esmalte... eh... incolor primeiro uma base... depois deixo secar... aí quando seca... eu vou... pego um outro esmalte... passo... um mais escuro... eu gosto muito é de vermelho... aí depois disso eu deixo secar de novo... quando já está seco... eu vou pego um... uma espátula... uma espátula não... um pau-de-laranjeira... tiro o que ficou na beiradinha... (fala)</p>
<p>Excerto 13: quando a água ferve eu pego...o saquinho de gelatina... despejo no/ despejo num vasilhame... boto um pouquinho de água fervendo... boto um pouco de água</p>

gelada... (fala)
Excerto 14: A minha amiga viu 2 lugares na frente e abriu a bolsa para pegar o dinheiro da passagem, até que o homem em voz baixa chamou a sua atenção, mostrou lhe uma pequena arma e disse para ela passar para ele, o dinheiro, relógio e pulseira. (escrita)
Excerto 15: ... tu pega ... uma/ eh... a quantidade... de... de batatas... que () e corta... né? corta... de preferência palito... aí bota pra fritar... (fala)
Excerto 16: todos eles... sinceramente... são uma cambada de ladrões... que adoram... sabe? pegar dinheiro... dos outros sabe eh:: fazer... sacanagem... fazer troço assim... (fala)
Excerto 17: a gente pega esse macarrão... coloca ele na água fervendo... e deixa... fervendo durante... durante uns cinco minutos... (fala)
Excerto 18: pega ... deixa eu ver... três cenouras... médias... descasca e corta... picadinha... pequenininha... bota no liquidificador... pega um copo de óleo... três ovos... bate tudo... (fala)
Excerto 19: Eu pego 3 cenouras médias, descasco elas e corto-as em pedaços pequenas. (escrita)
Excerto 20: pegue uma xícara e coloque 2 colheres de sopa de maionese, um pouco de catchup e mostarda misture bem. (escrita)
Excerto 21: você pega um fi... um fio próprio pra isso... que é o fio termoplástico rígido de... de um... um vírgula cinco milímetros quadrados... e liga... né? (fala)
Excerto 22: eu pego ::leite condensado... bato no liquidificador com duas gemas... depois levo ao fogo... um bocadinho de::Cremogema... aí mexo... vou mexendo até virar um mingau... (fala)
Excerto 23: você pega um disquete... se o computador não tiver um <i>winchester</i> nele... se a linguagem não tiver permanente nele... você tem que carregar pelo um disquete... então está gravado no disquete... você pega o disquete...você coloca no <i>drive</i> ... (fala)
Excerto 24: ela ia me tirar de sala de aula... e nisso começou me agredir:: e tal... aí... eu simplesmente peguei minha mochila e fui embora da sala... (fala)
Excerto 25: ... então o diretor foi até a coordenação... pra pegar um papel e dar advertência... quando ele foi na... coordena... na... coordenação pegar esse papel... a garota subiu:: e entrou dentro de sala de aula... ele ficou procurando ela pela escola sem saber o que tinha acontecido... (fala)
Excerto 26: então fiquei de pé assistindo a aula, minha caneta falhou e fui pedir uma emprestada,

<p>a professora alegou que eu estava atrapalhando a aula e que da próxima vez iria me expulsar da sala, peguei meu material e saí. (<i>escrita</i>)</p>
<p>Excerto 27: esse amigo meu... pegou um palito... botou na... na/ no dedo... e... disse pro garoto que ele tinha que mexer o palito sem mexer os dedos...</p> <p>aí o garotinho pegou uma... uma pá de lixo... com... com... com uns palitos quebrados do lado de dentro... e disse pra ele “se você conseguir... e se eu conseguir... tirar esse lixo de dentro da pá... mexendo três palitos... você vai comprar três rosas minhas...” (<i>fala</i>)</p>
<p>Excerto 28: primeiro a gente pega lixa...aquelas lixa grossa... e lixa a parede... pega aquela... eh... aquela massa... depois que lixou tudinho que está/ que tiver tudo certinho... aquela massa branca... é argamassa... (<i>fala</i>)</p>
<p>Excerto 29: ... não queria que o cara pegasse o relógio dela... não sei o quê... aí nisso as duas colega dela saíram correndo... aí ficou ela sozinha lá... com os dois caras... acabou que os caras levaram o relógio dela... (<i>fala</i>)</p>
<p>Excerto 30: eles atacaram pegando tudo de valor mas uma das três garota reagiu e não entregou nada nessa confusão duas conseguiram fugir e a outra foi linchada ali mesmo as duas fugiram e a outra ficou no chão machucada e só com a roupa do corpo. (<i>escrita</i>)</p>
<p>Excerto 31: ... ele disse que não era pra mim ficar triste não... que tinha várias pessoas atrás... né? aí ele disse pra mim não ficar triste... porque... ama/ eh... no dia seguinte... ia ser distribuído de novo mas não no campo do Mundial... na rua Camaipi... lá na/ no Rio da Prata...</p> <p>E: sei... aí nesse outro dia você pegou... então? I: aí eu peguei (<i>fala</i>)</p>
<p>Excerto 32: mas quem estava na loja? ninguém viu... quem pegou? (se refere à máquina) (<i>fala</i>)</p>
<p>Excerto 33: Basta você pegar uma borracha preta de preferência comprida, preta. Depois coloque o papel vegetal sobre a borracha e em cima deste papel põe-se uma matriz toda furada em forma do desenho que você desejar. Se for uma festa de 1 ano, e o tema da festa for do baby Disney basta você fazer a matriz em forma do desenho do baby Disney, esta parte é muito fácil não acham? (<i>escrita</i>)</p>
<p>Excerto 34: Meu colega que estava sentado do meu lado pegou uma taxinha e enfiou na tampa de trás da caneta. Ele pegou a caneta e deu uma espetada no praço do garoto que estava sentado na minha frente, e jogou a caneta no meu colo. (<i>escrita</i>)</p>
<p>Excerto 35: minha colega foi... não estava parando de falar... aí a professora falou/ a diretora (disse) “cala a boca...” aí ela foi e (falou...) () a pessoa que me contou... disse que não ouviu... né? o que ela disse... e aí a diretora foi mandou ela ir para o gabinete... depois ela subiu... pegou a mochila</p>

e foi embora... (fala)
Excerto 36: A nossa turma estava fazendo muita bagunça e quando a diretora foi nos repreender, a minha colega não parava de falar, então a diretora mandou que ela se calasse e aí aconteceu a discussão da qual se originou a tão falada suspensão, a garota foi até ao gabinete da diretora só retornando à sala de aula para pegar seu material e sair logo após. (escrita)
Excerto 37: eu sei fazer arroz... eu faço assim... pego ... lavo o arroz... deixo de molho... lavo bem... depois... boto óleo na panela... sal... alho... soco tudo... depois boto o arroz... deixo ele/ boto água... deixo ele cozinhar... em... fogo baixo... deixo ver mais o que eu sei fazer... ah::... eu sei fazer purê de batata... eu pego ... boto a água... descasco a batata... boto para tudo pra cozinhar...depois que estiver pronto... eu boto na vasilha... amasso a batata... leite e a manteiga... (fala)
Excerto 38: Eu também sei fazer purê de batata, pego as batatas descasco, boto para conzinhar depois coloco numa vasilha, amasso as batatas coloco o leite e a manteiga e misturo. (escrita)
Excerto 39: ele pegou um pano... forrou no chão... na encruilhada... deitou... forrou outro por cima... botou quatro velas assim em volta dele... cobriu o rosto e ficou ali deitado... (fala)
Excerto 40: aí o outro cara pegou a cadeira... tacou em cima dele... sabe? aí o... o irmão dele caiu no chão... aí ele se meteu... pegou o casaco dele... a... apertou assim o pescoço do cara... voou assim... amarrou o cara... o cara caiu... só sei que a mu/ aí ele falou que a multidão que estava ali no rodeio... sabe? pra ver...eh... juntou assim em cima dele... aí todo mundo começou a brigar... aí... pegaram a cadeira... tacaram... aí ele falou que saiu correndo lá pro... lá pro morro lá... ali perto do rodeio que tem... sabe? (fala)
Excerto 41: quando ela ia fazer eu ia... eu ia lá pra cozinha ver ela fazendo quando eu era pequeno... aí ela pegava três ovos... ela deixava tudo em cima da pia... pegava eh... manteiga... pa/ botava manteiga na forma... pegava eh...manteiga... mais o quê? fermento... Royal... aí... às vezes ela fazia com recheio... às vezes não...mas o que eu sei fazer é sem recheio... aí primeiro coloca os três ovos... coloca a farinha de trigo... a de milho... a manteiga e começa a mexer... aí depois que mexer bem... tem que colocar leite pra poder ficar mole... aí ficar... aí ficar... mexendo mais... aí mexer mais... aí depois coloca o Royal... o bolo pode ser feito com leite ou com... suco de laranja... aí depois coloca o Royal...aí mexe bem... aí pega ... um papelzinho assim... com a mão mesmo... pega a manteiga passa assim... ao redor da forma... aí coloca a massa do bolo ali dentro e coloca no forno... (fala)
Excerto 42: ela... pega ... dinheiro pra... pra gente... pra botar... telha... em todo no colé/ todo colégio... por causa que... pinga água... chove... ventilador... e ela botou... também bebedouro... pra gente... (fala)
Excerto 43: Como fazer boneco de lama Você pega lama, molha com água depois você mexe a lama com um pedaço de madeira (escrita)

<p>Excerto 44: como quiser a cor da flor... aí... aí pega uma vareta... aí pe/ aí faz aquela tirinha de papel crepom verde... aí vai enro/ eh... cola a ponta... aí vai enrolando... assim na vareta... aí depois... pega a flor... e vai franzindo assim... vai fazendo em volta... entendeu? pega uma garrafa... eh... tira aquela parte... tira aquela parte de baixo... e joga o resto fora... eh... e só deixa a parte da... eh... da boca da garrafa... aí vai... bota ali dentro... (fala)</p>
<p>Excerto 45: Era no tempo de São Komes é São Damião no tempo de pegar doce e segui a gente a até o começo da rua depois não subiu. (escrita)</p>
<p>Excerto 46: Pega o papel crepom verde e corta uma tira, e corta o papel da cor que você escolheu. e corta com eu mostro. (escrita)</p>
<p>Excerto 47: ... aí boto dentro... aí mexo... boto sal... aí deixo pegar um pouquinho... sabe? de sal... depois boto água... aí ali... fica no fogo... (fala)</p>
<p>Excerto 48: A gente pega o arroz lava. Depois panha uma panela e bota dois dentes de alho e amassa bota um pouquinho de óleo e deixa ficar douradinho e bota o arroz na panela mexe e ponhe um pouquinho de sal mexe. (escrita)</p>
<p>Excerto 49: ah... eu pego... a maionese... a sardinha... aí pico a sardinha... aí misturo... a maionese com a sardinha... aí como eu gosto muito de cebola... eu... pico a cebola... boto dentro... aí depois eu passo no pão... (fala)</p>
<p>Excerto 50: Eu pego a sardinha, a maionese. amassar a sardinha e aí mistura com a maionese e depois boto um pouco de cebola e depois boto no pão e lancho com leite ou suco ou refrigerantes. (escrita)</p>
<p>Excerto 51: eu sei fazer um brinquedinho... que eu aprendi com a minha mãe... ela me ensinou... a gente pega... um pedaço de made/ uns cinco pedaços de madeira... né? aí a gente pega a... faquinha...faquinha bem amolada... aí a gente começa... pega o pe/ prego... martelo... e cola... aí... né? vai fazendo... faz pri... primeiro... uma... uma madeira... bem grande... que vai ser a carroceria do carrinho... depois a gente pega a faquinha... corta uma madeira de qua/ quadriculada pequena... aí vai com a faquinha... vai fazendo a rodinha do carrinho... (fala)</p>
<p>Excerto 52: Eu sei fazer um brinquedo que pegamos 5 pedaços de madeira, cola, prego e martelo e fazemos com um dos 5 pedaços de madeira, faz a parte da frente depois a carroceria e pega um dos pedaços faz um pedaço de madeira quadriculada com a faquinha foi fazendo uma das rodas e depois de fazer as 4 rodas peço para minha mãe pregar a carroceria e as 4 roda para não se machucar (escrita)</p>
<p>Excerto 53: eh... papel fino... cola... uma faca... eh... e linha... aí... tu pega o bambu...aí raspa ele todinho com a faca... aí bota/ faz ... quatro varetas... quatro não... três vareta de/ fininha... corta do bambu... aí depois que ela está bem fininha... aí tem que... enrolar ela com a linha... aí pega... a cola... e passa nela assim... (fala)</p>
<p>Excerto 54: A pipa se faz muito rápido com papel, vareta, cola, tesoura, faca, bambu e linha com a faca afina o bambu, com a linha enrola ele, com a tesoura corta o papel e depois pega a cola e cola o papel em cima do bambu. (escrita)</p>

<p>Excerto 55: tem que apertar os dois que ele pula e pega a bola... aí ele se transforma... em qualquer bicho... tigre... leão... qualquer coisa... mas isso daí... você tem que ter um macete... (fala)</p>
<p>Excerto 56: Você pega o controle aperta os botões para movimentar o boneco só não pode apertar com força se não estraga não ficar pondo fitas exageradas 2, 3 e 4 fitas que estraga e não ser viciado para ir para frente direita e para atrás esquerda 1 (primeiro) botão chute 2 (segundo) soco os dois juntos cabeçada. (escrita)</p>
<p>Excerto 57: ... eu fui passar para pegar um... um... enfeite que estava em cima da mesa... derrubei o negócio do bolo todinho em cima da mesa... (fala)</p>
<p>Excerto 58: balançando uma fralda... e lá... na casa dele... tinha um cachorro muito grande... ele o/ viu a fralda balançar... e... correu e mordeu a fralda... né? pegou... aí quando ele... pegou a fralda... (fala)</p>
<p>Excerto 59: a gen/ nós compramos uma massa... especial pra fazer... aí... a gente... tira... bota um pouco de água... mistura... aí ele fica/ tem que ficar bem grosso... aí depois a gente pega... bota/ faz o formato do boneco todinho... o nariz... a boca... tudo... e deixa um pouquinho na sombra... e depois bota no sol... e ele endurece... e depois que ele endurece... você tem que ter muito cuidado... porque... fica... muito oleoso assim... se você pegar... logo na hora que sai do sol... ele pode... grudar na sua mão... (fala)</p>
<p>Excerto 60: Eu sei fazer um boneco que já tinha uma massa especial para fazer o boneco e é assim como eu vou explicar: pega a massa aperta bem e fica apertando por vários minutos, depois faz o desenho por exemplo: eu fiz um boneco; eu peguei enquanto a massa estava quente e mole eu peguei duas taxinhas e coloquei para ser os olho e quebra o paleta no meio e fiz a boca e esperei no sol para secar e ficou um lindo boneco. (escrita)</p>
<p>Excerto 61: eu sei fazer café... primeiro a gente lava a chaleira... põe água dentro dela... e bota no fogo...depois... nós pegamos o bule e lavamos... de/ logo depois... a gente pega o açúcar... põe dentro do bule... pega o... coador e o Melita... põe os dois juntos... e depois... a gente pega o pó de café... espera um pouco... e põe... depois a gente/ espera a água ferver... e... bota a água no coador... para fazer o café bem... bem fresco... uhn... e depois... a gente vai... mexe o açúcar...e... dá o café pra mamãe... e eu gosto de:... fazer... também... ovo mexido... e... muitas coisas mais... o ovo mexido a gente pega... o ovo... põe/ taca na frigideira... e... bota... na/ no fogo... e vai mexendo... e põe o sal que vai ficar bem gostoso... (fala)</p>
<p>Excerto 62: Eu estava passando na rua quando derrepente caiu um temporal e um vento forte e o meu guarda-chuva escapuliu da minha mão e meu pai e minha mãe começaram a rir mais também foi a maior dificuldade para pegar por que tinha caído dentro do rio fomos para casa e não conseguimos pegar o guarda-chuva. (escrita)</p>
<p>Excerto 63: Eu sei fazer café nós pegamos a chaleira e lavamos depois colocamos água e acendemos o fogo e colocamos a chaleira no fogo. Pegamos o pó de café o melita o açúcar. Lavamos o bule e colocamos o açúcar e pegamos o coador e colocar o filtro. Depois colocamos o pó de café. Esperamos a água que está no fogo ferver. E colocar a água. Depois mechemos o café e pronto. Também eu sei fazer ovo mexido. Acendemos o fogo e pegamos a frigideira e colocamos um polco de olho. Pegamos o ovo e colocamos na frigideira, e colocamos uma pitada de sal de pois é só mecher e esperar um pouquinho e está pronto. (escrita)</p>
<p>Excerto 64: pega...umas quatro varetas... uma tem que ser... uma tem que ser grande... que é a do meio...que é... que é assim... e duas que é... média... que tem que botar uma/ a média assim... as duas média assim... aí pega uma linha... e amarra... nessa ponta daqui... e vai avoiteando assim... aí depois você pega um papel fino... aí recorta... deixa no modelo da pipa... (fala)</p>

<p>Excerto 65: tem sala de leitura... aqui tem... mas não é assim pra gente pegar... livro... pra ler... ninguém deixa... eles não deixam pegar... só deixa quem é do jardim...deixa pegar as coisas aqui... que da quarta série... terceira... não deixa pegar... (fala)</p>
<p>Excerto 66: Para fazer uma pipa, você tem que pegal vareta grande, 2 varetas médias, depois medir o tamanho do papel para colar na pipa, depois pegue uma linha e amarre na ponta da vareta, e evolva a linha na pipa (escrita)</p>
<p>Excerto 67: ela fez uma fogueira lá... pegou peixe lá... fri/ eh... botou lá no fogo... ficou só os dois lá... aí...eh... disse que... toda hora que ela ia/ ela comia uma fruta... toda hora... aí tinha uma porção de comida lá... (fala)</p>
<p>Excerto 68: oh... de uma tesoura... de cola... e de papel... você... eh... pega uma folha... pega duas folhas... dobra... aí cola elas na ponta... pega uma folha inteira... cola embaixo... bota por baixo... pra ser o chão da casa... você pega uma outra folha inteira... dobra no meio... aí você pega uma outra folha... corta uns pedacinhos pequenininhos... e cola no telhado... para prender na casa... (fala)</p>
<p>Excerto 69: eu larguei a bicicleta no chão e fui para a casa chorando quando chegava perto do meu portão eu me lembrei que deixei a bicicleta no chão e voltei para pega-la ai peguei a bicicleta e fui embora quando cheguei dentro de casa todo mundo foi me ver. (escrita)</p>
<p>Excerto 70: você pega a carne... corta em picadinho... tempera... e bota com água na panela... depois você pega o... o molho de tomate... bota... pega um monte de... de verdura... um monte de coisa... e pica... se você quiser... se você não quiser não precisa... depois você corta umas... batatinhas...se quiser... mas <i>strogonof</i> não tem isso... né? (fala)</p>
<p>Excerto 71: Você pega a carne corta em pedacinhos. Depois bota na panela com água para ferver. (escrita)</p>
<p>Excerto 72: eu gosto de fazer e também comer... pipoca... é muito divertido... como se faz... a gente pega a panela... põe no fogo... bota um pouco de óleo... põe o milho... e mexe... (fala)</p>
<p>Excerto 73: Ele estava passando pela rua para comprar um relógio ele estava muito assustado e de repente apareceu dois garotos de "rua" e tentaram pegar a carteira dele e o relógio que ele tenha comprado. (escrita)</p>
<p>Excerto 74: Nós pegamos a panela e colocamos no fogo com margarina e o milho de pipoca; mexemos , mexemos até ela pipocar e estorar; quando ela estiver toda pipocada nós se gostarmos colocamos manteiga derretida. Fica uma delícia, se quiser pegamos um refrigerante e ficamos comendo pipoca bebendo refrigerante e ficando vendo filmes românticos e de terror. (escrita)</p>
<p>Excerto 75: eu subi num morro... pela escadinha... né? depois o meu primo me deixou lá... e ele desceu pra pegar:: biscoito... aí quando ele desceu... eh... estava chovendo... (fala)</p>
<p>Excerto 76: ela te con/ tinha me contado que ela estava jogando bola... aí a bola foi parar no meio da rua...ela foi... correndo... pra pegar a bola... ela atropelou e ralou o joelho... (fala)</p>
<p>Excerto 77: e coloca na chaleira... coloca pra ferver... depois... pega o bu... o bule... coloca/ pega o:...o coador... coloca aquele papel... coloca duas medidas de café... e pronto... (fala)</p>

<p>Excerto 78: ah... porque ela tem parque... porque ela/ a gente pode pegar jogo... a gente pode pegar bola...pra brincar... a gente pode pegar... a gente pode pegar... corda pra pular... a gente pode pegar um monte de coisa... aí no recreio pode ficar correndo... (fala)</p>
<p>Excerto 79: Ai eu e o meu primo subimimos no morrinho e começou a chuveiscar meu primo desceu para pegar alguns biscoitos ai o barro começou a seder e ficar escorregadio ai eu fui caindo caindo agarrei num matinho e infelismente o matinho não aqueitou...(escrita)</p>
<p>Excerto 80: Primeiro como se fais café Bom Primeiro você pega a chaleira e depois coloca água Dentro Dela e Depois ferve pos 3 min. coloque o Bule com o coador de Plástico e Depois o Pó 2 medias coloque a água fervida e pronto o café está feito fim Resseita De arroz Primeiro Peque a Panela Depois lave o arroz e Ponha-o na paneta com um pouco D'água Depois mexa por 3 min coloque mais um pouco D'água mexa e coloque um Pouco De Sal (escrita)</p>
<p>Excerto 81: você coloca a salsicha pra ferver... depois de fervida... você pega a salsicha e coloca no pão...por cima o molho... depois você bota... maionese... <i>ketchup</i>... mostarda... queijo... e por último a batata...(fala)</p>
<p>Excerto 82: assim... parte assim... pega a faca... aí ou colher... ou garfo... aí bate assim no ovo um pouquinho... depois despeja assim o ovo na panela... quando o óleo tiver quente... (fala)</p>
<p>Excerto 83: Primeiro a gente pega cenoura, descasca, corta em fatias, coloca no liquidificador com óleo e ovos, bate bem. Depois pega uma vasilha, coloca açúcar, farinha de trigo, fermento, manteiga e as cenouras batidas, mistura tudo e coloca no forno, quando estiver quase pronto, tem que pegar uma panela, colocar nescau, manteiga e leite, mexe bem, quando o bolo estiver pronto, retire do forno, ferve bem e coloque o chocolate, para ficar com chocolate dentro do bolo. (escrita)</p>
<p>Excerto 84: eu pego... eh... três varetas... uma grande... e duas médias... aí amarro com a linha... amarro...pego um... um papel... fino... encapa a pipa... faz a rabiola... pega a linha... e... solta... a pipa... (fala)</p>
<p>Excerto 85: Vose pega o bombu fes igual uma crus e amarra com o linho e depo coloque outra vareta em baixo e amarre com alinha e pepo voce pega a linha e omorre no nas ponta dos bambu. Edepos cole o papel fino na vareta. (escrita)</p>
<p>Excerto 86: aí o garoto foi... pegar/ jogou a pedra... na casinha de marimbondo... aí quando/ ele ficou parado não sabia de nada... dois marimbondos picou ele quatro vezes na orelha... (fala)</p>
<p>Excerto 87: ... pega o papel-higiênico... tira aquele... negócio que tem lá dentro dele... pra proteger... depois puxa o papel... e bota na garrafa... aí onde que sai a Coca-Cola... bota o papel ali dentro... (fala)</p>
<p>Excerto 88: Era Carnaval eu peguei a cadeira para botar no muro (escrita)</p>
<p>Excerto 89: Pegamos uma garrafa de 2 litros Cortamos a garrafa ao meio Pegamos o papel- higiênico Tiramos o que tem no meio E puchamos o papel higiênico purali E encachamos o negoso preto Pegamos uma folha de jornal amasa.</p>

<p>E pega outra folha e enrolamos com a do papel amassado (escrita)</p>
<p>Excerto 90: entrei lá no galinheiro... peguei o ovo... aí quando... peguei o ovo... o ovo estava quente::nho... né? (fala)</p>
<p>Excerto 91: aí eu pego aquele pão Plus Vita... eu primeiro... eu passo a manteiga... né? eu passo a manteiga... em todos os pão... aí depois eu pego o queijo... boto o queijo num... num pão... eu pego a minha Coca Cola quente... né? aí eu boto no meu copo... no meu copo dá a::... a garrafa toda... né? pequena...né? aí eu boto o gelo... aí eu fico esperando... aí quando acaba... aí eu pego... quentinho... boto no prato... eh... eh... com guardanapo... (fala)</p>
<p>Excerto 92: lá e muito bom tem um quintal grande tem 2 cachorros tem um galinheiro eu brinco com a galinha tem uma fruta muito gostosa eu e meu colega sabe e pega a fruta e muito legal. (escrita)</p>
<p>Excerto 93: Eu pego Pão Plus fita coloco manteiga e depois coloco o queijo depois presunto mussarela e outras coisas... (escrita)</p>
<p>Excerto 94: ...pega o cano () do cano... da bola é um C... e outro C e o contrário... pra voltar... e pra:: dar o bumerangue é só você ficar mexendo com o controle assim... esperando apertar a defesa...vai... soltando... a magia... (fala)</p>
<p>Excerto 95: pega o... papel... corta... faz uma rabiola... pega vareta... eh... pega uma... pega uma vareta...vai colando... no papel fino... faz a envergação... cabresto... pega a linha... e solta... pronto... (fala)</p>
<p>Excerto 96: Primeiro você pega o papel fino depois você pega 3 pedaços de bambu tira a medida cola os pedaços de bambu corta 1 pedaço de linha para envergar espera a cola secar faz a rabiola pega a linha passa serol e solta a pipa. (escrita)</p>
<p>Excerto 97: foi num dia que eu tive que frear por causa do síndico porque... que i/ ele iria pegar a minha bicicleta... se eu... continuasse andando... aí eu tive que usar o freio de () na roda da frente... capotando... me machucando muito...(fala)</p>
<p>Excerto 98: Eu gosto de fazer o sanduíche eu pego o hambúrguer e depois pego o pão corto coloco pipino, ervilha milho verde, alface, mostarda, ketchup, mostarda, tomate e queijo o sanduíche fica muito gostoso e eu nem aguento comer tudo as vezes. (escrita)</p>
<p>Excerto 99: meu quarto é... é simples... lá em casa é só dois quartos... sabe? aí um é da minha mãe... o outro é o meu com meus irmãos... aí eu fico lá... sentada lá... fico lá pegan/ pego a minha agenda... boto uns versos... escrevo uma porção de coisas [lá na minha agenda...] (fala)</p>
<p>Excerto 100: pega... a panela... bota um pouquinho de açúcar... aí bo/ aí deixa... o açúcar ficar bem pre... pretinho não... deixa o açúcar ficar moreno... aí bota o óleo... aí vai... bota a galinha... aí deixa a galinha lá... (fala)</p>
<p>Excerto 101: eu pego uma panela boto um pouquinho de açúcar p/ dar cor na galinha e jogo a galinha dentro da panela aí para acabar de completar o molho e tomate, cebola e pimentão aí é só deixar aferventar um pouquinho e depois é só botar só comer (escrita)</p>

<p>Excerto 102: pega uma panela... bota água... bota e/ bota no fogo... de... deixa... ferver um pouquinho...depois bota o macarrão... depois de alguns minutos estará pronto... você tira a água... bota o macarrão dentro de uma vasilha... e bota o molho... acabou... (fala)</p>
<p>Excerto 103: Eu gosto de faser macarrão pega uma panela bota para ferver e deicha por augus minutos e depos bota o macarrão depos de augus minutos ele estava ponto você vai tira a água e bota o molho e acabo... (escrita)</p>
<p>Excerto 104: aí a gente pega essa nata... coloca pra ferver... com uma água bem quente... pra ela poder derreter... aí a gente pega ela... coloca um pouquinho de... um pouquinho do... do leite... mas leite bom... aí bota... o/ a açúcar... e deixa ferver por muito tempo...(fala)</p>
<p>Excerto 105: ... pegaram pedaço de pau... tudo... aí... aí nós () né? aí... daqui a pouco ((motor de carro)) arrumaram uma briga... né? lá dentro do campo... aí meus colegas aproveitaram... e invadiram e começaram a dar paulada... saí correndo... eu e os amigos... saímos tudo correndo... (fala)</p>
<p>Excerto 106: ... pega... pega a tinta do carro... que vai ter... queima... dá uma tinta nele... queima... aí... dá repasse com a massa de novo... pra tapar os... os defeitos... aí vai...lixa... dá outro repasse... aí vai com a tinta final... pinta... pega a pistola e pistola... e é só... (fala)</p>
<p>Excerto 107: Para pintar um carro é preciso uma lata de massa. Ela é branca. depois passo a no carro pega uma lixa de ferro e começa a lixar depois. pega a lixa de água e lixa tudo novamente. depois pega uma massa rápida e aplica no carro. tudo. pego a tinta e passo no carro lixo tudo e depois dou a tinta final. (escrita)</p>
<p>Excerto 108: olha só... eu gosto de fazer bolo... pego um coco... bato... pego a farinha de trigo... e mexo com o ovo e... pego o leite... misturo... boto manteiga... vou untando a... a forma e boto pra assar... (fala)</p>
<p>Excerto 109: bom... o bolo... você pega:: a tigela... né? vou botar logo a tigela ((riso)) pega a tigela... aí pega o açúcar... põe três copos de açúcar... põe... eh... põe manteiga... uma colher de manteiga...ou um tabletezinho de manteiga... põe óleo... aí bate tudo... depois que bater... você pega a farinha de trigo... ponha três copos e meio... coloca... aí começa a mexer... aí passa um/ aí põe o leite... na hora que você for colocar o leite... você coloca um pouco de fermento... pra ele crescer um pouco mais... né? aí bate tudo... depois pega:: a... a forma... põe um pouquinho de manteiga na forma... (fala)</p>
<p>Excerto 110: você pega uma tigela é pone três copo de a suca um trabete de mantega e uma coler de olio e meche dudo depois coloca três ovos ê bate dudo depois coloca a farinha três copo. (escrita)</p>
<p>Excerto 111: peguei um cabo de vassoura ((risos)) fui em cima dos dois... mas fiz uma algazarra tão grande... sabe? fiz o maior escândalo... aí... tanto eu batia como eu ria “toma... seu cafajeste... seu sem vergonha... você trouxe as alianças nas mãos... pra mim fi/ pra gente ficar noivo e tudo... eu preparando as coisas pro noivado e você me fazendo isso?” aí bati nele... bati nela... pronto... (fala)</p>
<p>Excerto 112: olha... eu pego... pé de porco... eu não gosto de pé de porco mas eu () pé de porco... orelha de porco... pedacinho de/ daquela lingüiça... eh... carne de sol... põe feijão... põe no fogo com água... tira duas águas... porque... né? pra tirar o sal... aí depois você pega dois ovos... dois ou três... primeiro bate a gema... aí bota a gema depois bota a clara... depois pega o bife... à milanesa...() bife à milanesa... né? pega o bife... molha no... no ovo... no ovo batido... passa na farinha... como é que se chama a farinha? (fala)</p>

<p>Excerto 113: pegando a concha... então quer dizer... ela deve saber mais ou menos quem foi que roubou os copos... né? quer dizer... ela sabe quem foi esse aluno que roubou... porque se foram atrás e tomaram a concha... eu não foi... eu não fui que peguei os canecos... muito menos a concha... que eu não preciso disso... eu nunca peguei nada... né? (fala)</p>
<p>Excerto 114: ...você pegue 1 KL de feijão cate-o depois lave escore e leve a panela de preçÃo antes de colocar o feijão no fogo lave e ferva 1 pé de porco 1 orelha 1 pedaço de linguinha coloque uma folha de louro e depois de feivido lave e coloque junto ao feijão e leve ao fogo após 30 minuto retire do fogo. aí você peque o alho a cebola oléo e refoque numa panela (escrita)</p>
<p>Excerto 115: Pego a bomba e fico apertado ate incher (escrita)</p>
<p>Excerto 116: a gente pega a massa... a gente bo/ eh:: pega uma vasilha... eh::... pega um negócio que a minha tia tem... mas só que eu não sei bem o nome... e::... liga ele e fica... eh::... botando a massa... eh... espalhando a massa pela vasilha toda... depois a gente/ depois que o bolo estiver pronto... a gente pega o recheio do bolo... a gente bota no bolo e:: confeitada o bolo todo... (fala)</p>
<p>Excerto 117: Eu sei fazer um bolo ajente pega a maça bota na vazila e pega A batedira espalha a maça esta pronto e bota o rexeio depois do recheio ta pronto. (escrita)</p>
<p>Excerto 118: a gente pega areia... faz/ pega um baldinho... aí depois faz a outra parte do boneco...o boneco fica pronto... né? aí depois você bota... areia bran/ areia seca... em cima... ele fica branco... o bonequinho fica bonitinho... (fala)</p>
<p>Excerto 119: eu ceifazer um boneco pega areia e depos você pega areia ceca. ai pega cenora efas o nari pé cabeça mão ombro (escrita)</p>
<p>Excerto 120: o pai dela não gostava dela... só pegava o cinto... batia nela... e ela se... se () se... sangrava... (fala)</p>
<p>Excerto 121: eu pego assim a massa... amasso a massa.. (fala)</p>
<p>Excerto 122: ele pegava o cobo de vassoura e paíti nela e a mãe tela falava não patinela porque eu teichei mas ela é pequena ela já sabe ir para padaria (escrita)</p>
<p>Excerto 123: Eu pego a maço a maça com um garfo e poto a frigiteira no fogo com ôlho e teicho a fica quente e poto a maça no fogo se eu quiser posso potar carne muita na maça (escrita)</p>
<p>Excerto 124: eu estava desenhando... aí ele foi pegou meu desenho... eu fui correr ele me jogou... aí eu caí da escada... aí... eu me/ se machuquei... (fala)</p>
<p>Excerto 125: eu fui pegar a bola... tropecei nele... e:: fiquei/ aí cai em cima dele... aí ele ficou sangrando... foi lavar a boca... a mão... e tudo ficou sangrando... eu machuquei meu joelho... aí o meu pai... pegou um algodão... botou mercúrio no meu joelho...(fala)</p>
<p>Excerto 126: pego uma madeira... duas madeiras... a... aí... coloca uma deitada... e outra... e/ eh... na barriga dela... pega um arame... amarra... depois pinta cor de ouro... aí desenha um santo lá e che/ e pronto. (fala)</p>
<p>Excerto 127: você pega a vassou/ pega o pano... molha... aí depois bota assim na vassoura... aí pega a vassoura e vai esfregando assim... no chão... (fala)</p>

Excerto 128: Eu pego um pano mouro i depos eu pego a vasorá e malho o pano nela (escrita)
Excerto 129: aí fui peguei meu sa/ minha sandália... corri... aí o portão estava trancado... eu comecei a bater no portão... aí o garoto abriu a porta pra mim... aí eu saí correndo pra casa... (fala)
Excerto 130: eu pego os pratos... vou... jogo água... jogo a água fora... passo sabão... aí vou... passo bem passadinho... aí vou... enxágio... e boto no::... escorredor de pratos... (fala)
Excerto 131: Eu pego o prato passo sabão e depois eu passo água no prato e coloco na estante de louças (escrita)
Excerto 132: a gente pega uma fo::lha... bota... a... aonde bota a imagem... e:: depois bota os botão... bota...pra mudar o canal::... eh::... eh::... a moça falan::do... ah... um monte de coi::sa... (fala)
Excerto 133: é só pegar um ovo... ou dois ovos... se você quiser fazer um grande... e pegar ::... um quilo de farinha... um pouquinho... e depois mexer... (fala)
Excerto 134: eu fui pegar água... caiu tudo eu não percebi... aí... eu achei muito engraçado... que tinha/ estava furado o copo... aí quando eu fui levar... eu não tinha percebido...aí quando eu cheguei no banco... lá fora... que eu estava brincando com ela... aí... sabe o que aconteceu? aí... caiu toda água... (fala)
Excerto 135: a gente pega uma folha... grande... faz alguma coisa... na folha de papel ofício... (fala)
Excerto 136: aí a tia manda a gente pegar a caderneta... a gente escreve... quatro::... quatro () aí... às vezes a gente escreve muito... aí a tia às vezes quando tem muito tempo... ela passa dever pra gente fazer... (fala)
Excerto 137: minha mãe foi correndo... pegou o mertiolato passou... porque não tinha... mercúrio... mas só que ardeu muito porque... mertiolato arde muito... eu prefiro/ preferia mais eh:: o::... mercúrio... do que o mertiolato... (fala)
Excerto 138: eu pego/ pega um... pega eh... eh uma esponja... com sabão... passa no sabão... quer dizer...passa no sabão... depois pego com a coisa que você está lavando... passa la/ molha... depois passa o sabão... a esponja com sabão... depois lava... (fala)
Excerto 139: a professora é boa... mas só que quando tem gente faz bagunça... ela fica nervosa... hoje lá em cima... ela pegou a () a cadeira... e tacou em cima da parede... (fala)
Excerto 140: Eu pego a espoja e molho os taleres e depois passo a espoja no sabão...(escrita)
Excerto 141: aí eu peguei uma jaca... aí quando::... o meu irmão (contou) eu peguei só uma... só que fiquei triste... aí ele me deu nenhum... depois minha mãe foi... pegou mais que ele e me deu... (fala)
Excerto 142: depois foi... pegar a mangueira... depois... CHIII... [jogar água...] (fala)
Excerto 143: era uma ves pegei uma jaca e meu irmão pegou um mote ele mideu uma jaca e eu fiquei com buas e deu para minha mãe para leva Em casa combo e fiu embora para casa eu comin no carro (escrita)
Excerto 144: meu colega comtou que foi pega o balão... e que balão que tava caino e ele foi pega o

balão ... cabou quei não pegou o balão (escrita)
GRUPO 2 – PEGAR MEIOS DE TRANSPORTE
Excerto 1: pegava () ônibus cheio... saltava na PUC... outro mundo totalmente di/ diferente... onde tinha gente que:: chegava com carro com motorista... (não é contra) isso ... se (foi) uma luta... dos pais da pessoa por ter carro com motorista... tem mais é que aplaudir... (fala)
Excerto 2: a gente pegou o carro pra voltar pra::... pra casa... aí eu alucinado... pô... vim alucinado com o carro... aí no meio do Rebouças... aí bati num Voyage ((riso)) perdi a direção do carro e fui raspando o carro pelo paredão do túnel assim... uns cem metros... (fala)
Excerto 3: o Alexandre pegou o carro dele e foi... comprar cerveja... aí estava descendo pela Conde de Bonfim... né? e ia dobrar... numa rua à esquerda... que era contramão ((riso)) pra ir no/ na... na padaria que estava aberto lá pra comprar cerveja... (fala)
Excerto 4: então quer dizer que eu posso pegar o meu carro que está aí em frente e levar embora?" "pode...pode... pode pegar o carro..." as pessoas/ tipo assim... ele não pôs palavra na boc/ palavras na boca das pessoas e as pessoas também deixaram tudo assim no ar... entendeu? foram levando... quer dizer... se ele achasse... bem... se ele não deixasse amém... né? ele ia ficar sem o carro dele... coitado... só que ele teve uma sorte enorme... o carro estava lá intacto... e tinha muita coisa dentro do carro... tinha muita/ ele era/ época de Natal... e ele estava assim... com todos os brindes... ele é o dono de uma <i>boite</i> ... todos os brindes da <i>boite</i> estavam dentro... camise::ta... essas coisas todas... né? estava tudo dentro do carro... então tinha milhões:: assim... além do carro... e estava tudo dentro... neguinho não tinha tirado... nada... incrível... né? E: mas eu não... não entendi... e aí? ele pegou o carro [e foi andando?] I: [aí ele pegou o carro] e levou embora... foi uma história louquíssima assim... foi uma história totalmente sem pé e nem cabeça mesmo... (fala)
Excerto 5: e nós ficamos/ tínhamos que pegar o ônibus era umas oito da noite... então todo mundo estava na porta na hora exata da gente ir... só que caiu um temporal terrível... então nós fomos naquela... naquela... naquela zoeira já... eh... cantan::do na... na chuva... (fala)
Excerto 6: Pegaram o onibus e sentaram-se no banco de tras. O onibus corria

normalmente e a certa altura sentou um homem ao seu lado. (escrita)
Excerto 7: ele pegou um ônibus cheio... né? aí... no momento que ele ia soltar do ônibus... tinha uma se/ uma senhora não... uma... uma mulher que devia... que devia ter uns trinta e poucos anos assim... ele disse... né? (fala)
Excerto 8: ela tinha aquele horário sempre de pegar o ônibus... então naquele dia ela se atrasou um pouco... acordou tarde... o motorista... deixou ela sozinha... e ela com a maior vergonha e todo mundo rindo da cara dela lá no meio da rua e ela sem graça ((riso)) aí foi isso... sabe? ela teve que/ ela depois teve que pegar o ônibus lá::/ teve que andar pra caramba pra pegar outro ônibus porque dali todo mundo já ia encarnar nela... e foi isso... (fala)
Excerto 9: Uma amiga minha estava atrasada para ir trabalhar, e ainda estava do outro lado da calçada quando viu o ônibus que ela sempre pegava . O ônibus já estava quase andando, mas o motorista a tinha visto e resolveu parar o ônibus para esperá-la, só que ela demorou muito e os passageiros começaram a gritar pro motorista dar a partida. (escrita)
Excerto 10: minha colega... foi pro::... Tijuca Off Shopping... foi/ aí pegaram o meia vinte e dois... aí então... entraram... aí nisso ela está prestando atenção... entrou um rapaz correndo... atrás dela... sentou do lado dela dentro do ônibus... ela não sabia se aquele ônibus ainda ia pro Tijuca Off Shopping... (fala)
Excerto 11: Ela foi pegar o ônibus 622. Ao entrar no ônibus percebeu que um rapaz também entrou atrás dela e sentou perto dela, ela e sua colega perguntaram se aquele ônibus passava na Tijuca para esse rapaz responder, e ela passou para a frente. (escrita)
Excerto 12: Depois de muitas voltas eles acharam o caminho de volta, ainda a tempo de pegar a barca das 4:00 H. (escrita)
Excerto 13: aconteceu foi... onde é que eu trabalhava... eu trabalhava no centro da cidade... né? Então eu pegava trem... e eu peguei esse trem::... era o Deodoro... (fala)
Excerto 14: Quem me contou foi minha mãe. ela tinha acabado de receber o salário e botou no bolso quando ela foi pegar o ônibus cinco malandros roubaram ela. (escrita)
Excerto 15: compramos uma passagem de ônibus... aí a gente fomos onze horas... pegar um ônibus... só que o ônibus... enguiçou...enguiçou... ou furou o pneu... alguma coisa assim... (fala)
Excerto 16: fomos parar lá perto do/ de um rio... aí nós ficamos lá um tempão... umas três horas... lá naquele rio... tinha cobra... tinha um montão de bicho...depois veio um carro lá... pegou a gente levou a gente de volta lá pro clube... (fala)

<p>Excerto 17: Então ela pegou o carro, mas não sabia dirigir direito e o nenem já estava morto no banco do frente, do lado dela. (escrita)</p>
<p>Excerto 18: um dia... um garoto me contou... que que estava saindo da escola... então foi pegar o ônibus... chegando lá... foi assaltado por um... por um pivete... que tentou roubar... a sua carteira... mas na sua carteira não tinha nada de valor... (fala)</p>
<p>Excerto 19: E ela pegou um taquis e foi para casa e dormil e todo mundo começou a rir. (se referindo ao táxi) (escrita)</p>
<p>Excerto 20: tinha um garoto lá... com a cabeça toda sangrando... a minha mãe... “ah... que que vai acontecer agora? vou ter que pegar outro ônibus... vou chegar atrasada no colégio...” e todo mundo preocupado com o garoto... né? e minha mãe preocupada comigo... no colégio... e eu tinha saído mais cedo... hoje... né? aí minha mãe “ah... vou pegar outro ônibus... esse garoto... quem vai chamar?” aí ela teve que ir...não sei aonde... ela e uma colega dela... foi lá embaixo... telefonou... né? e... e... mandou uma ambulância... (fala)</p>
<p>Excerto 21: o garoto estava todo emsangüentado minha mãe preocupada com eu no colégio ai ela foi chamar a ambulancia ai quando veio minha mãe pegou o ônibus e foi me buscar quando ela chegou lá erra tarde mas muito tarde...(escrita)</p>
<p>Excerto 22: eu fui... peguei um ônibus pra vir pro trabalho... pra vir pro trabalho... tá? aí... ao lado/ do meu lado sentou uma senhora... aí assim começamos a conversar sobre a violência que está acontecendo... atual... né? aí ela veio me dizer que sofreu um assalto... (fala)</p>
<p>Excerto 23: Ele pegou o carro e começou a descer a Conde de Bonfim na Tijuca... (escrita)</p>
<p>Excerto 24: Um dia um menino me contou que foi pegar o ônibus e um cara tentou lhe assaltar, mas sua carteira não tinha nada de valor... (escrita)</p>
<p>GRUPO 3- PEGAR SERES ANIMADOS</p>
<p>Excerto 1: e... desceram... pegou/ o Alexandre... (fala)</p>
<p>Excerto 2: ...pô... daqui a pouco um negão lá gritou ...pô “pega os mauricinhos... pega os mau” ((riso)) aí a gente saiu correndo... cara... aí... pô... entrou na entrada errada... (fala)</p>
<p>Excerto 3: Foi só eu pensar isso que um negão gritou:- Vamos pegar os mauricinhos! (escrita)</p>
<p>Excerto 4: Certo dia uma amiga minha pegou sua irmã e foi fazer umas compras na Tijuca... o homem em voz baixa chamou a sua atenção, mostrou lhe uma pequena arma e disse para ela passar para ele, o dinheiro, relógio e pulseira. Ela não sabe como fez, mas olhou para ele e bem alto berrou: Esta amarrado, em nome de</p>

<p>Jesus! Pegou a mão da irmã, passaram a roleta, não pagaram e pediram ao motorista que parasse, saltaram e deixaram todos sem entender nada, até o ladrão... (escrita)</p>
<p>Excerto 5: Meu pai num dia pegou um passageiro no aterro e o moço contou a ele que tinha sido assaltado no ônibus e que os assaltantes levaram o salário dele todo, pois ele tinha acabado de receber e obrigaram a ele a saltar do ônibus, ele então pediu meu pai que ultrapassa-se o ônibus, quando o meu pai conseguiu ultrapassar o ônibus ele queria que meu pai solta-se do carro e o ajuda-se a pegar os ladrões... (escrita)</p>
<p>Excerto 6: Nessa altura alguém chamou a patrulha que chegou rapidamente e conseguiu pegar os dois bandidos. (escrita)</p>
<p>Excerto 7: ... pegar crianças pobres e dar realmente... aquela assistência educacional pra pessoa... e o... o pobre em si... eh... no... no... no Brasil... ele tem que lutar... (fala)</p>
<p>Excerto 8: ela atravessou... o caminhão pegou ela... só que o motorista estava distraído na hora... e ela não/ bateu e ficou na frente do caminhão... tá entendendo? ela... foi por baixo do caminhão e ficou presa... agarrou... tá entendendo? (fala)</p>
<p>Excerto 9: ...” eu me joguei pro lado... no que eu me joguei pro lado... ela foi pro outro... eu PUFF... bati na árvore... fiquei lá mesmo... eu perdi até a respiração na hora... fiquei... TUM... estatelado... e ela lá no meio das rosas... pra ninguém pegar... aquela desgraçada... miserável... ninguém ((riso)) mais montou naquela porcaria daquela jumenta [()] (fala)</p>
<p>Excerto 10: aí... esses negócios de confusão de baile... aí ele queria bater no outro colega... aí ele disse que... começaram a discutir lá... aí ele foi chamou as tropa... tropa não... uma galera pra pegar ele... aí ele... ele sabia artes marciais... (fala)</p>
<p>Excerto 11: todo mundo brigando...aí ele falou que... ele falou que tacaram a cadeira nas costas dele... teve aí/ teve que sair correndo... aí os moleques começaram a... a... eh... querer sair atrás deles... aí pegaram...pegaram... eh... cavalo... saíram... passando por cima de todo mundo lá.. aí falou que os... que os pegaram um cavalo... um Fusca que tinha lá... começaram a correr atrás dele... aí eles tiveram que se esconder... (fala)</p>
<p>Excerto 12: a gente... a gente foi pro... pro lugar que a gente estava... de novo... aí o cara estava lá... aí que... começou o desespero... aí os garotos mais fortes da rua... a gente chamou... né? pra pegar o cara... aí eles foram... pegaram o cara... revistaram... o cara estava de canivete... ia pegar a gente... aí... aí os garotos mandaram ele nunca mais subir lá... porque senão eles iam pegar ele... na porrada... né? ele... começou a seguir a gente... aí depois a gente deu no pé... subimos lá pra rua... ele não foi... é porque... os garotos já... falaram que ia pegar ele... (fala)</p>

<p>Excerto 13: aí ele se transforma... em qualquer bicho... tigre... leão... qualquer coisa... mas isso daí... você tem que ter um macete...pra pegar ele... e se você... souber... essa bola daí se transforma ((pigarro)) num monstro... aí...são diversos monstros... (fala)</p>
<p>Excerto 14: pegou no pescoço do garoto... balançou pra lá e pra cá e começou a correr com o neném... a avó dele estava perto dele... e correu pra... tirar... o garotinho da boca do cachorro... (fala)</p>
<p>Excerto 15: quando chegou perto de casa... ela... caiu no chão...e aí... meu pai pegou ela... levou ela até em casa... no colo... (fala)</p>
<p>Excerto 16: Foi meu pai que me contou que os dois estavam na rua eles vieram andando chegando bem pertinho de casa minha mãe levou um escorregão e caiu na poça d'água e meu pai começou a rir ele pegou ele e levou até em casa no colo. (escrita)</p>
<p>Excerto 17: os pais dela foi procurar ela... aí ele... o pai dela gritando ela “Renata... Renata...” ela não podia dizer... porque os... os outros homens que estavam atrás deles... podiam ouvir... ia pegar eles... né? aí ela não podia gritar... ela com medo... aí depois que o pai dela chegou bem perto... ela gritou... aí o pai dela levou ela pra casa... (fala)</p>
<p>Excerto 18: ele queria pegar o meu primo que estava com ela... que é pequenininho... mas aí ela correu... correu... entrou no prédio... e pegou o amigo dela e falou pra... ficar com ela... que tinha alguém pegando ela... aí ela entrou... e foi correndo contar pra mãe dela... e hoje ela está me contando isso... (fala)</p>
<p>Excerto 19: aí o barro começou a se der e ficar escorregadio aí eu fui caindo caindo agarrei num matinho e infelizmente o matinho não aqueceu e arrancoisse e eu escorrequi e caí com a boca no vaso da minha tia aí meu tio Jorge me pegou me deu para a minha mãe e ela me levou para o hospital (escrita)</p>
<p>Excerto 20: daqui a pouco veio um/ dois... dois caras lá... que... e... e começou a dar tiro... e um tiro... pegou na perna do amigo dela ... e ela achou isso muito triste... (fala)</p>
<p>Excerto 21: Então ela e o amigo dela estavam tomando conta dos carros, e então vieram dois caras e começaram a dar tiros e um tiro pegou na perna do amigo dela e ela achou isso muito triste e eu também. Foi isto que a minha tia me contou. (escrita)</p>
<p>Excerto 22: é por causa que todo mundo diz... que tem... um homem que morreu lá... um homem que/ ele passava limão... pra poder ficar deformado...” aí ele falou assim “o homem do limão...” eu falei assim “tu acredita nisso?” “eu não... só se ele me pegar... aí eu acredito nisso... né? (fala)</p>
<p>Excerto 23: Quando o bate-bola passou eu fui me abaixar. E a cadeira virou e eu furei perto do olho minha avó E minha vó me pegou correndo e quando minha colega ficou reclamando. (escrita)</p>
<p>Excerto 24: aí pegaram... aí falaram que quando pegaram... a cabeça do garoto puxou assim... que parecia que tinha quebrado o pescoço... “a cabeça dele... a cabeça dele...” todo mundo foi socorrer ele... (fala)</p>
<p>Excerto 25: e teve um dia lá que eu peguei um passarinho... um filhotinho...né? aí ele estava com ferida no bico... né? acho que acertaram alguma pedra... aí a gente/ eu peguei ele... cuidei dele... aí eu botei numa gaiola...</p> <p>...ele estava caído no chão... eu rolei a gaiola pra lá e pra cá... ele saiu rolando... né? “ih... morreu...”</p>

<p>áí eu pe/ minha avó pegou... áí jogou lá pro meio do mato... é legal lá... eu gosto... (fala)</p>
<p>Excerto 26: áí veio uma onda... ela me pegou... começou a me levar pro fundo... áí minha mãe viu e começou a... a... me/ a tentar ir pra lá que ela não sabe nadar direito... áí ela conseguiu me pe... me pegar... áí... conseguiu tirar a água que estava () engoli muita água... (fala)</p>
<p>Excerto 27: Então minha mãe viu e começou a gritar, porque eu era pequeno e ela não sabia nadar. Então minha tia correu e me pegou. Depois disso, minha mãe me colocou na natação, para poder tirar o trauma. (escrita)</p>
<p>Excerto 28: tem uns colegas meu de briga... que briga no bairro... áí... áí o moleque daqui de trás bobou... foi... pegou ele... nós estava jogando... áí meus colegas aproveitaram... e invadiram e começaram a dar paulada... saí correndo... eu e os amigos... saímos tudo correndo... ainda pegaram dois dos meus amigos e machucaram... (fala)</p>
<p>Excerto 29: ela arrumou outro namorado... áí ele ficava indo lá pra... querer voltar com ela... áí ela não quis... áí... sempre ele ia lá... áí o namorado dela falou que ia pegar ele... que ia fazer () áí outro dia... né? ele foi pro colégio... áí o namorado de... dessa garota aparece/ ela... ela também estuda lá... áí a/ áí ele foi lá... com um bocado de moleque... foi pegar ele lá no/ lá na escola... pegou ele... machucou ele...ele contou... contou isso pra gente () (fala)</p>
<p>Excerto 30: Eu e meus amigos saímos correndo. Ainda pegaram dois amigos e machucaram. (escrita)</p>
<p>Excerto 31: Ela não aceitava e um dia ela arrumou outro namorado e ele falou para o outro para de vir aqui ele continuou um dia ele estava no colégio de repente veio um monte de moleque para pegar ele pegaram e o machucaram. (escrita)</p>
<p>Excerto 32: áí uma garota falou que vai bater ne::la por causa do mari/ porque ela quer pegar o pai dela... está pegando o pai... quase que mata a garota ((riso)) foi a maior confusão... mas áí ela/ a mãe dela foi lá... perguntou a ela... áí () ela disse que era mentira... que não era nada disso...que não sei o quê... áí ela foi... começou a falar... falar... falar... foi a maior confusão isso...sabe? (fala)</p>
<p>Excerto 33: quando cheguei lá pra assistir a audiência... quando eu vinha voltando... a empresa mandou que... me pegassem... levassem para uma delegacia... mandado pela empresa... que:/ áí eu fiquei... de meio-dia até:: meia-noite na Delegacia de Roubos e Furtos de automóveis... (fala)</p>
<p>Excerto 34: ci ele saber que ela estar grávida ele vai botar ela para fora de casa pra onde ela vai morar so pode ser dibaixo da ponde ela age ja tevi uma linda garota o pai dela acha que ela pegou no ofanato para quizar dado mudo sabe que ela tevi uma minina. (escrita)</p>
<p>Excerto 35: quando foi a hora da cerimônia () antes... isso um pouquinho antes... eu peguei beijando a... tal da menina... tá? (fala)</p>
<p>Excerto 36: então ela... ela começou a gritar... gritar... sem parar... áí... disse que a... a outra colega dela falou “gente... vamos correr () eles vão nos levar pra políci/prá delegacia...” áí ela disse que pegou... segurou nas mãos da... da/ das outras e saiu correndo... (fala)</p>
<p>Excerto 37: a baleia comeu o Pinóquio... o Pinóquio... acendeu um fogo lá dentro da baleia... soltar eles... ele e o amigo dele... e o dono... áí... ele... ele botou () saiu... se perdeu da escola... a raposa pegou ele... áí depois... falou assim “Pinóquio... me dá/ eu quero seu/ quero falar com o seu dono...”</p>

(fala)
Excerto 38: as meninas/ a gente vai pro banheiro das meninas... pros meni... meninos não pegarem a gente... aí depois os meninos...querem ficar perto da/ de mim... da... da... da mi... minhas amigas... minhas amigas... saem de perto () minhas amigas... né? aí a gente fica “não... sai de perto...” aqui no parquinho a gente brinca... faz um montão de coisa... a gente fica correndo... dos meninos... pros meninos não nos pegar ... (fala)
Excerto 39: ela depois quando ela viu meu pai... ela ficou chorando... ficou com raiva... ficou nervosa... né? aí depois... ah/ “ele quer me pegar ...” eu fiquei com medo... né? dele poder ir atrás da minha mãe... (fala)
Excerto 40: a garo... a garota me contou que a mãe dela... sempre eh:... estava tabalhando de noite... aí um dia o saci apareceu e pegou ela.. (fala)
Excerto 41: ela contou uma história... de uma sereia... que ela tinha ido pro mar... aí... eh... veio um... um navio... aí era... era um moço... aí ele afundou no mar... aí ela pegou ele e levou pra terra... aí depois ela... ela... ela foi pro mar... (fala)
Excerto 42: um dia eu estava com minha colega e ela me falou que a mãe dela estava pulando corda e o sasi pegou a mãe dela. e depois a mãe nunca mais pulou corda. (escrita)
Excerto 43: Chapeuzinho Vermelho... foi levar a comida pra vó... aí... o lobo pegou ele... e comeu toda comida... (fala)
Excerto 44: ela nem gostava de pescar com ele... e tinha que pegar minhoca com a mão... e... e... pegar os peixes... pescar... (fala)
GRUPO 4- PEGAR DISCURSIVO
Excerto 1: um pouco daquele::chamado alho com:: um pouco do sal... que virou o chamado salho... não esses comprados feitos... eu falo salho porque eu estou dando uma referência... você pega ... pica um pouquinho assim na sala/ em cima da batata e mistura toda ela... uhn:: fica uma delícia... (fala)
Excerto 2: foi quando depois de um tempo... ele pegou e saiu com ela... ficou com ela... namorando ela... aquilo pra mim foi um choque... foi uma desilusão... (fala)
Excerto 3: ela “ih:: falta você::” “ué... professora... falta eu” aí ela pegou ... falou assim “espera aí que vou te dar outra prova diferente” quando eu fui ver... era a mesma prova do quarto bimestre... aí... eu... sabe? poxa...fiquei super contente... né? (fala)

Excerto 4: ela começou a gritar pro motorista... mas ela estava um pouco longe... aí o motorista resolveu parar pra ela... né? e ela...com medo de correr foi correndo com vergonha... né? não estava correndo tanto... ela estava com sapato alto... que ela ia trabalhar... e todo mundo lá no ônibus xingando o motorista “seu motorista... vamos embora... vamos embora... vamos embora...” não queria esperar... e eu sei que... quando ela correu... correu... correu... quando ela chegou lá... lá perto do ônibus... o motorista **pegou e foi** embora... deixou ela sozinha... e ela com a maior vergonha e todo mundo rindo da cara dela **(fala)**

Excerto 5: ...ele então pediu meu pai que ultrapassa-se o ônibus, quando o meu pai conseguiu ultrapassar o ônibus ele queria que meu pai solta-se do carro e o ajuda-se a pegar os ladrões, meu pai disse que não ia e ele começou a receber santo dentro do carro, com isso meu pai deu-lhe um tapa e ele caiu para fora do carro, então meu pai **pegou e foi** embora com o carro. **(escrita)**

Excerto 6: aí ela veio de grosseria... gritando que eu estava atrapalhando a aula dela desde o início... que desde o início do ano que eu queria prejudicar... aí ela **pegou e falou** que da próxima vez ela ia me tirar de sala de aula... e nisso começou me agredir:: e tal... **(fala)**

Excerto 7: tem algum macete aí...” ele “é... tem algum macete... qual é o macete?” aí ele **pegou... ensinou** pro garotinho... né? qual era o macete pra...pra... mexer o palito... que a gente coloca o palito aqui nessa unha...

“vamos fazer o seguinte... eu compro... as três rosas com você... quanto é que está?” “vinte mil...” aí ele... chegou pro garotinho “eu compro por quarenta...” “ah não... ah não...aí o garotinho se acabando de rir... nesse meio de... de conversa... né? aí... ele **pegou... agradeceu...** né? ficou lá com um tempo com o pessoal ainda... foi rodar... né? **(fala)**

Excerto 8: falaram assim “menina... posso falar com vocês?” eu falei assim “nós estamos com pressa...” aí ele **pegou e falou** assim eh... “não... mas é rapidinho... sabe o que que é? é que a gente queria conhecer vocês...” aí eu **peguei... falei** assim “não colega... nós estamos com pressa... eu tenho que ir na casa de uma colega minha...” aí ele falou “mas é rapidinho... sabe o que que é? É porque esse meu colega aqui...” era o garoto que estava com ele... “esse meu colega aqui... ele:: diz que vê você passando todos os dias aqui na rua... e::... estava a fim de te conhecer...” eu falei assim “mas quem disse que eu passo todos os dias aqui na rua?” mas eu passava mesmo... sabe? aí ele **pegou... falou** assim “não... (não sabia) quando você passa...” eu falei “quem disse que eu passo nessa rua?” aí ele **pegou... falou** assim “ué... você nunca passou?” eu falei “primeira vez que eu estou passando aqui nessa rua...” ((risos)) mas era mentira... aí... ela/ ele **pegou falou** assim “não... mas sabe o que é que é? é rapidinho... vamos ali tomar uma Coca-cola num bar...” mas o bar estava cheio de homem... eu falei assim “esse cara deve ser louco... chamando a gente pra tomar uma Coca-cola aqui... nessa hora... da... da noite... aqui nesse bar...” aí nós **pegamos... falamos** assim “não... não posso não colega...” aí ele falou assim “por que não pode?” eu falei “não posso não...” aí ele falou assim... “você toma uma Coca-cola com o meu colega e eu tomo com a sua colega...” eu falei “não... mas eu não posso não...” aí ele **pegou... falou** assim “por que não pode?” eu falei assim “não... sabe o que que é colega? é que eu tenho namorado... e ela também...” aí ele **pegou e falou** assim:: “mentira... vocês estão mentindo pra gente...” mas eu estava mentindo mesmo... aí pre/ () pra ele acreditar... eu peguei... eu falei assim “olha... eu te dou o nome e o endereço dele...” mas era um ex-namorado meu... não era o que eu estava namorando... aí eu falei “o nome dele é esse... mora na rua tal...” aí... ele **pegou e falou** assim “ah... mas colega rapidinho...” eu falei “não... não posso não... dá licença que a gente tem que ir...” aí continuei apertando o passo... fomos passear lá pra marinha... e depois pra voltar? o medo de voltar lá e eles estarem lá de novo? aí nós tivemos que dar uma volta danada... ele perguntou pra gente... antes disso... onde a gente morava... que ele levava a gente em casa... aí... eu **peguei... falei** assim “não... a gente mora lá na Vila Adelaide...” porque... “mas a gente não pode/ você não pode levar a gente porque nós/ eu/... minha mãe não deixa eu namorar... eu namorava escondido... se você for lá perto da minha rua... ela vai me ver contigo... aí vai depois brigar comigo...” aí ele falou assim “não... mas eu te levo até a metade do caminho...” eu falei “não... mas ali no Arnaldo Eugênio já... já... tem muito conhecidos... se você vier até o Arnaldo Eugênio ali no campo Mundial... eu já conheço muita gente...” ele falou assim “tá legal...” aí nós fomos embora... aí tivemos que dar uma volta danada... passar lá pela rua da feira... lá na Estrada do Pé... pra sair aqui embaixo de novo... e chegar em casa...I: aí outro dia eu estava com o meu namorado... na padaria ali... da rua do Brizolão... eu vi ele parado assim conversando com os colegas...

I: reconheceu... ele ficou... olhando assim pra minha cara... eu disfarcei assim... olhei para um lado... olhei pro outro... aí falei até com meu namorado... pra ver se ele se mancava... sabe? Mas aí ele **pegou... e continuo** olhando... quis nem saber... (**fala**)

Excerto 9: ele continuou deitado... aí... chegou um:: cara... mais velho...e chegou e falou assim “ah... se fosse na minha rua... eu já tinha mandado passar fogo nesse menino...” aí ele ficou com medo... o cara foi embora... aí ele continuou deitado... mas ele estava com medo... quando o cara foi chegando... aí o colega dele falou assim “ih... sujou...sujou... o cara está voltando...” ele **pegou... saiu** correndo... aí o cara foi embora... ele deitou ali de novo... aí chamaram a irmã dele mais velha... porque ele não tem mãe... a irmã dele... a irmã dele começou a bater nele “mas você não sabe o que fazer menino... (**fala**)

Excerto 10: uns camarada chegaram do lado dele assim...começaram a implicar com eles... pisaram no tênis deles... sabe? aí... o::... irmão dele era meio nervoso assim... aí **pegou... deu** um chute na... na perna de um cara lá... (**fala**)

Excerto 11: aí teve um filho com essa mulher... ganhou... uma/ um menino... **pegou e morreu...** aí depois ela ficou grávida de novo... aí ganhou uma menina... e ficou... ele... ele não gosta muito de menina... aí eu isso/ isso eu achei bom... pra ele pagar... porque a primeira mulher que ele teve... com a minha mãe... **(fala)**

Excerto 12: aí depois faz as quatro rodinhas... aí depois se você quiser fazer a carroceria... aí você faz... do jeito... com a/ com os outros pedaços de madeira que sobrarem... aí depois você **pega e cola...** depois você faz o que quiser com o brinquedo... **(fala)**

Excerto 13: eu pulava muito a... porta porque ela me prendia muito dentro de casa... mandou eu escolher... né? ou a rua... ou em casa... né? **peguei e escolhi** a rua... aí... no que eu escolhi a rua aí... eu che/ aí esse garoto... me levou pra casa da tia dele... do pai dele... aqui mesmo na () rua que () na casa do pai dele... então fiquei morando um bom tempo lá... **(fala)**

Excerto 14: aí eu falei/ aí ele falou “nós vamos ficar noivos hoje...” aí eu falei “gente... rápido assim?” aí ele **pegou... trouxe** () eu disse... “ah... eu quero ver as alianças... estão aí?” ele “estão...” ele amostrou... aí eu fiquei toda fe/radiante... né? **(fala)**

Excerto 15: aí minha mãe mandou eu correr... eu saí correndo... aí... depois chegou o guarda... o guarda **pegou... e botou** ele... ele... botou ele perto do juiz pra ele falar tudo... que ele fez com a minha mãe... **(fala)**

Excerto 16: minha mãe contou uma história... que era assim... a minha mãe quando era pequena ela chegava... e a minha avó **pegava e dava...** o prato dela... aí ela mesmo arrumava a comida dela... ela se virava... tinha o seu dinheiro... e o seu dinheiro ela juntava pra minha avó... porque minha avó era muito pobre... e não tinha dinheirinho de aluguel...**(fala)**

GRUPO 5- PEGAR HIPOTÉTICO/ FICTÍCIO

Excerto 1: querem dar projetos revolucionários para educação num país que eu acho que podia **pegar** um prédio velho...reformatar e manter... **(fala)**

Excerto 2: ...eu combinei de ir toda de couro... totalmente *dark* com os olhos/ com a maquiagem bem sinistra... e nós íamos de ônibus... e a minha mãe foi até acompanhando a gente porque nós íamos voltar muito tarde... então nós **pegamos/** a festa se não me engano era em... Madureira... **(fala)**

Excerto 3: ... e na montagem do programa é simples... tá... quem já mexe há muito tempo... você entra... você **pega** os comandos... na linguagem existem vários tipos de comandos... pra vários tipos de funções... é como se fosse o alfabeto... **(fala)**

Excerto 4: e levou o garotinho e a moça pro médico...nesse caminho pro médico... aí eles encontraram... um:/ eles **pegaram** um engarrafamento... que demorou muito pra chegar lá... aí eles só chegaram lá de noite... **(fala)**

Excerto 5: eu gosto de botar bastante quantidade...eu gosto de ver aquilo encorpado...de você **pegar** não é aquele caldo ralo não...

Excerto 6: Um programa de computador é semelhante ao alfabeto na qual **pegamos** várias letras e formamos uma palavra, assim também e um programa na qual usamos vários comandos como por exemplo: @ 10, 10 SAY “TESTE” **(escrita)**

Excerto 7: na linguagem existem vários tipos de comandos... pra vários tipos de funções... é como se fosse o alfabeto... você **pega** uma letra com uma outra letra... você junta... vai dar um significado... no computador é a mesma coisa... como por exemplo... eu **pego** o comando *Arroba* mais o comando... *Say*... abro aspa... **(fala)**

GRUPO 6- pegar como movimento intencional sobre uma trajetória

Excerto 1: A gente saiu correndo, **pegamos** a passagem errada e tivemos que descer por um matagal até conseguir voltar para o túnel. **(escrita)**

Excerto 2: ... aí a gente saiu correndo... cara... aí... pô... entrou na entrada errada... em vez de **pegar** pra dentro do túnel a gente **pegou** como se estivesse indo pro outro lado... aí teve que passar pelo matagal ainda ((riso)) o maior desastre... **(fala)**